

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

DRIELI VELOSO DE SOUZA

**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA E GÊNERO EM *BISA BIA*, *BISA BEL*, DE
ANA MARIA MACHADO**

**UBERLÂNDIA-MG
2023**

DRIELI VELOSO DE SOUZA

**REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA E GÊNERO EM *BISA BIA*, *BISA BEL*, DE
ANA MARIA MACHADO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia, como exigência parcial para obtenção do Título de Mestre em Educação.

Área de concentração: História das Mulheres, História dos Intelectuais, História da Infância.

Linha de pesquisa: História e historiografia da Educação.

Orientador: Prof. Dr. Selmo Haroldo de Resende

**UBERLÂNDIA-MG
2023**

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S729 2023	<p>Souza, Drieli Veloso de, 1994- Representações de família e gênero em Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado [recurso eletrônico] / Drieli Veloso de Souza. - 2023.</p> <p>Orientador: Selmo Haroldo de Resende. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Educação. Modo de acesso: Internet. Disponível em: http://doi.org/10.14393/ufu.di.2024.126 Inclui bibliografia. Inclui ilustrações.</p> <p>1. Educação. I. Resende, Selmo Haroldo de, 1967-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós- graduação em Educação. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 37</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação
Av. João Naves de Ávila, 2121, Bloco 1G, Sala 156 - Bairro Santa Mônica, Uberlândia-MG, CEP 38400-902
Telefone: (34) 3239-4212 - www.ppged.faced.ufu.br - ppged@faced.ufu.br



ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO

Programa de Pós-Graduação em:	Educação				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico, 36/2023/858, PPGED				
Data:	Vinte de dezembro de dois mil e vinte e três	Hora de início:	14:01	Hora de encerramento:	16:14
Matrícula do Discente:	12112EDU013				
Nome do Discente:	DRIELI VELOSO DE SOUZA				
Título do Trabalho:	"REPRESENTAÇÕES DE FAMÍLIA E GÊNERO EM BISA BIA, BISA BEL, DE ANA MARIA MACHADO (1977-1982)"				
Área de concentração:	Educação				
Linha de pesquisa:	História e Historiografia da Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	"AS ARTES DE GOVERNAR NO PENSAMENTO DE MICHEL FOUCAULT"				

Reuniu-se, através da sala virtual RNP (<https://conferenciaweb.rnp.br/webconf/ppged-haroldo-2020>), da Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Educação, assim composta: Professores Doutores: Fernando Rodrigues de Oliveira - UNIFESP; Raquel Discini de Campos e Selmo Haroldo de Resende - UFU, orientador(a) do(a) candidato(a).

Iniciando os trabalhos o(a) presidente da mesa, Dr(a). Selmo Haroldo de Resende, apresentou a Comissão Examinadora e o candidato(a), agradeceu a presença do público, e concedeu ao Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação do Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Selmo Haroldo de Resende, Professor(a) do Magistério Superior**, em 20/12/2023, às 16:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Fernando Rodrigues de Oliveira, Usuário Externo**, em 21/12/2023, às 04:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Raquel Discini de Campos, Professor(a) do Magistério Superior**, em 11/01/2024, às 15:02, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **5055202** e o código CRC **9837EACB**.

SOUZA, Drieli Veloso de. **Representações de família e gênero em *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado**. 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2023.

RESUMO

Esta dissertação tem como objetivo analisar as representações de família e gênero presentes na obra literária infantojuvenil intitulada *Bisa Bia, Bisa Bel*, escrita por Ana Maria Machado e ilustrada por Regina Yolanda, publicada em 1982 pela editora Salamandra. O enredo do livro conta a história da personagem Isabel, que ao encontrar uma fotografia de sua bisavó, começa a internalizar a voz dela em seus pensamentos. Posteriormente, Isabel também passa a ouvir a voz de sua neta, que ainda não nasceu, posicionando-se entre o passado e o futuro para refletir sobre suas escolhas no presente. A partir disso, essa dissertação busca analisar as relações existentes entre a obra em questão, sua autora e o contexto histórico de 1977 a 1982. Para realizar essa análise, foram feitas pesquisas bibliográficas sobre trabalhos pré-existentes que abordam o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, bem como sobre os campos da História Cultural, História da Educação e História das Mulheres. Nessa perspectiva, compreende-se a educação em um sentido amplo, que vai além do ambiente formal, reconhecendo a literatura como uma valiosa fonte para o estudo da História da Educação.

Palavras-chave: Literatura; História; Educação.

RESUMEN

Esta disertación tiene como objetivo analizar las representaciones de familia y género presentes en la obra literaria infantil y juvenil titulada *Bisa Bia, Bisa Bel*, escrita por Ana María Machado e ilustrada por Regina Yolanda, publicada en 1982 por la editorial Salamandra. La trama del libro narra la historia de la personaje Isabel, quien al encontrar una fotografía de su bisabuela, comienza a internalizar su voz en sus pensamientos. Posteriormente, Isabel también empieza a escuchar la voz de su nieta, que aún no ha nacido, posicionándose entre el pasado y el futuro para reflexionar sobre sus decisiones en el presente. A partir de esto, esta tesis busca analizar las relaciones existentes entre la obra en cuestión, su autora y el contexto histórico de 1977 a 1982. Para llevar a cabo este análisis, se realizaron investigaciones bibliográficas sobre trabajos preexistentes que abordan el libro *Bisa Bia, Bisa Bel*, así como sobre los campos de la Historia Cultural, Historia de la Educación e Historia de las Mujeres. Desde esta perspectiva, se comprende la educación en un sentido amplio, que va más allá del entorno formal, reconociendo la literatura como una valiosa fuente para el estudio de la Historia de la Educación.

Palabras-clave: Literatura; Historia; Educación.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Livro <i>Bisa Bia, Bisa Bel</i> , impresso em 1990, com ilustrações de Regina Yolanda, publicado pela Editora Salamandra.....	25
Figura 2 - Ilustração da letra inicial bordada.....	26
Figura 3 – Bordado e Escrita.....	27
Figura 4 - Capas de <i>Bisa Bia, Bisa Bel</i> em diferentes edições e editoras	30
Figura 5 - Ilustração de <i>Bisa Bia</i> comparada.....	33
Figura 6 - Isabel com Neta Beta e <i>Bisa Bia</i>	34
Figura 7 - Meninas de antigamente	48
Figura 8 - Capa do livro <i>Era uma vez um tirano</i> (2005)	52
Figura 9 - Desenho infantil da personagem Isabel	59
Figura 10 - Capa do álbum <i>Índia</i> , de Gal Costa, lançado em 1976.....	66
Figura 11 - Gal Costa vinil de <i>Bem Bom</i> (1985)	67
Figura 12 - A tesoura, a agulha e o dedal	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Livros de Ana Maria Machado aprovados no PNBE/1999	32
Quadro 2 - Livros de Ana Maria Machado aprovados no PNBE/2001	32
Quadro 3 - Livros publicados por editora e os prêmios recebidos.....	41

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO 1 – BISA BIA, BISA BEL	15
1.1. O enredo	15
1.2. Pesquisas sobre Bisa Bia, Bisa Bel	17
1.3. A Materialidade	24
1.4. O livro Bisa Bia, Bisa Bel no Mercado Editorial	28
1.5. Ana Maria Machado: a autora singular e plural	36
CAPÍTULO 2 – DAS INSTITUIÇÕES	44
2.1. A família	44
2.2. A Educação das Mulheres no Brasil	55
2.2.1. <i>A leitura na escola</i>	57
CAPÍTULO 3 –MULHERES	63
3.1. Trajetória	63
3.2. A crítica literária na produção de Escritoras Brasileiras	69
3.3. Análise da obra	70
3.3.1. <i>Conversas de antigamente</i>	70
3.3.2. <i>Meninas que assoviam</i>	72
3.3.3. <i>Um espirro e uma tragédia</i>	79
3.3.4. <i>A dona da voz misteriosa</i>	83
3.3.5. <i>Trança de gente</i>	84
CONSIDERAÇÕES FINAIS	89
REFERÊNCIAS	93

AGRADECIMENTOS

Dedico esta dissertação à todas as mulheres da minha família: minha filha Sophie, às primas Mônica, Laura e Maria, à tia Raquel, à minha mãe Janete e até as que já se foram, como a minha avó Maria Piedade, avó Zoraide e minhas bisavós Ana e Izabel. E as muitas outras primas e tias que estão sempre nas minhas memórias afetivas. Todas essas mulheres são um pouco de mim e de alguma forma essa conquista é delas também. Obrigada.

Agradeço ao meu companheiro Alejandro pelo apoio e companheirismo.

Agradeço imensamente ao professor Haroldo Rezende pela orientação e pela paciência ao longo deste processo. Sou grata à professora Raquel Discini de Campos pelas aulas enriquecedoras que tive a oportunidade de participar. Além disso, agradeço ao professor Fernando Rodrigues de Oliveira por sua disponibilidade e vontade de contribuir com a pesquisa desde o nosso primeiro contato.

Agradeço os colegas da linha de pesquisa Fábio Júlio Fernandes e Marco Antônio de Santana por abrirem o caminho da literatura e por me indicar referências. À Lohanne Gracielle Silva, por compartilhar suas pesquisas sobre Clarice Lispector, que certamente foram referências importantes para este trabalho. À Ester Figueira Costa, minha colega de grupo de pesquisa que por vezes me auxiliou e incentivou.

Agradeço em memória do professor Carlos Rodrigues Brandão, por todos os ensinamentos de ordem cotidiana e poética, além de sua vasta contribuição acadêmica.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa se origina no estudo de Iniciação Científica, realizado durante a Graduação em Pedagogia, tendo como orientadora a professora doutora Raquel Discini de Campos. Foi nessa época que me aproximei da História Cultural e da História e historiografia da Educação. Participei de disciplinas, de defesas e conheci os trabalhos voltados à literatura dos colegas de linha de pesquisa Fábio Júlio Fernandes e Marco Antônio Santana. Assim, vislumbrei alguns horizontes, até que encontrei na literatura um desejo, um norte e, enfim, a força inicial desta pesquisa.

Entre as possibilidades de fonte literária estava *Bisa Bia, Bisa Bel*, livro que conheci no início da graduação em Pedagogia quando uma colega de sala e amiga, Débora Santana, me disse que essa era uma das leituras que havia marcado a sua infância. Eu já conhecia diversas obras de Ana Maria Machado, mas essa em especial foi significativa para mim, pela abordagem da narrativa dos dilemas internos da personagem Isabel.

Também tenho tanto um interesse pessoal quanto profissional pela literatura, por ser professora da Educação Básica e reconhecer a importância fundamental da leitura na formação humana e no desenvolvimento do leitor literário. Além disso, as obras de Nunes e Carvalho (1993) e Ferreira (2009) destacam a literatura como uma rica fonte de conhecimento para a História e a História da Educação.

A utilização desse tipo de fonte é resultado da revolução documental ocorrida na História Cultural, que amplia as fontes tradicionais utilizadas por outros métodos de escrita histórica. A Nova História Cultural estabelece diálogo com outras disciplinas, como a Psicanálise, a Sociologia e a Antropologia. Dessa forma, sensibilidades, modos de vida, modos de leitura, representações e outros elementos passam a integrar os novos temas e desafios no campo historiográfico.

Dentre as possibilidades de autores para análise da literatura infantil, Ana Maria Machado se destaca por sua relevância e por suas temáticas. A obra escolhida, *Bisa Bia, Bisa Bel*, foi amplamente difundida nas escolas por meio de financiamento do Programa Nacional Biblioteca da Escola e há décadas acompanha a formação de estudantes no Brasil, seja por projetos intencionais de professores ou por leitores curiosos que buscam em prateleiras de bibliotecas um livro para ler.

Há um interesse pessoal em compreender questões relacionadas à História das Mulheres, sobretudo no recorte de tempo definido para essa pesquisa, 1977 a 1982, sendo

1977 o ano de publicação do primeiro livro infantojuvenil da autora Ana Maria Machado, *Bento-que-bento-é-o-frade* (1977), e 1982 o ano que marca a publicação do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* (1982) que é o objeto de pesquisa dessa dissertação. Esse recorte temporal foi pensado tendo em vista as contribuições de algumas obras publicadas nesse período, que acentuam o papel de intelectual mediador exercido por Ana Maria Machado, nas décadas de 1970 e 1980.

Entende-se o conceito de intelectual mediador de acordo com Sirinelli (1988), que é atrelado a história dos intelectuais, em busca de elucidar sobre a relevância de Ana Maria Machado para a História. Nesse sentido, utiliza-se os estudos de Gomes; Hansen (2016) e Alves (2019). Alves aponta três chaves de análise de acordo com Sirinelli, o itinerário intelectual, as redes de sociabilidade e a geração do intelectual em questão a fim de se aproximar das disputas políticas do período analisado.

O interesse pelo livro *Bisa Bia, Bisa Bel* me trouxe aos seguintes questionamentos: como a literatura infantojuvenil se relaciona com o seu tempo de produção? Como Ana Maria Machado representa a família em *Bisa Bia, Bisa Bel*? Quais são as representações de mulher presentes em *Bisa Bia, Bisa Bel* e como elas se relacionam ao contexto social e cultural de seu tempo de produção?

A partir dessas reflexões, surge a necessidade de mobilizar fontes, reconhecendo a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* como um artefato cultural significativo do seu tempo e contexto de produção, em consonância com as ideias de Le Goff (2003), que argumenta que todo documento é um monumento, construído com intenções conscientes ou inconscientes de quem o produziu.

Além disso, ao utilizar o livro como fonte, é imprescindível considerar a sua data de produção e circulação, assim como as condições materiais envolvidas em sua publicação. Também é importante compreender a intenção da autora na construção dos personagens e cenários, bem como as possíveis representações presentes em seu imaginário e na criação ficcional.

Entre os referenciais teóricos que tratam da literatura como fonte, destaco as contribuições de Chartier (1998) no que diz respeito à materialização do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, em busca de analisar as diferentes edições, capas e suas condições de produção.

Sobre o conceito de representação, Ginzburg (1998) destaca que a representação pode evocar tanto a ausência quanto a presença da realidade, sendo um processo complexo e fluido. Segundo Ginzburg, a representação é um processo complexo que envolve a criação de significados através de símbolos, imagens, palavras e outras formas

de expressão cultural. Para ele, as representações não são meras reproduções da realidade, mas construções simbólicas que moldam nossa percepção e compreensão do mundo.

Nesse sentido, as representações são mediadoras entre o indivíduo e a sociedade, permitindo a comunicação, a negociação e a construção de identidades coletivas. Elas estão presentes em diferentes esferas da vida social, como a arte, a literatura, a religião, a política, a escola e até mesmo nas práticas cotidianas.

Uma das contribuições mais significativas de Ginzburg para a compreensão das representações é o conceito de "indícios". Ele argumenta que os indícios são pistas sutis presentes nas representações culturais que revelam as tensões, os conflitos e as contradições presentes em uma sociedade. Ao analisar esses indícios, é possível desvendar significados ocultos e compreender as relações de poder e as dinâmicas sociais implícitas.

No contexto da literatura, especialmente no gênero do romance, a representação do real é um elemento central. Os romances buscam se aproximar da vida cotidiana, explorando seus dilemas e cenários possíveis. No caso da personagem Isabel, de *Bisa Bia, Bisa Bel*, é pertinente questionar quais seriam os cenários, problemas e dilemas que ela poderia enfrentar.

A compreensão do ano de publicação da obra e do contexto político e social em que a autora, Ana Maria Machado, estava inserida é fundamental para a análise do texto. Esses elementos históricos podem fornecer uma compreensão mais profunda e enriquecedora para os leitores contemporâneos, permitindo a reflexão sobre as problemáticas apresentadas em *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Além disso, é relevante questionar em que medida as questões levantadas no livro foram superadas ao longo do tempo. Isso envolve uma reflexão crítica sobre as transformações sociais, políticas e culturais ocorridas desde a publicação da obra. Analisar se os problemas e dilemas abordados ainda persistem ou se houve mudanças na sociedade é uma maneira de compreender a relevância contínua da obra para os leitores contemporâneos. Dessa forma, busca-se considerar a relação entre representação, literatura e a História.

Para uma melhor compreensão da escrita de si presente na obra em análise, é relevante destacar a contribuição de diferentes estudiosos nessa área. O livro *A aventura de contar-se* de Rago (2013) oferece perspectivas relevantes sobre a escrita autobiográfica de mulheres no período da ditadura cívico-militar brasileira.

Para a análise a partir da História das Mulheres, é fundamental destacar a contribuição da historiadora francesa Michelle Perrot (2007). Sua abordagem se baseia no pressuposto de que a História tradicionalmente considerada hegemônica muitas vezes negligenciou o ponto de vista das mulheres, refletindo predominantemente perspectivas masculinas da realidade social.

No entanto, é importante ressaltar que, desde a primeira onda do feminismo até os dias atuais, houve avanços significativos na escrita da História, especialmente no que diz respeito à inclusão das vozes e experiências das mulheres. Um marco importante nessa mudança de perspectiva foi a crescente presença das mulheres nas universidades, como estudantes, pesquisadoras e professoras.

Essa transformação progressiva permitiu uma maior diversidade de sujeitos e objetos históricos, ampliando a análise e proporcionando uma compreensão mais abrangente das experiências e contribuições das mulheres ao longo da história.

Ao considerar as contribuições de Michelle Perrot e outras historiadoras engajadas na escrita da história das mulheres, é possível realizar uma análise mais completa e inclusiva, levando em conta a multiplicidade de perspectivas e reavaliando os registros históricos à luz dos diversos aspectos da experiência feminina.

Os estudos sobre História da Educação também têm um papel relevante para a análise da obra. Assim, o autor Franco Cambi pode fornecer contribuições valiosas nesse campo de estudo.

O diálogo crítico com esses autores e suas obras permite uma análise mais profunda e abrangente das questões de gênero, família e educação presentes na obra de Ana Maria Machado.

No primeiro capítulo, apresento a obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, explorando seu conteúdo, edições e características materiais, bem como seu formato de apresentação. Além disso, realizo um levantamento bibliográfico sobre as pesquisas existentes acerca do livro, ressaltando que são escassas e, em sua maioria, concentradas nos Programas de Pós-Graduação de Letras, Literatura e Linguística, com pouca presença nos Programas de Pós-Graduação em Educação.

Diante dessa lacuna, este trabalho tem como objetivo realizar uma análise de *Bisa Bia, Bisa Bel* sob a perspectiva da História da Educação, buscando compreender seu contexto e suas contribuições nesse campo específico. No capítulo I também investigo as diferentes edições do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* disponíveis no mercado editorial. Além disso, faço uma breve contextualização sobre a vida da autora Ana Maria Machado.

No segundo capítulo busco fazer uma fundamentação acerca da família enquanto instituição, além de uma breve contextualização sobre a educação das mulheres no Brasil de acordo com Costa (2004) e busco responder a problematização acerca do uso dos livros disponíveis nas escolas, em especial, o uso do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*.

O terceiro capítulo conta com uma breve introdução a História das Mulheres, em seguida examino a crítica literária relacionada à produção feminina na literatura e na literatura infantojuvenil, a fim de ampliar o entendimento sobre a obra em questão. Por fim, faço a análise de quatro capítulos do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* a partir do referencial teórico da História das Mulheres, enfocando personagens que permitem compreender as transformações históricas e geracionais da relação entre as personagens e a dinâmica social de seu tempo de publicação.

Por último apresento as conclusões finais, considerando as análises feitas ao longo do texto, conforme indicado por Chartier (1998) no ponto de vista da materialidade, da crítica, dos leitores, e do conteúdo do objeto escolhido, o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado em diálogo com as demais autoras de seu tempo, a título de exemplo, Ruth Rocha, Lygia Bojunga e Marina Colassanti

É importante ressaltar que questionamentos recentes têm levantado críticas ao binarismo de gênero, sugerindo a necessidade de superar a visão estrita de homem e mulher para considerar as diversas interseções existentes na sociedade. Concordo com essa perspectiva, especialmente considerando que, por muito tempo, a História das Mulheres foi negligenciada nos escritos históricos, de modo que a experiência masculina era considerada universal, enquanto a vivência feminina era relegada a um papel secundário ou até mesmo invisível.

Dessa forma, é crucial para esta pesquisa trazer à tona a História das Mulheres, bem como destacar as questões de gênero, literatura e História da Educação. Ao analisar a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado, temos a oportunidade de explorar as representações de escola, família e gênero sob uma perspectiva que considera as vivências, lutas e contribuições das mulheres na sociedade.

CAPÍTULO 1 – BISA BIA, BISA BEL

Sabe? Vou lhe contar uma coisa que é segredo. Ninguém desconfia. É que Bisa Bia mora comigo.

Ninguém sabe mesmo. Ninguém consegue ver.

Pode procurar pela casa inteira, duvido que ache. Mesmo se alguém for bisbilhotar nun cantinho da gaveta, não vai encontrar. Nem se fuçar debaixo do tapete. Nem atrás da porta. Se quiser, pode até esperar uma hora em que eu esteja bem distraída e pode espiar pelo buraco da fechadura do meu quarto. Pensa que vai conseguir ver Bisa Bia? Vai nada...

Sabe por que? É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim.

Bisa Bia, Bisa Bel – Ana Maria Machado

1.1. O enredo

Publicado pela primeira vez em 1982, pela editora Salamandra, *Bisa Bia, Bisa Bel* é um livro em que a personagem principal, Isabel, encontra uma fotografia de sua bisavó Beatriz e acaba incorporando essa personagem em sua imaginação. Na imagem, a bisavó é retratada durante sua infância. Essa conexão visual promove a identificação de Isabel com a menina da fotografia, que foi criança como ela em outro tempo histórico.

O enredo se inicia com a mãe de Isabel fazendo uma faxina na casa, abrindo armários, jogando coisas que estavam guardadas fora. A personagem Isabel chega da escola e se depara com a cena da casa cheia de coisas reviradas, prontas para serem descartadas, doadas ou remanejadas pela casa. Entre estas coisas, estava uma pequena caixinha de madeira, que, dentro continha um envelope velho com várias fotografias. Primeiro Isabel vê uma foto de sua mãe quando criança brincando e acha aquilo muito engraçado, pois sua mãe que agora era adulta já havia sido criança um dia. O cenário das fotos é o Rio de Janeiro, e a mãe de Isabel segue contando suas histórias da infância através das fotografias no Cristo Redentor, na Praça Paris e no bondinho da cidade.

Após muita conversa sobre a infância da mãe, Isabel encontra uma fotografia de formato oval, de cor sépia, que chama muito a atenção da personagem. A menina se encanta com os detalhes presentes na imagem: uma boneca em uma mão, um arco parecido a um bambolê na outra, Isabel pensa que é a foto de uma boneca e chega a pedir aquela boneca da fotografia de presente para sua mãe. Então descobre que é uma fotografia mais antiga, de sua bisavó cujo nome era Beatriz, apelidada por Isabel de Bisa Bia.

Então Isabel decide levar a fotografia junto com ela para a escola. Mas, a foto não cabia no bolso. Afinal, Bisa Bia não queria entrar em uma roupa com bolsos, achava muito moderno. Isabel levou a foto grudada na pele e depois de um dia inteiro com a bisavó colada na cintura ela fica grudada como uma “Tatuagem Transparente”, como diz o título do capítulo III. E assim se iniciam diálogos entre o passado e o presente, entre Bisa Bia e Isabel.

As conversas entre Isabel e Bisa Bia elucidam, para a personagem principal e para o jovem leitor, como era o modo de vida de meninas e meninos antigamente, como era ir ao banheiro, quais eram os móveis de uma casa, como se chamavam os doces e, sobretudo, como uma menina deveria se portar. Ao longo do livro há diversos conflitos geracionais que aparecem em situações cotidianas, sendo a sua maioria na escola, onde Isabel toma determinada atitude, mas Bisa Bia aconselha que ela faça diferente para que Isabel tenha um comportamento mais adequado a uma menina.

Há conflitos na obra que estão ligados ao fato de Isabel gostar de um colega da escola, o personagem Sérgio. Buscando agradá-lo, Bisa Bia diz como Isabel deve se vestir, diz que ela não deve assobiar, não deve subir em árvores, ou seja, deve ser uma garota bem-comportada, exemplo de feminilidade.

No capítulo VI, *Um espirro e uma tragédia*, acontece a cena que talvez seja a mais divertida do livro, que é quando a personagem Isabel está resfriada e espirra na frente de Sérgio, e percebe que seu papel, que servia de lençinho, havia sumido. No fim das contas, era Bisa Bia quem tinha deixado, de propósito, o papel cair no chão esperando que o menino entendesse o sinal de seu tempo, de que Isabel estava indicando seu amor por ele. Bisa Bia conclui que Sérgio é mal-educado ou que a modernidade é culpada por usar lenços de papel e não mais os lençinhos de tecido bordados como antigamente. Assim, apesar da situação da personagem Isabel parecer trágica, o “humor – na literatura e na vida – não é contar piada, fazer graçolas ou um comentário boboca e, óbvio, muito menos ser explícito... Também não é ficar rindo de bobeira pura. É muito mais” (Abramovich, 2004, p. 64). Nesse sentido, entre suas diversas funções, o humor serve como um embaraço de valores geracionais exacerbando a inadequação dos conselhos de Bisa Bia.

Aos poucos aparece uma nova personagem na imaginação de Isabel, é sua neta Beta, ela conta que encontrou uma fotografia de Isabel pequena, com uma foto antiga na mão, demonstrando uma certa similaridade com a forma que Isabel encontrou a foto de Bisa Bia. Assim, com duas vozes em sua cabeça, uma do passado e outra do futuro, Isabel

analisa duas perspectivas diferentes frente a situações do seu cotidiano e de sua vida, em busca de seu próprio caminho.

No último capítulo de *Bisa Bia, Bisa Bel, Trança de gente*, Isabel volta à escola depois de se recuperar do resfriado e de passar por diversos conflitos internos, já se sentindo em paz com Bisa Bia e com a Neta Beta. A personagem descobre que chegaram novos alunos na escola, um casal de gêmeos, que passaram um tempo no exílio com os pais e que, por isso, falam com um sotaque diferente e apresentam comportamentos modernos. O aluno novo, Vítor, conta na aula de História que sente saudades de seu avô que morreu quando ele e sua família estavam longe.

A personagem Isabel fica espantada ao ver o menino chorando, mas se sensibiliza quando o Vítor conta que seu avô dizia que as gerações futuras aprendem com o passado para criar um futuro melhor. Desse modo, o livro termina com uma reflexão de Isabel, de que, assim como uma trança, o passado, o presente e o futuro são partes que se complementam. E que com o tempo a trança fica um pouco melhor.

1.2. Pesquisas sobre *Bisa Bia, Bisa Bel*

Há poucos trabalhos de pesquisa sobre essa obra. No âmbito acadêmico, de acordo com o site do Banco de Teses da Capes, em uma pesquisa realizada no ano de 2022, utilizando o título “*Bisa Bia, Bisa Bel*” encontram-se doze trabalhos¹. Dentre eles, nove são da área de Letras e Linguística, um de Psicologia e dois relacionados a programas de Educação. Entre os temas, destacam-se as análises relacionadas a questões de gênero.

As pesquisas encontradas sobre Educação vinculadas a *Bisa Bia, Bisa Bel*. No trabalho de Nunes (2012, p. 8) há uma análise do imaginário “a partir da simbologia da palavra e da ilustração na literatura infantil e juvenil (...), bem como sua contribuição para a formação do leitor considerando alguns aspectos da teoria do imaginário de Gilbert Durand” estas análises foram feitas a partir das obras *Menina Bonita do Laço de Fita* e *Bisa Bia, Bisa Bel*. Foram analisadas 23 imagens, sendo 10 de *Menina Bonita do Laço de*

¹ É importante destacar que a busca por *Bisa Bia, Bisa Bel* no Banco de Teses da Capes mostra apenas dissertações e teses com esse termo de busca. Assim, acabam ficando de fora da busca outros trabalhos que utilizam a mesma obra como objeto de análise, mas possuem outros títulos ou palavras-chave. Digo isso porque a pesquisa da autora Máisa Barbosa da Silva Cordeiro, da área de Letras, é uma fonte importante para quem pesquisa Ana Maria Machado, mas havia ficado de fora dessa busca no Banco de Teses da Capes. Foi após a banca de qualificação e os apontamentos do professor Fernando Rodrigues de Oliveira que o incluí nesta pesquisa.

Fita e 13 de Bisa Bia, Bisa Bel. No texto, a autora afirma que fez a escolha de análise a partir dos oito capítulos presentes no livro.

Nunes (2012) compara a o ato de tecer à construção da trama do livro, partindo de encontros geracionais. Analisa a bipolaridade representada entre a bisavó Bia e a bisneta Beta, na qual a personagem Bel reflete sobre o passado e o presente para encontrar soluções para seus problemas cotidianos. Nunes ainda afirma que a personagem principal compõe uma tríade, segundo a qual ela analisa as duas personalidades da bisavó (passado) e da bisneta (futuro), tentando compreender a nova voz que aparece, que ainda não se apresenta mas é a representação de sua bisneta.

Percebemos que, apesar do conflito, o relacionamento entre as gerações tende a ser harmonioso, mesmo que as personagens precisem passar por algumas situações que envolvam as diferenças de valores culturais, sociais e temporais, e estimulem, por instantes, uma cisão. (Nunes, 2012, p. 123)

Desse modo, apesar de vivenciar diversos conflitos ao longo do livro com as personagens em seu inconsciente, de acordo com Nunes, há uma harmonia que rege e sintetiza o modo de pensar da personagem principal, levando em consideração as diferentes perspectivas que lhe são apresentadas. Ou seja, há um entrelaçamento geracional apresentado durante os conflitos da personagem principal.

Há que se destacar outro trabalho encontrado no Banco de Teses da Capes, do programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Espírito Santo, cujo problema é “como a literatura infantojuvenil, *Bisa Bia, Bisa Bel*, de Machado, evidencia o trançar da trajetória feminina?” (Bergami, 2015). Para esta autora

O encontro com os antepassados permite usufruir da sabedoria e do conhecimento emanado das antigas gerações. Essa experiência, então, pode ser vivida pelo interlocutor no ato da leitura do texto. Este, se fazendo ouvir indiretamente, por intermédio das vozes das personagens jovens, adultas e idosas e também por meio das ideias sugeridas pela simbologia das imagens e dos elementos textuais que ilustram/compõem a história, fala do universo feminino, focalizado por distintos ângulos. (Bergami, 2015, p. 110)

Com isso, a autora afirma que Ana Maria Machado torna o texto uma leitura confortável, por apresentar a figura feminina da avó, e, ao mesmo tempo, leva o leitor a refletir sobre práticas femininas ao longo da História. Sendo que a troca de pontos de vista fornecidos ao leitor, provoca a reflexão sobre diferentes formas de ver o mundo.

Em concordância com Bakhtin, Bergami (2015) afirma que a narrativa soa como uma provocação às bases sociais do leitor. De modo que, os conceitos de “texto de prazer”

e “texto de fruição” sejam experienciados pelo leitor. Assim, para essa autora a obra de Ana Maria Machado contribui para uma mudança social, ou no mínimo para a humanização quanto ao papel social da mulher e as mudanças históricas pelas quais as mulheres passaram.

No trabalho de mestrado de Barbosa, que possui graduação em Letras mas obteve o título de mestre em Educação, ela afirma que:

No Brasil, a maioria da produção literária infanto-juvenil, até meados da década de 1940, esteve fundamentada em conceitos pedagogizantes com o objetivo de instituir regras morais e de comportamento que deveriam ser seguidas pelas crianças. Desse modo, a leitura de livros infanto-juvenis era geralmente direcionada para o campo pedagógico e moralizante, deixando o entretenimento e o prazer da leitura escanteados. Na narrativa, com Monteiro Lobato e suas obras, o viés estético e literário ganhou notoriedade, apesar de alguns de seus textos manterem certo caráter didático. (Barbosa, 2019, p. 9)

E ainda destaca a personagem Emília, criada por Lobato, que rompe com os padrões de feminilidade apresentados na literatura infantil realizada até então. Contudo, para além de Emília, Monteiro Lobato foi o difusor da literatura infantil no Brasil do início do século XX, seja por suas obras ou pelas traduções realizadas pelo autor. Mas qual seria o intuito da escrita de Ana Maria Machado?

A escrita de Ana Maria Machado é conhecida pela preocupação com a realidade histórica e social do Brasil, embora esse conhecimento não se sobreponha ao viés estético e literário. A escritora trata a criança/adolescente como um ser inteligente e crítico e, por isso, a maioria de suas obras são sempre direcionadas para a expansão do universo que estimula sua liberdade e se apoia em uma linguagem em que o lúdico se faz presente. Considerando as características da escrita de Machado, é válido destacarmos que o seu livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, publicado no início da década de 1980, revela o alargamento da produção estética com a presença de um discurso atualizado e que tem alcançado grande visibilidade: o debate sobre as questões de gênero. (Barbosa, 2019, p. 10)

Barbosa (2019) ainda afirma que a autora rompe com o padrão de textos nos quais o personagem é só bom, ou só ruim. Para esta autora, no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* Ana Maria Machado cria uma personagem complexa que interage com o leitor, levando-o a tomar uma posição frente às possibilidades de leitura que lhe são apresentadas.

O conceito de tríade, presente no trabalho de Nunes (2012) também aparece no de Barbosa (2019), de modo que esta última afirma que “Beatriz, Isabel e Neta Beta, constituem uma trilogia temporal: o passado, revelado por Beatriz; o presente, vivenciado por Isabel; e o futuro, apresentado por Neta Beta.” (Barbosa, 2019, p. 10). Para as autoras,

é a partir da reflexão sobre o passado, o presente e o futuro que a personagem encontra o seu próprio caminho.

Nesse sentido, Barbosa justifica a necessidade de trabalhar *Bisa Bia, Bisa Bel* em sala de aula, pois para a autora o livro é uma ferramenta importante para discutir na escola a desigualdade de gênero a partir de uma leitura crítica.

Quanto à escolha da narrativa, o livro é narrado da perspectiva de Isabel, uma menina que, apesar de o livro não revelar a idade, deve ter por volta dos 11 anos. Assim, seus dilemas estão relacionados à vida cotidiana, sobretudo, na escola.

O tempo utilizado é o contemporâneo da diegese. Mesmo no momento em que há o embate entre gerações, tanto o passado quanto o futuro são trazidos para o tempo da protagonista, Bisa Bia, que também é a narradora. Ela apresenta, constantemente, sua avaliação às situações vivenciadas. Toda a narrativa passa por seu crivo. (Cordeiro, 2019, p. 112)

Há, portanto, uma imersão do leitor no universo de Isabel no qual a polifonia² se torna presente nos diálogos da personagem com Bisa Bia, momento em que o leitor recebe mais de um ponto de vista da situação. Entretanto, há uma exacerbação nos conselhos de Bisa Bia, que na maioria das vezes são percebidos como antiquados. Dessa forma, o leitor é questionado sobre qual caminho é o mais viável: seguir os conselhos de Bisa Bia ou ter comunhão com a personagem Isabel, evocando o dialogismo³.

De acordo com Cordeiro (2019), a partir da segunda onda feminista⁴, foram introduzidas mudanças na produção de livros de literatura infantojuvenil, que passaram a incluir um discurso crítico sobre as relações de gênero. Para analisar essas mudanças, Cordeiro utiliza o método da Ginocrítica, que consiste na análise de gênero na literatura.

De acordo com a autora, é essencial considerar a diversidade das vivências e representações femininas, a fim de compreender as diferenças entre as mulheres enquanto escritoras, levando em conta aspectos como classe social, raça, nacionalidade e história. Esses elementos são apontados como determinantes literários tão significativos quanto o gênero. Pois, as experiências femininas são diversas “Algumas incorporam um discurso

² O conceito de polifonia de Bakhtin indica a pluralidade de vozes presentes em um texto, que possibilitam o diálogo, a interação, a experiência cultural e o enriquecimento da complexidade humana.

³ Para Bakhtin, o dialogismo está intimamente relacionado ao conceito de polifonia, mas enfatiza mais especificamente a natureza interativa da linguagem.

⁴ No campo da historiografia denomina-se Primeira Onda Feminista o movimento Sufragista, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX. Este período é marcado pela luta do movimento feminista para obter direitos civis iguais aos homens, tendo como principal reivindicação o direito ao voto. O legado deste movimento é mobilização das mulheres na política e sua influência em movimentos posteriores pela busca de igualdade em outras áreas, como educação, emprego e direitos civis.

feminista bastante direto e claro, enquanto outras, por meio de uma linguagem mais metafórica e simbólica, também questionam as desigualdades de gênero” (Cordeiro, 2019, p.126).

Em sua tese, Cordeiro (2019) aponta cinco estratégias de questionamento dos papéis de gênero e de combate ao machismo, analisadas pela autora em obras infantojuvenis publicadas entre 1979 e 1984. As estratégias são: ironia, interlocução, inversão de papéis tradicionais de gênero, metáfora e denúncia das desigualdades.

Além das estratégias, a autora elenca quatro temas para análise de gênero. O primeiro é o lar, espaço em que as personagens podem se sentir livres e seguras. No segundo tema, papéis diluídos, Cordeiro busca demonstrar como as personagens desconstroem os papéis de gênero em seus discursos e práticas. No terceiro tema, o enfrentamento, a autora apresenta os embates quanto às situações machistas e quais são os resultados desses embates nas obras analisadas. No último, analisa de modo comparativo as personagens e suas experiências de gênero.

Ao analisar *O lar*, a autora destaca que a casa é um espaço de disputas, pois o papel atribuído às mulheres era restrito ao ambiente doméstico, enquanto os homens eram encarregados de trabalhar e prover sustento para a família. Nesse sentido, a casa é apresentada pela autora como o espaço da mãe, e afirma que a “escolha pela análise do lar se deu porque a segunda onda feminista se caracterizou, entre outros aspectos, por promover uma profunda politização da vida cotidiana” (Idem, 2019, p. 129).

Dessa forma, de acordo com Cordeiro, as personagens, antes de se relacionarem com o mundo externo, vivenciam o espaço interno da casa, no qual são influenciadas por modelos de comportamento e papéis de gênero. Ao analisar diferentes livros publicados por mulheres relevantes na literatura infantojuvenil, entre os anos 1980 até 1986, de modo comparativo, a autora observa que no livro de contos *Uma idéia toda azul* de Marina Colasanti, o lar se apresenta para as personagens femininas como uma prisão ou uma

experiência solitária⁵. Por outro lado, os personagens masculinos retratados nos contos ocupam posições de autoridade em casa, ocupam o espaço público e exercem domínio sobre as mulheres.

Já no livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, Cordeiro destaca que “O lar, então, em *Bisa Bia, Bisa Bel*, é lugar de acolhida para a pré-adolescente. É nele que ela se refugia quando as suas pequenas peripécias não acabam bem, ou quando o menino pelo qual é apaixonada não corresponde às suas tentativas de aproximação” (Cordeiro, 2019, p. 148), e ressalta que é no lar que Isabel tem contato em tom memorialístico, com o passado de sua bisavó. Nesse sentido, pode ser observado em *Bisa Bia, Bisa Bel* uma tentativa de aproximação de Ana Maria Machado com o universo de suas avós, através dos móveis, das práticas, como o bordado, e da presença feminina ancestral no inconsciente da personagem Isabel.

Cordeiro analisa outros livros infantojuvenis, que têm diversas representações sobre o significado da casa. E conclui que, em geral, o espaço da casa é conquistado pelos homens. Nesse sentido, as fontes literárias analisadas por Cordeiro exacerbam a representação do domínio masculino em casa ou rompem com esse padrão e apresentam um modelo alternativo à dominação masculina.

Ao analisar *As angústias*, em *Bisa Bia, Bisa Bel*, Cordeiro afirma que os dilemas da personagem Isabel são relacionados aos conflitos geracionais pelos quais a personagem passa a ter contato após iniciar os diálogos internos com Bisa Bia. Além disso, outra angústia da personagem Isabel é sobre seus sentimentos pelo personagem Sérgio, “percebemos as mudanças no comportamento da mulher na confluência entre as três gerações: para a bisavó, Isabel precisava ser mais delicada e feminina para chamar a atenção de Sérgio, mas, para a bisneta, ela não devia mudar para agradá-lo” (Cordeiro, 2019, p. 173). Contudo, a autora afirma que, em geral, o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* traz o foco da narrativa para a relação existente entre as personagens mulheres.

⁵ Esse aspecto pode ser observado em diversos contos de fadas clássicos. No conto *O Barba Azul*, por exemplo, havia duas irmãs humildes que tinham como vizinho um misterioso homem de barba azul que já havia sido casado, mas, todas as suas esposas acabavam sumindo. O Barba-Azul demonstrou interesse em se casar com as irmãs e ofereceu banquetes e festas até que uma delas aceita o pedido de casamento. Após se casar, o marido sai para uma viagem e entrega um molho de chaves para a esposa. De modo que, ela poderia acessar todos os cômodos da casa com exceção de um. Quando o marido sai, a esposa curiosa e apreensiva decide abrir a porta proibida e encontra diversos cadáveres de mulheres neste quarto. Assim, a esposa continua na casa planejando como lidar o que viu após a sua entrada no quarto proibido, pois a chave ficou marcada com sangue. Quando Barba Azul retorna para a casa, descobre a desobediência da esposa e decide matá-la. No entanto, os irmãos da moça aparecem antes e matam o Barba Azul. A moral dessa história diz sobre o cuidado que devemos ter com a curiosidade excessiva e a desobediência.

Para a autora, o conceito de dialogismo está presente na relação entre passado, presente e futuro, pois a personagem Isabel busca sempre a melhor opção após analisar os diferentes pontos de vista. Além disso, o leitor também é convidado a se movimentar, tomar uma posição frente aos dilemas vividos por Isabel.

Em *Os enfrentamentos*, em concordância com Beauvoir, Cordeiro (2019) cita que é difícil para as mulheres romperem com as construções sociais esperadas para elas, pois mesmo quando estão felizes, se sentem culpadas por não cumprir com os papéis de gênero, por exemplo, ser feliz sozinha, mas sentir culpa por não se casar com um homem e construir uma família. Portanto, para a autora “No momento em que o mercado do livro juvenil se expande, em paralelo ao período em que o movimento feminista se fortalecia, as experiências na esfera das relações de gênero passam a ser representadas, nas produções literárias, de modo plural” (Cordeiro, 2019, p. 192).

Cordeiro afirma que no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* o papel da mãe de Isabel também é relevante e rompe com os estereótipos. Para a autora, os diálogos de Isabel com a mãe sempre questionam algum comportamento feminino ou masculino. E que além disso, a relação afetiva entre as mulheres é destacada na representação de mãe e filha.

Em *Transgressões de gênero na literatura juvenil*, Cordeiro (2019) afirma que as nove obras analisadas por ela, dentre elas *Bisa Bia, Bisa Bel*, contribuem para a superação do *habitus*⁶ da dominação masculina na literatura. Cordeiro também aponta uma mudança nos cenários desses livros, que passam a ser o espaço urbano.

Sobre as representações de família, a autora destaca que no período analisado por ela (1979-1984), as famílias são plurais, como é o caso do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, em que não se sabe se a mãe é a provedora da família ou o pai apenas não foi mencionado. Além disso, a autora menciona o fato da mãe de Isabel ser arquiteta, profissão que exige ensino superior e a representação de uma mãe, que tem uma profissão e um trabalho fora de casa. Para Cordeiro, as relações apresentadas em *Bisa Bia, Bisa Bel* promovem “a valorização das relações entre mulheres, harmoniosas ou não, de modo a corroborar as influências que umas exercem sobre as outras” (Idem, 2019, p. 216).

Os trabalhos acadêmicos aqui destacados sobre a obra *Bisa Bia, Bisa Bel*, partem de distintos referenciais teóricos, no âmbito da análise, sendo que nenhum deles dialoga diretamente com pesquisas sobre a História da Educação. Assim, considerando a

⁶ Para Bourdieu, o conceito de *habitus* diz respeito aos valores internalizados pelo indivíduo de acordo com suas interações sociais, que influenciam suas escolhas, ações e contribui para a reprodução das estruturas sociais.

importância desta obra na formação da subjetividade de leitores do Brasil e do mundo, este trabalho busca um olhar na perspectiva da História da Educação para a obra *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado.

1.3. A Materialidade

Discutir a materialidade da obra literária é essencial para a compreensão dos processos históricos, culturais e políticos que moldam a produção, difusão e recepção dos textos. De acordo com Chartier (1998) ao estudar a materialidade, os historiadores da História Cultural conseguem captar as complexidades das relações entre os atores sociais e o universo simbólico da literatura, contribuindo para uma análise mais abrangente das manifestações literárias ao longo do tempo.

O historiador deve poder vincular em um mesmo projeto o estudo da produção, da transmissão e da apropriação dos textos. O que quer dizer manejar ao mesmo tempo a crítica textual, a história do livro, e, mais além, do impresso ou do escrito, e a história do público e da recepção. Reunir estas diferentes abordagens permite responder à questão central que está por trás do meu projeto intelectual. De um lado, cada leitor, cada espectador, cada ouvinte produz uma apropriação inventiva da obra ou do texto que recebe. Aí temos que seguir Michel de Certeau, quando diz que o consumo cultural é, ele mesmo, uma produção - uma produção silenciosa, disseminada, anônima, mas uma produção. De outro lado, deve-se considerar o conjunto dos condicionamentos que derivam das formas particulares nas quais o texto é posto diante do olhar, da leitura ou da audição, ou das competências, convenções, códigos próprios à comunidade à qual pertence cada espectador ou cada leitor singular. (Chartier, 1998, p. 18)

A forma como um texto é apresentado, sua diagramação, tipografia, ilustrações e até mesmo a escolha do idioma influenciam a maneira como o leitor se relaciona com a obra. Além disso, a distribuição e acessibilidade dos livros ao longo da história também são determinantes para a sua recepção e impacto cultural.

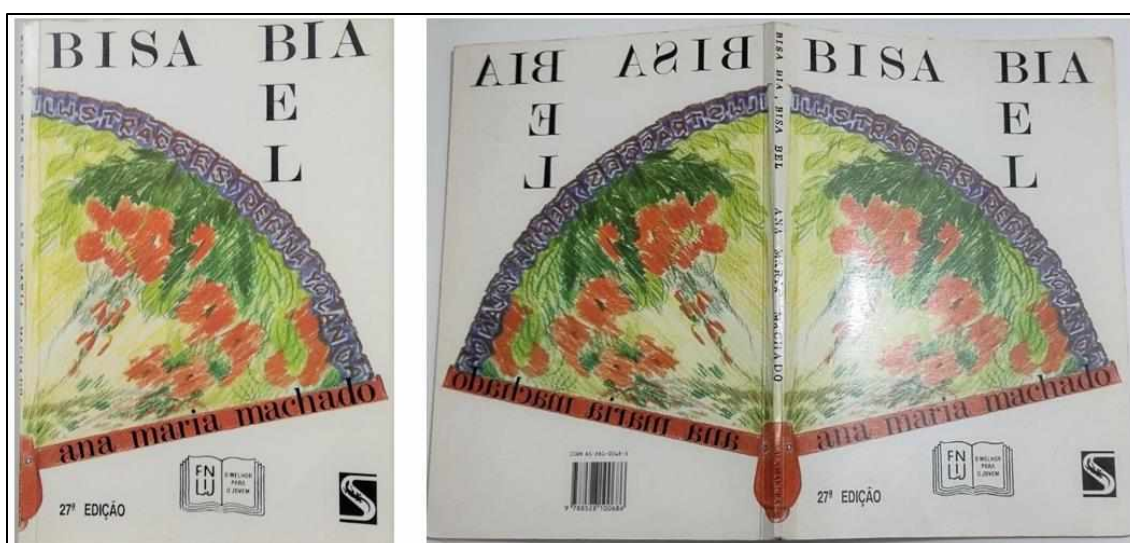
Ao abordar a materialidade da obra literária compreende-se que os livros são produtos que refletem o momento histórico em que são criados e circulam. A materialidade inclui não apenas o conteúdo escrito, mas também os suportes físicos utilizados para veicular a mensagem, como pergaminhos, papiros, manuscritos, impressos, revistas, entre outros. Nesse sentido, busca-se analisar o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* a partir de sua materialidade para aproximar-nos das mudanças pelas quais a obra passou desde a sua primeira edição.

O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* foi publicado pela primeira vez em 1982. O exemplar utilizado na análise é a 27ª edição, impresso em 1990, cuja capa é ilustrada por Regina Yolanda, que também ilustrou o livro *A Casa da Madrinha* (1982) de Lygia Bojunga. Ademais, há poucas informações sobre a biografia da ilustradora disponíveis para a análise.

Na ilustração há um leque aberto aparecendo a sua metade na capa frontal, a lombada marca o meio do leque e na contracapa aparece a outra metade. Nas bordas do leque, na cor azul como uma padronagem estampada, se lê “ilustrações Regina Yolanda” e na estrutura do leque se lê em letras pequenas o nome da autora Ana Maria Machado.

O título do livro se escreve de forma horizontal “Bisa Bia” e na vertical “Bel”, entrecruzados, o que pode remeter não só ao jogo de palavras cruzadas, mas também a ideia de uma interconexão íntima entre os personagens. Pode-se observar o espelhamento do título na contracapa. Também consta na capa, centralizada, a logo da editora Salamandra e a logo da FNLIJ (Fundação Nacional para o Livro Infantil e Juvenil) indicando que o livro é recomendado para os jovens. A FNLIJ é vinculada à International Board on Books for Young People (IBBY Brasil), reconhecida pela UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) e pela UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância). Essa fundação é responsável por selecionar livros considerados de qualidade para orientar o acervo inicial de bibliotecas e Secretarias de Educação.

Figura 1 - Livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, impresso em 1990, com ilustrações de Regina Yolanda, publicado pela Editora Salamandra



Fonte: Souza (2023)

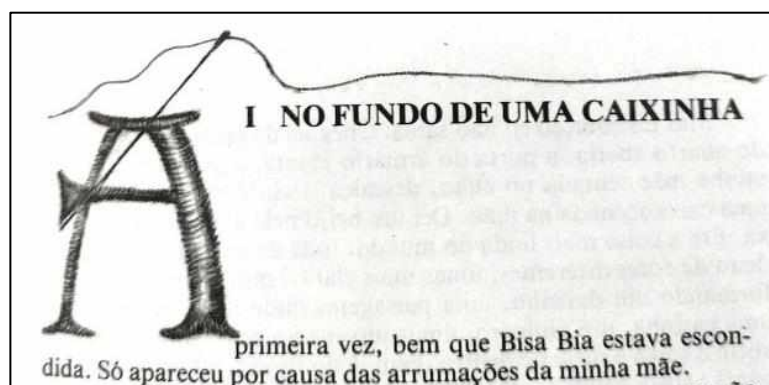
A ilustradora Regina Yolanda que além de elaborar a capa, diagramar e prefaciá-lo o livro, também fez as ilustrações internas, nas quais recorre a elementos do passado para enriquecer a experiência visual. No prefácio do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* ela afirma

Na marcha do tempo Bisa Bia faz o jogo dinâmico e dialético do antes e depois, do retrógrado e prospectivo, do semi-concreto e do abstrato. Lembra-me a infância vivida com a sombra de “Peter Pan” e o além do espelho de “Alice”. Enfim, é um encharcar-se de vida. (Yolanda. apud Machado, 1990 prefácio da edição)

As histórias de *Peter Pan* e *Alice*⁷, mencionadas por Regina Yolanda, tem crianças como protagonistas que questionam a realidade. No caso de *Bisa Bia, Bisa Bel* a mágica se dá através da relação temporal entre as personagens Isabel, Bisa Bia e Neta Beta, que assim como nos exemplos citados, faz com que o leitor mergulhe no universo apresentado no livro, embarcando em uma jornada de questionamento da realidade, que apresenta desafios e possibilidades de descobertas sobre si.

Um aspecto marcante da ilustração é a técnica utilizada nas primeiras letras das palavras que iniciam cada capítulo, nas quais o trabalho artístico tipográfico imita letras bordadas com linha e agulha, evocando uma estética artesanal e nostálgica que remete ao passado vivido por Bisa Bia.

Figura 2 - Ilustração da letra inicial bordada



Fonte: Souza (2023)

⁷ As duas histórias citadas por Regina Yolanda neste trecho retratam elementos simbólicos presentes na literatura infantojuvenil. Na história de *Peter Pan*, Peter gosta de ir à casa de Wendy escutar suas histórias. Um dia Peter Pan precisa sair de casa depressa para não ser descoberto e sua sombra acaba ficando presa na janela. Ao retornar para buscá-la, Peter Pan acorda Wendy pelo barulho e ela o ajuda a costurar a sombra de volta. A aparição da sombra na história é marcada por conflito e humor, no filme produzido pela Disney, de 1953, a sombra parece ser teimosa e ter desejo de independência.

O efeito tipográfico simula um ponto básico e muito comum em preenchimentos da técnica do bordado livre, o “ponto cheio”. Este ponto consiste em sair com a agulha de baixo do tecido para cima, inserindo a agulha em um ponto à frente. Este processo deve ser repetido, alternando sua distância de acordo com a intensidade desejada até que se termine o preenchimento, ponto por ponto. Também é possível observar que o bordado está sendo feito com apenas um fio, o que indica maior precisão e minuciosidade, além de uma continuidade que também marca a história em suas temporalidades, ainda que sublinhe as diferenças.

No bordado livre é comum o uso da linha de meada, ou fio de meada. Cada fio de meada possui seis linhas que compõem o fio. De acordo com a intenção da artista ou artesã podem ser usados mais ou menos fios. A título de exemplo, na obra *Dormência Dissociativa* (2021) da artista Lorena Rosa vale destacar dois elementos. O primeiro é a quantidade de fios que pode estar presente na composição de uma letra, observa-se na imagem à direita, na palavra “tudo”, que o fio de meada sai duplo da letra “o”. No conjunto da obra, observa-se que a fonte do texto utilizada pela autora parece ter sido bordada à mão livre. O outro elemento é o autorretrato em si, no qual se utiliza da técnica “pintura de agulha, que se mune de fios finos entremeados e sobrepostos com a finalidade de conferir um tom realista às produções de retratos ou outros temas com o bordado, foi feita propositalmente” (Rosa, 2022, p. 166).

Figura 3 – Bordado e Escrita



Fonte: Rosa (2022). Org: Souza (2023).

É possível perceber na ilustração de Regina Yolanda que há um apelo à estética dos bordados realizados por mulheres no passado, para enxovais de casamento que continham apenas as iniciais dos noivos em toalhas, conhecidos como monogramas. No livro *Bisa Bia, Bisa Bel* a ilustradora Regina Yolanda ainda utiliza diversos elementos que remetem ao bordado, como a agulha, a linha, a tesoura e o dedal. De modo que, a ilustração dialoga com o texto, afinal, esses elementos permeiam a história das mulheres e o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Além disso, a presença de móveis antigos nas ilustrações remete ao tempo geracional retratado na história de *Bisa Bia*. Vale frisar que o leque da capa do livro apresenta cores e elementos que evocam à natureza, contrastando com as figuras internas, desenhadas em grafite e tons de cinza. Essa seleção artística contribui para a construção de uma atmosfera visual coesa com a narrativa da obra.

1.4. O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* no Mercado Editorial

Podem ser encontradas outras duas capas da primeira edição do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. Sendo que uma delas tem o selo “FNDE Biblioteca da Escola” e foi a única edição impressa pela Editora Moderna, visto que todas as outras foram publicadas pela Editora Salamandra. Na edição da Editora Moderna de 2002, consta uma faixa verde com os dizeres “Volume 3”, o que indica que o livro faz parte de uma coleção, e “Novela”, classificando-o nesse gênero.

Em sites de venda e de avaliação de livros, *Bisa Bia, Bisa Bel* geralmente aparece classificado como romance. Sobre o gênero textual novela, Oliveira (2010) afirma que há poucos teóricos que o caracterizam, pois, a novela é compreendida como algo menor, se comparado aos gêneros romance e conto. No entanto, ao buscar a história da novela, Oliveira apresenta que, de acordo com o crítico Hênio Tavares há uma distinção pela qual “a novela seria uma narrativa de ficção de extensão média (maior que o conto, menor que o romance), com um número de páginas variando entre 100 e 200” (Oliveira, 2010, p. 142). Entretanto, o autor refuta essa afirmativa pela pobreza de elementos para a análise do gênero novela, limitando-o ao número de páginas. E reitera que a partir de Massaud Moisés, outro crítico literário brasileiro que “o que é fundamental no gênero novelesco é

que este se destina a entreter a massa, um público pouco exigente, sequioso para dar vazão a sua imaginação” (Idem, 2010, p. 143).

Mas, afinal, o gênero textual novela é algo menor? Oliveira conclui em concordância com Bakhtin que não há hierarquia entre os gêneros, mas que devemos analisá-los por suas características culturais e históricas, “na perspectiva bakhtiniana, nenhum gênero é estanque nem possui uma essencialidade histórica: há um intenso processo dialógico de troca de elementos composicionais entre os gêneros, redefinições, englobamentos” (Oliveira, 2010, p. 153).

A problemática sobre o gênero novela está longe de ser concluída, o que nos cabe neste trabalho é analisar que a classificação pode conter certa discriminação que sofre a literatura infantojuvenil de que esta é algo menor comparado a literatura adulta. Nesse sentido, Coelho afirma na orelha do livro, na edição de 2007, que “*Bisa Bia, Bisa Bel* não é leitura difícil. Nem poderia ser, uma vez que se destina ao público mirim. É por excelência uma leitura divertida e sedutora, do princípio ao fim” (Machado, 2007). Nesse sentido, Ana Maria Machado afirma:

“Escrever para crianças e adultos é diferente, como é diferente conversar com adulto ou com criança. No caso infantil, o prazer é mais próximo da brincadeira. No caso adulto, tem uma densidade mais consciente”, explica. “Ambas as atividades são difíceis e apresentam desafios. O universo do leitor infantil tem um repertório menor de acumulação de experiências leitoras que permitam referências intertextuais, então fica mais difícil trabalhar nessa área. Mas justamente por essa dificuldade, traz um desafio mais instigante. (Machado, 2016)⁸

Considerando essa afirmativa e outras entrevistas concedidas por Ana Maria Machado, observa-se que ela encara a escrita como um diálogo com o leitor infantil. Isso se dá pela forma como a autora busca o vocabulário adequado para contar suas histórias às crianças. O princípio da comunicação com o leitor não diz só sobre a escolha do gênero, da classificação pela quantidade de páginas ou o agrado às massas. A ênfase está em estabelecer uma conexão com o público infantil, respeitando suas capacidades, despertando seu interesse pela leitura, além de estabelecer desafios a serem superados pela autora enquanto escritora de literatura infantojuvenil.

⁸ MACHADO, Ana Maria. O que leva uma criança a ler é o exemplo. Entrevistador: Rodrigo Casarim. São Paulo: UOL, 2016. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/23/o-que-leva-uma-crianca-a-ler-e-o-exemplo-diz-ana-maria-machado-em-livro.htm>. Acesso em: dez. 2022.

Figura 4 - Capas de *Bisa Bia, Bisa Bel* em diferentes edições e editoras



Fonte: Souza (2023)

Na edição do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* publicada pela Editora Moderna em 2002, que recebeu financiamento do FNDE (Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação) através do PNBE (Programa Nacional Biblioteca da Escola), foram realizadas algumas alterações em relação à edição anterior lançada pela Editora Salamandra em 1996. Nessa nova edição, as fontes do texto foram aumentadas, proporcionando uma leitura mais acessível para os leitores. Além disso, os desenhos presentes no livro foram reduzidos em tamanho.

O edital de convocação do PNBE/2002 foi publicado em 25/04/2002 e assinado por Mônica Messenberg Guimarães (secretária-executiva do FNDE) e Lara Glória Areias Prado (secretária de educação fundamental). Como na edição anterior, as editoras participaram ativamente da seleção das obras, uma vez que a elas foi novamente solicitada uma coleção de cinco volumes, intitulada "Literatura em Minha Casa". Não seriam aceitas obras selecionadas

e adquiridas pelo PNBE/2001. A coleção deveria obedecer a características idênticas às do ano anterior:

- primeiro volume: uma obra de poesia brasileira ou uma antologia poética brasileira;
- segundo volume: uma obra de conto brasileiro ou uma antologia de contos brasileiros;
- terceiro volume: uma novela brasileira;
- quarto volume: uma obra clássica da literatura universal, traduzida ou adaptada e, finalmente,
- quinto volume: uma peça teatral ou obra ou antologia de textos de tradição popular brasileira. (Oliveira, 2008, p. 42)

Ou seja, para se adequar ao financiamento do PNBE o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* passou por adequações realizadas pela Editora Moderna, se enquadrando no Volume 3: novela, conforme o selo que pode ser observado na capa apresentada na Figura 4.

Uma diferença significativa entre as duas edições é o tamanho físico do livro. A edição da Editora Moderna possui dimensões de 13,5 por 21 centímetros, enquanto a edição de 1996 da Editora Salamandra é maior, com medidas de 16 por 23 centímetros. O leque da capa também foi alterado, retirou-se dele os nomes da autora e o da ilustradora.

Sobre a finalidade do PNBE a Portaria nº 584, de 28 de abril de 1997, dispõe de suas características:

Art. 1º – Instituir o Programa Nacional Biblioteca da Escola, com as seguintes características básicas:

- a) aquisição de obras de literatura brasileira, textos sobre a formação histórica, econômica e cultural do Brasil, e de dicionários, atlas, enciclopédias e outros materiais de apoio e obras de referência;
- b) produção e difusão de materiais destinados a apoiar projetos de capacitação e atualização do professor que atua no ensino fundamental;
- c) apoio e difusão de programas destinados a incentivar o hábito de leitura;
- d) produção e difusão de materiais audiovisuais e de caráter educacional e científico.

Nesse sentido, Oliveira (2008) afirma que se fez necessário a instauração de um programa a nível nacional que ajudasse a difundir a leitura no Brasil. Além disso, o financiamento do programa era garantido pelo FNDE. Esse aspecto fez do Brasil um dos maiores produtores de livros do mundo, o que atraiu investimentos de grupos editoriais estrangeiros. O PNBE foi suspenso em 2015 e passou a vigorar o PNLD (Programa Nacional do Livro e do Material Didático) em 2017, que engloba além de literatura, os livros didáticos e materiais de suporte digital.

De acordo com Oliveira (2008), nos critérios de seleção e avaliação do FNDE os autores consagrados pela crítica reinavam. Este fato se comprova pela extensa lista de livros de autoria de Ana Maria Machado que foram aprovados pelo programa pelas mais

variadas editoras. O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* é uma das obras que fez parte do PNBE/1999 pela editora Salamandra e PNBE/2001 pela editora Moderna, ambas editoras fazem parte do grupo editorial espanhol Santillana.

Quadro 1 - Livros de Ana Maria Machado aprovados no PNBE/1999

TÍTULO	AUTOR	EDITORA
Alice no país das maravilhas	Lewis Caroll; Tradução Ana Maria Machado	Ática
Bisa Bia, Bisa Bel	Ana Maria Machado	Salamandra
O jardim secreto	Francis Hodgson Burnett, Tradução Ana Maria Machado	Ed. 34

Fonte: Oliveira (2008, p. 184). Org: Souza (2023)

Quadro 2 - Livros de Ana Maria Machado aprovados no PNBE/2001

TÍTULO	AUTOR	EDITORA
Quem conta um conto?	Ana Maria Machado, Cristina Porto, Flávio de Souza, Ruth Rocha e Sylvia Orthof	FTD
Bisa Bia, Bisa Bel	Ana Maria Machado	Moderna
Hoje tem espetáculo: no país dos prequetês	Ana Maria Machado	Nova Fronteira
Um assassinato, um mistério e um casamento	Mark Twain; Tradução Ana Maria Machado	Objetiva

Fonte: Oliveira (2008, p 188). Org: Souza (2023)

Assim, pode-se observar que nas duas edições do PNBE analisadas, de 1999 e de 2001, *Bisa Bia, Bisa Bel* foi a única obra de Ana Maria Machado que se manteve. Além disso nas duas edições houve traduções realizadas pela autora. E, que no PNBE/2001 houve uma publicação de *Quem conta um conto?* em conjunto com outros autores de literatura infantojuvenil que passaram pela Revista Recreio. Outro item que deve ser destacado é o fato de que nenhuma editora se repete nas duas tabelas.

Figura 5 - Ilustração de Bisa Bia comparada⁹



Fonte: Souza (2023)

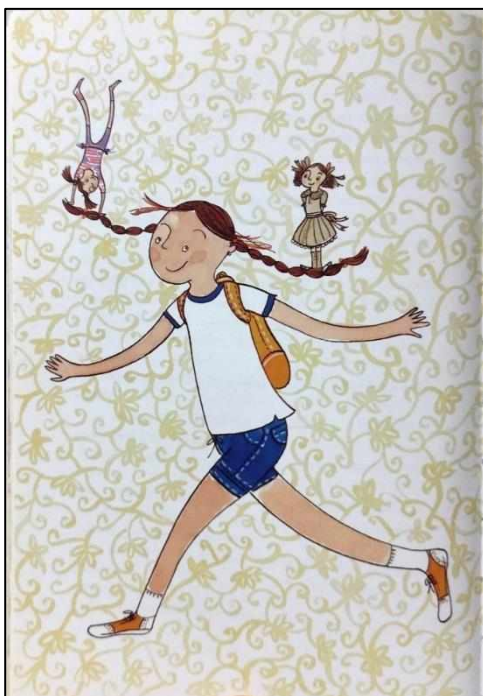
Há uma edição mais recente, de 2007, publicada pela editora Salamandra, que conta com ilustrações digitais de Mariana Newlands, que reformula o projeto gráfico do livro, com cores e novos elementos que parece buscar um padrão estético mais contemporâneo, dialogando com um estilo voltado para um padrão digital. De modo geral, a nova ilustração reformula a estética do livro, contudo, há uma aproximação na emblemática imagem em que Bisa Bia aparece pela primeira vez. As duas ilustrações tentam ser fiel ao texto na construção estética da personagem narrada por Isabel, embora com linguagens visuais completamente distintas que, certamente, se ligam ao padrão imagético de cada momento de edição do livro.

Uma menininha linda, de cabelo todo cacheado, vestido claro cheio de fitas e rendas, segurando numa das mãos uma boneca de chapéu e na outra uma espécie de pneu de bicicleta soltinho, sem bicicleta, nem raio, nem pedal, sei lá, uma coisa parecida com um bambolê de metal. (Machado, 1996, p. 10)

⁹ As imagens ilustram a velha fotografia de Bisa Bia, em sépia, encontrada pela personagem Isabel no primeiro capítulo do livro, página 11, nas duas edições.

No novo projeto gráfico, há a presença de Bisa Bia como uma personagem animada em tamanho menor, que está presente no ombro de Isabel e a acompanha durante a narrativa textual. No capítulo *As tranças de gente*, a personagem Isabel é representada com Bisa Bia e Bisneta Beta, cada uma segurando uma de suas tranças.

Figura 6- Isabel com Neta Beta e Bisa Bia



Fonte: Souza (2023)

Na Figura 6 pode-se observar que Bisa Bia é retratada em sépia, em uma postura contida, enquanto Neta Beta está dando piruetas e vestindo uma bermuda. De modo que, a construção visual dialoga com os ideais de comportamento das personagens expressos no texto. Além disso, as três meninas se parecem muito nos traços do rosto e fisicamente, mas suas diferenças sócio-geracionais ficam aparentes através da postura corporal, dos cabelos e da vestimenta. A repaginada nas ilustrações proporciona vida às personagens que anteriormente existiam apenas na imaginação de Isabel, ou dos leitores de *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Por muito tempo, as crianças foram tratadas como miniadultos, sendo incentivadas a ler o mesmo material que os adultos, ou então como leitores simples, que demandavam histórias com vocabulário limitado e poucas metáforas. No entanto, para Benjamin (1994) a leitura de imagens desempenha um papel fundamental nas ilustrações de livros, que

originalmente eram produzidas em preto e branco para um público adulto, mas que ao longo do tempo foram adaptadas para crianças e ganharam cores vibrantes.

Os livros infantis não servem para introduzir imediatamente os seus leitores no mundo dos objetos, animais e homens na chamada vida. Só gradualmente o seu sentido exterior vai se definindo, e apenas na medida em que os dotarmos de uma interioridade adequada. A interioridade dessa visão está na cor, e nela transcorre a vida sonhadora que as coisas vivem no espírito das crianças. Elas aprendem com a cor. Pois é essencialmente na cor que a contemplação sensível, desprovida de qualquer nostalgia, está em seu elemento. (Benjamin, 1994, p. 240)

O excesso de cores é uma marca de nosso tempo, disponível pelo avanço das técnicas de impressão de livros e do acesso a telas digitais. No entanto, a ilustração de livro infantil também transmite mensagem, é passível de leitura e abre portas à imaginação. Ou seja, não tem finalidade única de descrever ou imitar o texto. Nesse sentido “percebe-se que há uma tendência de oferecer livros de imagens às crianças que ainda não leem. Entretanto, algumas dessas obras exigem da criança capacidades leitoras que ainda estão em desenvolvimento, como a inferência, a extrapolação e a síntese” (Figueiredo, 2017, p. 92). Portanto, o leitor não é apenas consumidor das imagens, ele também elabora sentido a partir do que vê.

A nova edição publicada em 2007 foi impressa em folha couchê. Conta com uma capa da cor branca, com o nome da autora em negrito, posicionado acima do título do livro, que está em maior destaque na cor vermelha. Sendo que na parte superior da capa, acima do nome da autora, aparece a caixinha de madeira onde a personagem principal encontra a fotografia de Bisa Bia. Abaixo dos escritos temos a figura da personagem Isabel com Bisa Bia e sua Neta Beta, em tamanho menor, acompanhando a personagem no ombro, como a figura do anjo e demônio que sussurram aos ouvidos dos indecisos. Essas personagens em miniatura acompanham Isabel pelas ilustrações ao longo do livro, mas estão longe de demonstrar o “bem” e o “mal”, pelo contrário, insere a polifonia no discurso e parece convidar o leitor à reflexão.

A escolha da nova edição pela ilustradora Mariana Newlands que é designer gráfica, indica uma renovação na estética da obra. Contudo, à sua maneira, Newlands também trabalhou a ilustração com elementos da antiga edição, como a caixinha de madeira, a fotografia antiga de Bisa Bia, o leque, alguns móveis, bordados, linhas e agulhas. Também é possível observar que as duas versões seguem um padrão editorial, no qual o título do livro tem mais destaque do que o nome da autora.

Pode-se concluir que o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* passou por diversas edições e mudanças, refletindo a evolução e as adaptações no cenário editorial e as tendências contextuais do público infantil. Através das diversas edições, observamos alterações no tamanho da fonte, nos desenhos e nas cores utilizadas pelas diferentes ilustradoras.

O percurso de transformações pelas quais o livro passou evidencia a importância de adaptar a obra literária infantil às demandas e características dos leitores e editores, permitindo que a história de *Bisa Bia, Bisa Bel* continue agradável para novas gerações de leitores e se adapte às necessidades de atualização do mercado editorial.

1.5. Ana Maria Machado: a autora singular e plural

A autobiografia *Esta força estranha: trajetória de uma autora*, de Ana Maria Machado, foi tomada como fonte na construção desta narrativa, seguindo o princípio do autor mediador proposto por Sirinelli (1988). Assim, é necessário integrar três aspectos de análise propostos por Sirinelli, conforme aponta Alves (2019), o itinerário intelectual, as redes de sociabilidade e características geracionais.

Em sua autobiografia a autora Ana Maria Machado revela um pouco de seu itinerário intelectual, sua formação e algumas influências que a levaram a escrever. O envolvimento de Ana Maria Machado em grupos universitários evidencia as redes de sociabilidade que a autora participava nesse período, que era o ambiente acadêmico da capital do Rio de Janeiro, além de jornais e projetos populares que a autora integrou até começar a trabalhar na Revista *Recreio* e publicar seus primeiros livros de histórias. Entre as características que marcam a geração de Ana Maria Machado está a ditadura cívico-militar brasileira, na qual a autora foi exilada.

Longe de fazer uma biografia da autora, busca-se aqui contextualizar qual papel Ana Maria Machado exerce como mediadora cultural, escrevendo sobretudo – mas não somente, para crianças. Nesse sentido, o recorte biográfico utilizado busca aproximar acontecimentos da vida da autora que dialogam com o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*.

O que se deseja destacar, nesse grande movimento, é a centralidade que as variáveis culturais passam a assumir para a compreensão do mundo ou da "visão de mundo" dos intelectuais, cada vez mais pensados em articulação com seus pares e com a sociedade mais ampla. Ou seja, como sujeitos conectados entre si, com genealogias e passados imaginados, além de um diálogo com as questões políticas e sociais de seu tempo. (Gomes; Hansen, 2016, p. 12)

Conforme Aurell (2014), a autobiografia é uma fonte que ajuda na compreensão e articulação com outras fontes históricas. Afinal, este tipo de fonte carrega a própria enunciação da autora sobre si. E, há uma atenção no que diz respeito à sua visão sobre a escrita, sobre o período da ditadura cívico-militar brasileira e sobre ser mulher, considerando estes dois temas importantes para a compreensão da obra *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Margareth Rago, no livro *A aventura de contar-se*, ao analisar autobiografias de feministas acadêmicas no período da ditadura, destaca sobre esse tipo de fonte, salientando que “trata-se, portanto, de perceber a dimensão feminista na própria construção discursiva da subjetividade e na subversão dos padrões literários socialmente instituídos, a exemplo do gênero autobiográfico, tradicionalmente masculino” (Rago, 2013, p. 27). Nesse sentido, compreender a História das mulheres é uma maneira de entender o passado de maneira mais complexa, incluindo os sujeitos por ela antes apagados.

Lipovestky (2000) anuncia em sua obra *A terceira mulher* de que pela primeira vez na História, esta tem a possibilidade de se definir por si própria, sem a intermediação masculina. Ou seja, a imagem da primeira mulher, de acordo com o autor, foi por muitos séculos a figura de Eva, malvada e maligna, perigosa ao homem. Depois, a segunda mulher tinha como imagem a figura da musa inspiradora, bela e boa. Contudo, ainda sem participação política e sempre como obra, nunca como artista. Seria a contemporaneidade o momento da terceira mulher, a que escreve a sua própria História.

Embora não haja registros explícitos de Ana Maria Machado se autodeclarando feminista, em sua obra é evidente a presença de uma consciência em relação às desigualdades de gênero existentes na sociedade. Essa temática é abordada de forma relevante em diversos livros da autora, incluindo *Bisa Bia, Bisa Bel*. É possível perceber a força de uma mulher que compreende a importância de discutir questões de gênero e que contribui para ampliar a reflexão sobre as desigualdades decorrentes das diferenças sociais entre homens e mulheres.

Em 1996 a Atual Editora publicou uma coleção de autobiografias intitulada *Passando a Limpo*, que contou com textos de diferentes autores: a escritora Fanny Abramovich, o roteirista Flávio de Souza, o romancista Marcos Rey, o poeta José Paulo Paes e, entre eles, a escritora Ana Maria Machado. Nas palavras da idealizadora da série:

Nos livros da coleção *Passando a Limpo*, cada autor vai tentar conversar com o leitor como se estivesse na sala de aula, num daqueles encontros inesperados, ou na sala de casa de um deles, mais inesperado ainda. Cada autor vai tentar se lembrar dos sonhos passados, dos planos, dos trabalhos. E imaginar futuros. Vai tentar não só responder às possíveis perguntas do leitor, mas também – e principalmente – perguntar. Pois os livros são perguntas, mais que respostas. (Viana. apud Machado, 1996, prefácio da edição)

O texto é dividido em seis capítulos e o primeiro é destinado a contar sobre sua infância e suas memórias afetivas relacionadas aos familiares e às paisagens que marcaram sua vida em uma escrita nostálgica sobre sua infância e seu passado.

Ana Maria Machado nasceu no dia 24 de dezembro de 1941 e foi criada em Santa Tereza, no Rio de Janeiro. A autora é filha da normalista e professora Diná Almeida de Sousa Martins e do jornalista Mário de Sousa Martins.

Em sua autobiografia, a autora elenca as paisagens que marcaram sua infância, sendo elas: a baía de Guanabara, que compunha o plano de fundo de seu antigo bairro, Santa Tereza, no Rio de Janeiro, também a região serrana de Petrópolis em que vivia sua avó paterna e a cidade de Manguinhos, no Espírito Santo, talvez esta a mais importante em suas memórias folclóricas pelas histórias contadas por seu tio Guilherme Santos Neves, que era folclorista, e seus avós maternos, Ritinha e Ceciliano (Machado, 1996). Foi nesta cidade que a autora publicou pela primeira vez, aos 12 anos seu primeiro texto em uma revista chamada “Folclore”, influenciada por seu tio Guilherme.

De acordo com sua autobiografia, durante a infância, Ana Maria Machado costumava passar suas férias em Manguinhos ou Petrópolis na casa dos avós. E, é necessário voltar o olhar às avós da autora, pela importância deste parentesco na obra *Bisa Bia, Bisa Bel* e pela minuciosidade em que Ana Maria Machado se dedica a descrever a personalidade de suas duas avós em sua autobiografia. Diz ela sobre sua avó Ritinha:

(...) muito antes do discurso da mulher liberada, eu tive foi o exemplo da independência. Graças ao trabalho e ao estudo – como ela fez questão de que ocorresse com as filhas. (...) Tenho imenso orgulho dessa linhagem de mulheres que me precederam, enorme carinho por sua batalha silenciosa numa sociedade hostil a esse tipo de comportamento. De certo modo, me sinto como numa corrida de revezamento, em que me passaram um bastão que tenho que levar mais adiante e entregar a minha filha. Não posso virar moça cordata, boazinha e obediente, para não jogar fora o exemplo delas na lata de lixo do tempo. (Machado, 1996, p.8)

Nesse sentido, no posfácio da edição de *Bisa Bia, Bisa Bel* publicada pela Editora Moderna, Ana Maria Machado afirma “Quando escrevi *Bisa Bia, Bisa Bel* só estava era com muita saudade de minhas avós. Vontade de falar sobre elas com meus dois filhos.

Não imaginava que pouco depois ia ter uma filha e essa linhagem feminina ia ficar mais significativa para mim” (Machado, 1998, p. 63).

Essas citações revelam a sensibilidade de Ana Maria Machado em relação à importância das experiências femininas e como elas influenciam sua escrita. A autora reconhece a herança que recebeu de suas antecessoras e busca transmitir essa herança às gerações seguintes, valorizando a força e a resistência das mulheres em uma sociedade desafiadora. Mas não foi só do exemplo que se deu essa consciência de gênero.

Ana Maria Machado estudou pintura no Museu de Arte Moderna de Nova York, além disso, neste período também estudou História da Arte na mesma escola. Ela já tinha estudado pintura no Rio de Janeiro, no Atelier Livre do Museu de Arte Moderna. Em 1964 Ana Maria Machado formou-se em Letras pela Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), e em seguida, fez mestrado na mesma universidade.

Em dezembro de 1964, na minha formatura, não houve solenidade. O orador era procurado pela polícia e estava escondido, o paraninfo (Alceu Amoroso Lima) foi proibido de falar. A turma foi dividida em catorze grupos, com horários diferentes para ir à secretaria requerer o diploma. Meu querido mestre compareceu nos catorze horários e fez o mesmo discurso catorze vezes, só para os presentes, sem solenidade nenhuma. Era mais uma aula que nos dava – a brincadeira tinha que continuar. (Machado, 1996, p.46)

A brincadeira pela qual a autora se refere, diz respeito às organizações estudantis que se proliferavam no Brasil daquele período, sendo o Centro Popular de Cultura (CPC) e a União Nacional dos Estudantes (UNE) dois movimentos elementares na luta por um país mais justo e alfabetizado. Neste período, Ana Maria Machado viu amigos e colegas da universidade serem presos ou exilados por conta da ditadura cívico-militar no Brasil.

Em 1968, Ana Maria Machado foi trabalhar na Faculdade de Letras da UFRJ, onde se envolveu em grupos de estudos. Como professora universitária ministrou uma disciplina sobre Literatura Brasileira. Nesta época ela teve a ideia de transformar a disciplina em um projeto popular.

Antes disso, já havia participado de um projeto de alfabetização de adultos, operários de uma construção, com Roberto Puntal. Nas palavras da autora, para “garantir o acesso à literatura ao maior número possível de pessoas, lutar para que seja respeitado o direito ao livro que todo cidadão deve ter” (Idem, 1996, p. 67). Contudo, em 1969 a autora foi presa e decidiu deixar o país.

Com o recrudescimento do regime ditatorial, após a publicação, em dezembro de 1968, do Ato Institucional número 5, que cassou o mandato de parlamentares opositores do sistema, entre estes seu pai Mário de Sousa Martins, cassado em fevereiro de 1969 e a participação de seu irmão no sequestro do embaixador, ação que tinha como objetivo a libertação de 15 presos políticos que estavam sendo torturados nos porões da ditadura. Teve que partir para o exílio em 1970, indo viver inicialmente na França, e posteriormente na Inglaterra. (Silva, 2019, p. 4)

No exílio, Ana Maria Machado decidiu estudar literatura brasileira: *Grande Sertão Veredas*, de Guimarães Rosa, que resultou na tese de doutorado, orientada por Roland Barthes, *RECADO DO NOME: leitura de Guimarães Rosa à Luz do Nome de Seus Personagens* (Machado, 1976). Ela afirma em sua autobiografia que “na bagagem, levava toda a obra de Guimarães Rosa e dois fichários cheios de anotações sobre ela (...) mas levava também o embrião de outro caminho: cópias de algumas histórias infantis que vinha escrevendo recentemente” (Machado, 1996, p. 55), isto porque ela já havia aceitado, no ano de 1968, escrever para a Revista *Recreio* que teve a sua primeira publicação em 1969.

Seu primeiro esposo, Álvaro Machado, era irmão de Ruth Machado Lousada Rocha, mais conhecida como Ruth Rocha, que assim como Ana Maria Machado, se consolidou como um importante nome da literatura infantil brasileira. E assim se iniciou uma longa amizade, que continuou após o término do casamento de Ana Maria e Álvaro Machado.

Quando recebeu o convite para participar da *Revista Recreio*, Ana Maria Machado descobriu que Ruth Rocha já havia aceitado integrar a equipe de escritores. No entanto, as duas autoras não haviam publicado nenhuma obra literária para crianças. Elas e outros autores foram recrutados por Sônia Robatto, que tinha a proposta de convidar intelectuais em destaque do momento para escrever às crianças.

No ano de 1968, a Editora Abril queria lançar uma revista nova: *Recreio*. Foram a algumas faculdades, conversado com os alunos, perguntado quem eram os professores que davam aulas divertidas e interessantes, contando casos e prendendo a atenção da turma. Ana Maria Machado tinha sido uma das escolhidas para o projeto juntamente com Joel Rufino, entre os historiadores, e Ruth Rocha, entre os sociólogos. Desafiada a escrever para crianças, resolveu resgatar, em sua memória infantil, as histórias de Miguelzinho, um marco em sua formação de leitora, contadas por sua avó Ritinha, quando passara uma temporada de inverno, em Manguinhos, sem os primos e irmãos, convalescente de alguma virose. (Costalonga, 2016, p. 88)

A *Revista Recreio* foi um sucesso de vendas e posteriormente diversos textos divulgados nos impressos da revista foram publicados em formato de livro, compilados

de histórias, etc. E foi também o pontapé inicial de Ana Maria Machado no campo da literatura infantojuvenil.

No Quadro 3 consta os livros publicados pela autora Ana Maria Machado entre os anos de 1977 até 1982, e os prêmios recebidos, desde o seu primeiro livro infantil até o ano de publicação de *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Quadro 3 - Livros publicados por editora e os prêmios recebidos

LIVRO E ANO DE PUBLICAÇÃO	EDITORA	PRÊMIOS RECEBIDOS
Bento-que-bento-é-o-frade, 1977	Salamandra	- Altamente recomendável pela FNLIJ.
Camilão, o comilão, 1977	Salamandra	
Curupaco Papaco, 1977	Salamandra	
Severino faz chover, 1977	Salamandra	
História meio ao contrário, 1979	Ática	- João de Barro, 1977; - Jabuti, 1978; - “Melhores do Ano” pela Fundalectura, Bogotá, 1994.
O menino Pedro e seu boi voador, 1979	Ática	- Altamente recomendável pela FNLIJ; - Lista de honra do IBBY, 1982.
Raul da ferrugem azul, 1979	Salamandra	- Selo de Ouro, FNLIJ, 1980.
A grande aventura de Maria Fumaça, 1980	Salamandra	
Balas, bombons, caramelos, 1980	Antares	
O elefantinho malcriado, 1980	Nova Fronteira	
Era uma vez três, 1980	Berlendis	- Prêmio APCA, 1980.
O gato do mato e o cachorro do morro, 1980	Ática	- “Melhores do Ano”, Biblioteca Nacional da Venezuela, 1981.
O natal de Manuel, 1980	Nova Fronteira	
Série Conte outra vez (O domador de monstros; Uma boa cantoria; Ah, cambaxirra, se eu pudesse...; O barbeiro e o coronel; Pimenta no cocuruto), 1980-81	Salamandra	
De olho nas penas, 1981	Salamandra	- Prêmio Casa de las Americas, Havana, Cuba, 1981; - Melhor livro infantil, APCA, 1981; - Selo de Ouro, FNLIJ, 1981.
Palavras, palavrinhas, palavrões, 1981	Quinteto	- Prêmio APPLE, Genebra, Suíça.
História de jaboti sabido com macaco metido, 1981	Quinteto	
Bisa Bia, Bisa Bel, 1982	Salamandra	- Prêmio Maioridade Crefisul; - Melhor livro infantil, APCA, 1982;

		- Selo de Ouro, FNLIJ, 1982; - Jabuti, 1983; - Prêmio Noroeste/Bienal de São Paulo, 1984.
Era uma vez um tirano, 1982	Salamandra	
O elfo e a sereia, 1982	Ediouro	
Um avião, uma viola, 1982	Formato	- Altamente Recomendável, FNLIJ, 1982

Fonte: Machado (1996, p. 72). Org: Souza (2023)

Observa-se nesse recorte cronológico, 1977-1982, que a metade dos livros foi publicada pela editora Salamandra, editora que publicou *Bisa Bia, Bisa Bel*. Ao examinar essa tabela, é possível identificar a diversidade de temas e histórias explorados pela autora, bem como sua recepção crítica e reconhecimento na forma de prêmios literários nacionais e internacionais.

Outro aspecto que pode ser observado neste período é a publicação em forma de livro de textos que haviam sido publicados anteriormente na Revista *Recreio*, como é o caso da Série *Conte Outra Vez*. Também pode-se observar que Ana Maria Machado utiliza personagens animais em alguns títulos, esta é uma prática recorrente na literatura infantil, “por meio dos animais, procura-se criar uma sensação de empatia com o leitor, aproximando-o de questões que são transpostas pelo leitor para o mundo infantil” (Silva, 2020, p. 40).

Essa prática de utilizar os animais como personagens também era comum nas primeiras publicações da Revista *Recreio*. Em um de seus primeiros escritos para a revista, Ruth Rocha escreveu uma história chamada *Romeu e Julieta* que conta sobre duas borboletas que tem cores diferentes e que por isso não podem brincar juntas. A história se desenrola e termina com um final feliz, de modo que todas as borboletas de diferentes cores brincam juntas. Pode-se afirmar que a Revista *Recreio* foi importante na produção das escritoras que integravam a revista, nos anos 1970, inclusive Ana Maria Machado que

Em 1969 começa a publicar histórias para crianças, na revista *Recreio* (SP/Ed. Abril), tornando-se a partir daí um dos nomes principais do boom da Literatura Infantil, na década de 1970, início do movimento renovador dessa fundamental literatura. Muitas de suas histórias publicadas na *Recreio* foram traduzidas na Itália (rev. Carrosselo), Argentina e Espanha (rev. *Recreio*). (Coelho, 2002, p. 58)

A renovação citada por Coelho (2002) se dá com a passagem da literatura com fim pedagógico para a literatura que valoriza histórias contadas às crianças que despertam a imaginação, a criticidade e a ludicidade. A *Revista Recreio* foi um campo importante de

proliferação dessa nova onda de autores e não demorou muito até que as editoras começassem a entrar em contato com a revista e com seus escritores em busca de publicações de livros.

Silva (2020) destaca que os livros dialogam com o período em que foram produzidos e, nesse sentido, as produções infantojuvenis passam do texto das fábulas, ou dos personagens animais para personagens que vivem dilemas individuais e psicológicos à medida que a sociedade passa a compreender a infância em sua complexidade. Nesse sentido, Ana Maria Machado se insere no movimento renovador apontado por Coelho (2002), criando personagens infantis complexos e questionadores. Ademais, no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* alguns aspectos citados na autobiografia de Ana Maria Machado aparecem com relevância, são eles, o saudosismo em relação as mulheres de sua família e a dor de viver no exílio em decorrência da ditadura cívico-militar.

CAPÍTULO 2 – DAS INSTITUIÇÕES

Você sabe a história dos seus pais? E dos seus avós? E dos seus bisavós? Eu também não sei muito, não. Mas quando não sei invento. Gosto muito de inventar coisas. Por isso não sou muito boa contadeira de história. Fico misturando as coisas que aconteceram com as inventadas.

História meio ao contrário – Ana Maria Machado

2.1. A família

Foi em meio a uma organização feita pela mãe, na casa, que a personagem Isabel encontrou a fotografia de Bisa Bia. Para descrever esse achado, Ana Maria Machado utiliza da prática de intertextualidade com a história *O bicho Manjaléu*¹⁰, presente no livro *Histórias de Tia Anastácia* de Monteiro Lobato.

Parecia até a história da vida do gigante, que minha tia conta. Sabe? Aquela história que diz assim: dentro do mar tinha uma pedra, dentro da pedra tinha um ovo, dentro do ovo tinha uma vela e quem soprasse a vela matava o gigante. Claro que não tinha gigante nenhum na arrumação geral da minha mãe. Nem ovo. Mas até que tinha uma vela cor de rosa, do bolo de quando eu fiz um ano e que ela guardava de recordação, dentro de um sapatinho velho de neném, de quando eu era pequeninha. (Machado, 1990, p. 07)

A intertextualidade evocada a partir de Monteiro Lobato diz que a história era contada pela tia, sendo que no texto de Lobato, quem conta a história é a Tia Anastácia. Portanto, há um indício de que a personagem Isabel se aproxima das personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo. Nesse sentido, Silva (2010) afirma que houve uma mudança de paradigma na literatura infantojuvenil produzida a partir dos anos 1970, influenciada pela ditadura e impulsionada pela Revista Recreio, que volta aos clássicos da literatura, como Monteiro Lobato para construção de temas e personagens.

A influência de Lobato nos escritores da geração de 70 abrange diversos ângulos, não obstante, alguns críticos e sistematizadores dessa área têm destacado que uma das grandes influências do escritor foi a construção inovadora que ele desenvolveu da realidade com o maravilhoso. Essa forma

¹⁰ Manjaléu era um bicho feroz que havia sido trancado em um quarto do castelo pelo rei. Diz a história que mesmo se matassem Manjaléu, ele revivia sempre. Foi então que a princesa abriu a porta do quarto e foi sequestrada pelo bicho que a levou para a floresta. Na floresta a princesa seguiu os conselhos de seu esposo e perguntou a Manjaléu em que lugar sua vida havia sido escondida. Após duvidar das intenções da princesa, Manjaléu contou que a vida dele estava no mar, dentro de um caixão, que dentro desse caixão havia uma pedra, dentro da pedra tinha uma pomba, dentro da pomba havia um ovo e dentro do ovo estava a vela com a chama de sua vida.

organizacional contribui para o estabelecimento de um novo paradigma estético para a Geração de 70 – o paralelismo entre o projeto literário infantojuvenil brasileiro e o realismo maravilhoso latino-americano. Embora o tema ainda apresente uma pequena fortuna crítica, tal paralelo já encontra alguns adeptos: Heloisa Buarque de Holanda (1970), Nelly Novaes Coelho (1981), Glória Pondé (1985), Eliane Yunes (1986) e Ana Maria Machado (1999, 2001, 2007). (Silva, 2010, p. 85)

Dessa forma, pode-se observar que Ana Maria Machado inicia *Bisa Bia, Bisa Bel* com preceitos de Monteiro Lobato para a construção narrativa. Assim, pode-se esperar uma personagem feminina forte, questionadora, curiosa, leitora e atenta, características presentes nas personagens Emília e Narizinho. Além disso, a ideia de guardar uma coisa dentro da outra, assim como na história de Manjaléu, pode indicar que elementos da vida de Isabel estavam sendo mantidos por sua mãe. Nesse sentido, assim como a mãe preservava itens de quando Isabel era bebê, Bisa Bia também estava conservada “dentro do quartinho de minha mãe tinha um armário, dentro do armário tinha uma gaveta, dentro da gaveta tinha uma caixa, dentro da caixa tinha um envelope, dentro do envelope tinha um monte de retratos, dentro de um retrato tinha Bisa Bia” (Machado, 1990, p. 07).

Ainda na primeira página do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, a personagem Isabel afirma “É que Bisa Bia mora comigo, mas não é do meu lado de fora. Bisa Bia mora muito comigo mesmo. Ela mora dentro de mim” (Machado, 1996, p. 05), ou seja, afirma a presença indissociável de sua bisavó consigo e isto, certamente, influencia em seu modo de compreender o mundo. Além disso, encontrar Bisa Bia em uma analogia com a vela que dá vida a Manjaléu, pode indicar a vida da bisavó que passa a existir dentro de Isabel.

Compreende-se na obra *Bisa Bia, Bisa Bel* a família em concordância com o conceito de *habitus* de Bourdieu, como uma gama de valores, gostos, práticas e bagagem cultural na qual estamos imersos desde o nascimento e que influenciam a vida do sujeito. Para Bourdieu, a família é considerada a primeira instituição pela qual somos expostos, da ordem do privado, na qual partilhamos nossos sentimentos e confiança. A família nos parece algo natural, mas o autor afirma que ela é uma construção social.

Deve-se destacar que o conceito de família foi questionado por Bourdieu no sentido de que atualmente é cada vez mais difícil homogeneizar essa instituição, por conta da multiplicidade de organizações familiares que se tem. No caso do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* é a mãe quem participa da história e, aparentemente, é uma família monoparental. Assim, a família tradicional que historicamente tem sido dominada pelo pai, é reorganizada na obra *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado.

- Que é que tem aí dentro, mãe?
 - Não me lembro mais, minha filha. Vamos ver.
 - Deve ser muita coisa, que o envelope está bem gordinho.
- E era mesmo. Um monte de retratos. Tinha um com umas pessoas sérias numa praça. Tinha outro com uma família toda cheia de crianças e até um cachorro, bem debaixo da estátua do Cristo Redentor. Tinha mais um, de uma menina com dois laçarotes de fita na cabeça, no meio de uma planta esquisita, uma espécie de moita em forma de camelo, imagine só. Fiquei espantada:
- Como é que pode, mãe, planta que parece bicho?
 - É que eles cortavam a moita assim, era moda, umas redondinhas, outras em feitiço de poltrona, outras com formato de bicho. Era na Praça Paris, um lugar com laguinho e repuxo, chafariz que acendia colorido de noite. Parecia um balão d'água bem aceso no chão.
 - Como é que você sabe disso tudo?
 - Eu lembro, minha filha. Essa menina aí sou eu.
 - Não é possível, você está brincando... (Machado, 1996, p. 8)

Ao observar as fotos de sua mãe, Isabel depara-se com as mudanças da cidade e da ação do tempo vista através da imagem de sua mãe criança. Nesse sentido, “pelas fotos dos álbuns de família, constata-se a ação inexorável do tempo e as marcas por ele deixadas” (Kossoy, p. 112, 2012). Desse modo, a fotografia se apresenta na narrativa como um elemento relevante para a compreensão de mundo da personagem Isabel. Além disso, Ana Maria Machado utiliza de pontos turísticos de sua cidade natal, o Rio de Janeiro, para ambientar o cenário das fotografias de família em *Bisa Bia, Bisa Bel*.

O conceito de *habitus* familiar em *Bisa Bia, Bisa Bel* funciona como uma forma de compreender o mundo através de referências de mulheres enquanto sujeito histórico. Assim, faz sentido adotar o conceito de *papéis diluídos* de Cordeiro (2019), no qual a autora defende que a desconstrução dos papéis de gênero contribui para uma mudança no imaginário social.

A crítica feminista, como vimos, contribuiu sobremaneira para a inserção, na literatura juvenil, de personagens questionadoras das estruturas patriarcais, pois mesmo quando não inserem personagens que vivenciam relações de gênero simétricas, as relações de gênero assimétricas são questionadas, especialmente, na literatura de autoria de mulheres. É necessário considerar, sobre a inserção do discurso feminista junto à juventude, que a incorporação do feminismo no discurso é gradativa, pois é parte de um reaprendizado que contraria e enfrenta as bases históricas e culturais nas quais estão assentadas crenças, valores, ideais de família, de homem e de mulher. (Cordeiro, 2019, p. 51)

Nesse sentido, a afirmação de Silva (2010) comprova-se, pois, em um período de regime militar no Brasil, no qual as liberdades femininas passam a ser questionadas, Ana Maria Machado recorre à literatura infantojuvenil para construir uma narrativa que permite outro discurso destinado às meninas leitoras de seu tempo.

Por respeitar a inteligência e a criatividade de seus destinatários, que, para muitos, o grande legado da estética lobatiana é a autonomia e a criatividade da fusão entre o real e a fantasia, corroborando numa forma de composição fecunda quanto ao tratamento fictício, bem como, à perspectiva questionadora do status quo da sociedade brasileira. (Silva, 2010, p. 86)

A estética lobatiana está presente no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* na construção da personagem Isabel e em sua relação mágica com Bisa Bia. A aproximação entre o real e o mágico se dá em diversos momentos do texto, por exemplo, logo que encontra a fotografia de sua bisavó, Isabel crê que é a imagem de uma boneca, segurando um bambolê. Assim, a mãe da personagem explica que aquela é a fotografia da bisavó da garota, chamada Beatriz.

- Minha Bisa Vó... Minha Bisa Beatriz...
Acho que deve ter sido meio por aí que comecei a pensar nela como minha Bisa Bia. E queria o retrato para mim:
- Ah, mãe, me dá a foto, dá... É uma gracinha, parece uma boneca, dá pra mim...
- Não posso, minha filha. Pra que é que você quer isso? Você nem conheceu sua bisavó...
- Por isso mesmo, para eu ficar com ela para cima e para baixo, até conhecer bem. Levar para a escola, para a praça, para a calçada, pra todo canto. Dá pra mim, dá...
O tom de voz da mamãe ficou mais firme:
- Não. É o único retrato que eu tenho dela, não posso dar.
Mas eu devo ter olhado com uma cara tão pidona que ela ficou com pena:
- Está bem. Dar, eu não dou. Mas empresto para você levar para a escola.
(Machado, 1990, p. 11)

O encontro da fotografia marca o início da narrativa mágica. No início, Isabel tenta colocar a foto de Bisa Bia no bolso de trás da calça, a personagem afirma “na hora, eu achei que era porque o retrato era maior do que o bolso. Só depois que eu fiquei conhecendo melhor Bisa Bia é que soube de verdade: ela não gosta de ver menina usando calça comprida, short, todas essas roupas gostosas de brincar” (Machado, 1990, p. 12). Essa insatisfação em entrar no bolso da calça aparece novamente no capítulo seguinte, quando Isabel leva Bisa Bia no short para brincar.

No capítulo III de *Bisa Bia, Bisa Bel*, Tatuagem Transparente, após a personagem Isabel chegar da escola e ir para a rua brincar com os amigos, Bisa Bia comenta “- Ah, menina, não gosto quando você fica correndo desse jeito, pulando assim nessas brincadeiras de menino. Acho muito melhor quando você fica quieta e sossegada num canto, como uma mocinha bonita e bem comportada.” (Machado, 1990, p. 18). Neste trecho pode ser percebida a insatisfação de Bisa Bia em relação às brincadeiras de Isabel,

de modo que ao correr, brincar e suar, a garota se afasta do comportamento esperado para uma menina. É durante essa brincadeira que a personagem Isabel perde a fotografia de sua bisavó, embora ela só tenha dado falta na hora de tomar banho.

Figura 7- Meninas de antigamente



Fonte: Renoir (1885); Cunha (2000). Org. Souza (2023)

As roupas destinadas às meninas no século XIX não aparentam ser confortáveis para brincar. Afinal, as mangas bufantes, as golas, as fitas na cintura, a cor suave, os sapatos, o cabelo penteado parecem emoldurar as meninas como bonecas. Contudo, a recorrência de imagens de meninas com arcos na mão, podem ser um sinal de que era possível brincar, apesar da vestimenta de seu tempo. Na imagem, à esquerda está a pintura *Menina com Bamboolé* (1885) de Pierre-Auguste Renoir e à direita uma fotografia de uma família brasileira do século XIX¹¹.

Na fotografia da família, pode ser observado a hierarquia familiar através da disposição de seus integrantes, o pai está em pé enquanto a mãe está sentada com uma criança pequena no colo e dois filhos em pé, um de cada lado da mãe. Com exceção do patriarca, a mulher e as crianças estão em um plano mais baixo, esse destaque pode indicar a superioridade do homem.

Pode ser percebido historicamente que a família passou por mudanças. No Brasil do século XIX, a normalização médica da família correspondeu ao desenvolvimento urbano e a criação do Estado nacional. A chegada da Corte ressaltou a falta de estrutura

¹¹ Acervo fotográfico da família Teixeira Lopes. CUNHA, Marcus Vinícius da. A escola contra a família. In: 500 anos de Educação no Brasil. Autêntica Editora, Belo Horizonte, 2000.

das cidades brasileiras comparadas as cidades em pleno desenvolvimento do capitalismo europeu. Assim, os aristocratas que chegaram queriam manter seus hábitos de consumo, lazer, higiene e moradia.

Costa afirma que as mulheres das classes mais abastadas da colônia eram mantidas no ambiente doméstico.

Havia a segregação mouro das mulheres e elas nunca aparecendo a ninguém e sempre espreitando pelas frestas das portas e pela treliças das rótulas, organizavam na intimidade das dependências internas da morada a subsistência da família, conservando hábitos, transmitindo ensinamentos, mantendo tradições, usos e costumes, e perpetuando o artesanato delicado dos bordados, das rendas, dos tecidos, dos trançados, dos doces, bolos, biscoitos, dos remédios, mezinhas, xaropes e emplastros. (Costa, 2004, p. 81)

Os recém-chegados da Europa se espantavam com as mulheres brasileiras por serem sedentárias, acima do peso, esquivas e pouco sociáveis. A pobreza do mobiliário das casas também se destacava entre as observações dos portugueses. Para eles, havia um desprezo por parte das famílias de elite pelo ambiente doméstico, destacado pela falta de mobília, que indicavam que as prioridades eram a terra e os escravos. Além disso, demonstravam certa falta de privacidade e zelo pelo ambiente doméstico.

A mudança no imaginário faz com que se passe a valorizar mais o trato privado entre a família nuclear da época, pai, mãe e filhos. De modo que os pais passaram a se preocupar emocionalmente com seus filhos. O modo de vida das famílias da colônia não proporcionava espaço para as individualidades, tudo centrava-se na figura paterna e no “bem” coletivo. O polimento do modo de vida das famílias passa a valorizar a individualidade e isso é refletido na arquitetura e no mobiliário das casas brasileiras.

A arquitetura colonial afastava as visitas da casa principal, para resguardá-la e resguardar as mulheres. A mulher, portanto, era retraída e subordinada. Costa (2004) afirma que essa submissão pode-se dar em consequência da falta de autonomia jurídica e econômica das mulheres deste período.

A mulher enclausurada seria mais suscetível a doenças, considerando que a casa colonial era um espaço preocupante do ponto de vista da higiene. A mudança da organização da casa e das famílias, de acordo com Costa (2004), faz com que a onipotência do patriarca entre em declínio, tendo em vista que seus meios de dominação e perpetuação do poder, pouco a pouco, vão sendo desmontados. Os médicos passaram a criticar a falta de ventilação nas casas da colônia, sugerindo mudanças no mobiliário e passeios periódicos ao ar livre para mulheres e crianças.

A chegada da Corte no Rio de Janeiro impactou diretamente na sociabilidade das famílias da elite brasileira, que, para manter o prestígio social tiveram que se adequar à nova regra do jogo. As famílias passaram a dar festas periódicas em casa, jantares etc. Nesse sentido, a habilidade feminina em organizar as festas e jantares influenciava no sucesso do patriarca. Assim, as mulheres passam a reivindicar o cuidado que não tinham antes. Neste período começa a aparecer a figura da mulher histérica, que deveria ser tratada pelo médico a fim de solucionar a crise doméstica, “a higiene ajudou a família a adaptar-se à urbanização” (Costa, 2004, p. 109).

Essas mudanças pelas quais as famílias brasileiras passaram durante a transição do Brasil Colônia para o Brasil República, podem ser consideradas como exemplo da historicidade do conceito de família. A mudança no conceito de família também ocorre, de maneira diferente, no período de análise do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. Podemos perceber os dilemas da mãe da personagem Isabel que trabalha fora: “minha mãe é arquiteta e anda metida no concurso de um projeto para um hospital novo” (Machado, 1996) e em casa se dedica a cuidar da filha, ainda que seja atarefada.

Os textos de Ana Maria Machado ressaltam importantes mudanças sociais, pode-se perceber que o tema do cerceamento das liberdades através da ditadura cívico-militar se faz presente. Em outro livro publicado por Ana Maria Machado na década de 1980, *Era uma vez um tirano* (1982), a autora apresenta um personagem, o Tirano, que tem um discurso monológico, sem espaço para a contraposição. A autora retrata o personagem de maneira caricata.

- Não faz mal. Essa bagunça dura pouco. Daqui a pouco escurece e, com o toque de recolher, acaba tudo.
Só que ele não contava com Isabel, nem com o avô dela, que tinha sido um verdadeiro fabricante de estrelas e agora ensinava para a neta todos os truques. Eles também estavam só esperando escurecer.
Quando finalmente a noite chegou, quando nenhum raio de sol podia mais acordar o arco-íris, a beleza ficou diferente. (Machado, 2003, p. 34)

Nessa história três crianças se mobilizam para enfrentar o Tirano: Totonho, Jacira e Isabel. No livro *Era uma vez um tirano*, assim como em *Bisa Bia, Bisa Bel* há uma personagem protagonista que se chama Isabel. Essa repetição do nome pode indicar um arquétipo da personagem, construído pela autora. Além disso, nessa história quem ajuda Isabel a colorir o céu é o avô, que sabe manusear os fogos de artifício. No posfácio do livro Ana Maria Machado afirma:

Minha proposta para vencer a situação era simbólica, naturalmente. Mas tinha a ver com o caminho em que eu acreditava: uma festa feita com a união de toda a nação, nas suas diferentes etnias e gerações, com os recursos da memória e da criatividade artística, e com a pureza e coragem das crianças. (Machado, 2003, p. 38)

A memória evocada através de personagens mais velhos ou de questões do passado, aparecem frequentemente nas obras de Ana Maria Machado, sobretudo em suas primeiras publicações, datadas no período da ditadura cívico-militar. O uso de elementos do passado nos livros *Bisa Bia, Bisa Bel* (1981) e *Era uma vez um tirano* (1982) aparece como possibilidade de reflexão e mudança por parte das crianças, nos quais a infância se apresenta como uma possibilidade de uma nova sociedade, utópica.

O mesmo acontece no livro *O reizinho mandão* (1978) de Ruth Rocha. A história inicia com a quebra da quarta parede e o personagem narrador dizendo que vai contar uma história que seu avô sempre contava. Nessa história o rei bonzinho fica velho e morre, então seu filho, um príncipe mal-educado, assume a sucessão. O reizinho mandão acaba dando ordens para todo mundo calar a boca e depois percebe que ninguém fala mais nenhuma palavra em seu reino. Então, o reizinho decide ir atrás de um velho sábio que deve lhe dar a solução.

- Pois muito bem! – falou o velho. – O que você tem que fazer é sair pelo seu reino batendo de porta em porta. Se conseguir encontrar uma criança, uma só, que ainda saiba falar, ela vai dizer a você o que você precisa ouvir. E nesse dia seu reino vai ficar livre dessa maldição. (Rocha, 2013, p. 25)

O reizinho bate de porta em porta buscando alguém que fale, mas não encontra o que procura, até que um tempo depois bate na casa de uma velha e descobre uma garota que grita “- Cala a boca já morreu! Quem manda na minha boca sou eu!” (Rocha, 2013, p. 34). Essa resposta da garotinha faz com que a “maldição” seja rompida e no fim da história, todos do reino conversam, cantam, dançam, fazem a maior festa e espantam o reizinho. No posfácio, Ruth Rocha afirma que quando era criança sempre ouvia histórias de seus pais e seu avô. E que atualmente é ela quem conta as histórias, primeiro para sua filha e depois para várias gerações de crianças.

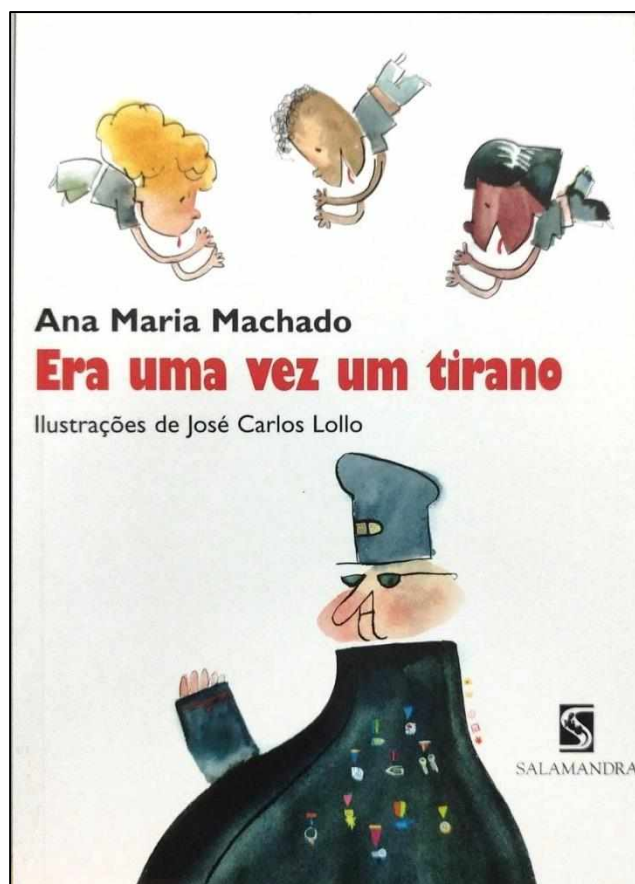
Eu pessoalmente, só escrevo história com final feliz. Eu digo que para a infância não se deve perder a esperança. A esperança tem que estar presente em tudo. Você não tem que falar para a criança de morte, de coisas tristes. Acontece? Acontece. Você trata de explicar da melhor maneira, mas não fica

toda hora chamando a criança para falar de coisas tristes. Criança precisa ter esperança. (Rocha, 2016)¹²

Nesse sentido, Ruth Rocha e Ana Maria Machado apresentaram a seus leitores, textos que denunciam o perigo do uso do poder em governos autoritários, de forma figurada, como em *O reizinho mandão* ou de maneira explícita como em *Era uma vez um tirano*. Assim, autoras exercem o papel de intelectual mediador pois “têm um processo de formação e aprendizado, sempre atuando em conexão com outros atores sociais e organizações, intelectuais ou não, e tendo intenções e projetos no entrelaçamento entre o cultural e o político” (Gomes; Hansen, 2016, p. 12).

No fim das duas histórias o final feliz se faz presente. Essas histórias foram amplamente difundidas e os livros também passaram por diversas edições e mudanças na ilustração e projeto gráfico.

Figura 8 - Capa do livro *Era uma vez um tirano* (2005)



Fonte: Souza (2023)

¹² Entrevista concedida ao SescTV. Episódio completo: Era outra vez. Super Libris. 2016. https://www.youtube.com/watch?v=bCMIENJa33M&ab_channel=SescTV (acesso em 03/11/2023)

Na ilustração as três crianças aparecem sorrindo e mostrando a língua para o oficial, que está com uma feição séria e parece acenar apático, apesar da reação da plateia infantil. A imagem sugere um confronto entre a autoridade e a expressão livre da infância. Essa divergência de perspectivas exemplifica a polifonia, pois diferentes vozes e pontos de vista estão em jogo: a voz das crianças e a voz do oficial sério. Em outras imagens presentes no livro o ilustrador utilizou balões coloridos para representar a fala das crianças, enquanto o balão do Tirano é sempre em tons de cinza. Pode-se observar que as crianças foram representadas em diferentes padrões étnicos, indicando a união de todos os povos na luta contra a opressão.

O Tirano é representado como um militar condecorado, contudo, pendurado em suas medalhas há elementos infantis, como um lápis, um dado, um Pikachu, um anel etc. A presença desses elementos infantis nas medalhas do oficial pode ser interpretada como uma forma de ironia e resistência à figura de autoridade. Essa subversão de símbolos militares tradicionais por elementos lúdicos e infantis destaca a criatividade e a imaginação como ferramentas do poder das crianças. Essa subversão também pode ser vista como uma maneira de desafiar o poder opressor por meio do humor, ressaltando as vozes infantis em contraste com a rigidez do oficial.

A autora Ana Maria Machado aborda a temática da ditadura cívico-militar através da literatura infantojuvenil de forma esperançosa. Contudo, de acordo com as análises de Rago (2013) este período foi marcado por inúmeras violências.

Daí também a importância das denúncias relativas à violência de gênero, nos depoimentos de Criméia. Ela conta a experiência de ser presa pelo DOI-Codi, em São Paulo, em estado de gravidez avançada, e depois ser encaminhada para parir num hospital militar de Brasília. Se, por um lado, sua condição de gestante a poupa de estupro e de outras formas de violência sexual, por outro, não a impede de sofrer espancamentos e violência psicológica, com constantes ameaças de sequestro e morte do nenê. (Rago, 2013, p. 57)

Em sua autobiografia Ana Maria Machado afirma “estávamos até as orelhas na resistência à ditadura, na sucessão de reuniões, manifestos, artigos e passeatas que marcou 1968, o ano que não terminou, como frisou meu amigo Zuenir Ventura” (Machado, 1996, p. 50). Pode-se dizer que essa vivência de envolvimento na resistência ao regime instaurado e posteriormente o exílio, fizeram com que Ana Maria Machado usasse sua escrita para dar vazão a esse tema tão relevante do ponto de vista político e social.

No final do livro *Era uma vez um tirano* é a personagem Isabel quem estoura os fogos de artifício, deixando toda a cidade colorida e assim, resolvendo o conflito. Zilberman (2017) já havia destacado a recorrência no uso dos nomes e de outros elementos na obra de Ana Maria Machado.

Tal como *O mar nunca transborda* (MACHADO, 1995), *A audácia dessa mulher* (MACHADO, 1999) lida com dois tempos. De uma parte, o do presente, o de Bia (diga-se de passagem que o nome da personagem suscita a imediata associação com o fecundador *Bisa Bia, Bisa Bel*), jornalista focada na área de turismo envolvida, profissionalmente, com a criação do enredo de uma novela para televisão e, afetivamente, com Virgílio, dono de restaurante, de quem se enamora. De outra parte, o do passado, a que Bia tem acesso quando encontra o livro de receitas redigido por uma antepassada de Virgílio, que contém, ao lado das indicações culinárias, o diário da autora e uma importante carta, reveladores, os dois textos, de fatos de sua vida. (Zilberman, 2017, p. 192)

Assim, pode-se perceber que na obra de Ana Maria Machado o convívio com o passado, representado na figura dos avós, ou do novo, representado pelas crianças compõem as lições que a autora aparenta transmitir aos leitores. Nesse sentido, para Zilberman “são livros os objetos com que lidamos e que nos facultam, por inteiro, o acesso a esse mundo mágico em que o antigo e o novo, o passado e o presente, a convenção e a transgressão se unificam” (2017, p. 194).

De modo geral, o início da produção infantojuvenil de Ana Maria Machado, a década de publicação de *Bisa Bia, Bisa Bel*, também marca um período de renovação na literatura infantil brasileira.

Sopram novos ventos criadores, novas palavras de ordem: o experimentalismo com a linguagem, com a estrutura narrativa e com o visualismo do texto; substituição da literatura confiante/segura por uma literatura inquietante/questionadora, que põe em causa as relações convencionais existentes entre a criança e o mundo em que ela vive, questionando também os valores sobre os quais nossa sociedade está assentada. (Coelho, 2019, p. 52)

Ao mencionar a substituição da literatura confiante e segura por uma literatura inquietante e questionadora, o trecho aponta para a ruptura com os estereótipos das narrativas tradicionais. Essa mudança pode ser relacionada à presença das escritoras mulheres, uma vez que as mulheres do período buscavam redefinir seus papéis e desafiar as normas estabelecidas ao longo do tempo. Assim, a literatura infantil, ao questionar as relações convencionais entre a criança e o mundo, também pode questionar os papéis de

gênero e promover uma visão mais inclusiva e igualitária na medida em que contribui para a formação de novas gerações de leitores.

2.2. A Educação das Mulheres no Brasil

De acordo com Cambi (1999), a instituição escolar como se conhece atualmente faz parte do modelo democrático em expansão a partir do pós-guerra, segunda metade da década de 1950. Antes da Segunda Guerra Mundial, a escola tinha características distintas. Ela era geralmente estruturada de forma rígida, com uma abordagem tradicional de ensino baseada na transmissão de conhecimentos do professor para os alunos.

A ênfase estava no ensino acadêmico e na memorização de informações. A disciplina era valorizada e mantida através de métodos autoritários, e havia pouca participação ativa dos alunos no processo educativo. Além disso, o acesso à educação era limitado a uma parcela privilegiada da sociedade, com poucas oportunidades para as classes mais baixas.

No caso do Brasil, Ribeiro (2010) afirma que durante o período do Brasil Colônia, a vida e a educação das mulheres eram restritas ao ambiente doméstico. Já os homens, tocavam os negócios, iam estudar em Portugal, ou tornavam-se padres. A autora afirma que a tradição ibérica considerava as mulheres, as crianças e as pessoas com deficiência como algo menor.

No período colonial, havia poucas mulheres portuguesas no Brasil. Isso se deu porque os homens portugueses vinham desacompanhados a fim de trabalhar, deixando por vezes suas esposas e filhas em Portugal. Nesse sentido, houve diversos abusos sexuais de portugueses contra mulheres indígenas e escravizadas. Os padres catequizadores perceberam a deturpação moral da família e solicitaram que viessem mais mulheres para o Brasil, considerando que a mulher ideal para o casamento seria a mulher branca, portuguesa.

A mulher ideal para o casamento tinha em torno de 11 a 12 anos, após a primeira menstruação, de acordo com Ribeiro (2010). Os casamentos arranjados eram geralmente com homens mais velhos, de 30 a 40 anos. O casamento entre os portugueses eram apenas acordos de negócios, sendo que os noivos às vezes se conheciam poucos dias antes do casamento. O sexo no casamento tinha apenas a função de procriação, de modo que não havia espaço para o prazer. Nesse sentido, o prazer do patriarca era buscado nas mulheres escravizadas que deveriam fazer o serviço do lar e ainda satisfazer sexualmente o senhor.

A dependência sexual do senhor de engenho à escrava fez com que se vendessem outros escravos por ciúmes, dentre outros reboliços que aconteciam nessas relações entre senhores e escravizados.

O corpo das mulheres portuguesas na colônia era desestimulado, elas não caminhavam, não se exercitavam de modo geral. Tinham vários filhos, se movimentavam pouco, qualquer coisa que necessitavam era solicitado às escravas.

Apesar de submissas e passivas, na ausência do patriarca era a esposa quem assumia a função de governar as fazendas, de maneira que “essas mulheres cultivavam o ócio apenas quando era possível. No momento em que as circunstâncias exigiam uma presença decisiva na esfera de atuação administrativa, os atributos de passividade caíam por terra” (Ribeiro, 2010, p. 84).

As mulheres brancas da colônia, por não saberem ler e escrever eram muitas vezes enganadas por seus maridos, filhos e pais. Uma das alternativas ao domínio masculino era ingressar nos conventos, assim poderiam estudar sem se casar.

Os conventos passaram a existir no Brasil na segunda metade do século XVII. Era para o convento que se enviavam as mulheres que erravam com os maridos, ou as irmãs com as quais os irmãos não gostariam de dividir a herança. Ribeiro (2010) afirma que no convento era utilizado o véu preto pelas mulheres mais ricas, branco para as que pagavam para estudar. E foi só após 1720 que as freiras puderam ser negras ou mulatas.

Ribeiro afirma que após a Reforma Pombalina da Educação¹³ e do rompimento dos portugueses com os jesuítas, pouca coisa mudou na educação das mulheres e que após a chegada da corte em 1808, as mudanças educacionais não atingiram imediatamente as mulheres. Contudo, houve mulheres influentes neste período, como Maria Quitéria¹⁴, heroína nacional que não teve estudos das letras, e a Imperatriz Leopoldina¹⁵ que teve importante participação social e política através de sua família.

O Iluminismo provocou mudanças sociedade europeia e, por consequência, nas colônias. No campo da Educação, a expulsão dos jesuítas do Brasil e a tomada da

¹³ A Reforma Pombalina da Educação foi uma das mudanças instituídas pelo Marquês de Pombal, primeiro-ministro de Portugal (1750-1777) que teve como objetivo centralizar o poder da Coroa portuguesa, rompendo com a junção entre Estado e a igreja, resultando a expulsão das missões jesuíticas na colônia. As reformas buscaram aproximar Portugal das mudanças provocadas pelo Iluminismo nos países da Europa, como a França e na Inglaterra.

¹⁴ Maria Quitéria de Jesus Medeiros (1792-1853) foi uma combatente baiana que lutou pela consolidação da Independência do Brasil disfarçada de homem e se destacou nos combates, depois de descoberta, foi condecorada por D. Pedro I como heroína nacional.

¹⁵ Primeira esposa de D. Pedro I, conhecida por ser uma mulher culta e influente na política, que atuou na Proclamação da República do Brasil.

responsabilidade educacional por parte do Estado demonstrou inúmeras dificuldades na gestão da educação na colônia.

Na França “Rousseau será a voz mais alta, mais complexa e mais original do século e realizará uma das maiores lições teóricas da pedagogia moderna (e não só moderna), capaz de renovar toda a concepção pedagógica e a práxis em vigor até aquele momento (Cambi, 1999, p. 338). Na concepção de Rousseau a educação feita até então pelos jesuítas era repetitiva e buscava que a criança se tornasse um adulto em miniatura, sua proposta ia no sentido contrário, pretendia valorizar a natureza e a pureza da infância.

As mudanças provocadas por Rousseau no âmbito educacional, a partir da publicação do livro *Emílio* (1762), são inúmeras e valorizadas até os dias atuais. Vale destacar, do ponto de vista da História das Mulheres, que a educação pretendida em sua obra para o personagem Emílio é diferente da proposta para Sofia. Sofia, a mulher ideal para Rousseau, deveria ser uma sábia esposa, mãe e submissa. Nesse sentido, Perrot (2007) afirma que havia outras vozes do Iluminismo mais favoráveis aos direitos das mulheres, como o francês Condorcet.

As mulheres têm os mesmos direitos que os homens; logo, elas devem poder usufruir das mesmas facilidades para obter as mesmas luzes, pois só estas podem lhes proporcionar os meios de exercer realmente esses direitos com a mesma independência e a mesma amplitude. (Condorcet apud Perrot, 2007, p.24)

Longe que reconstruir toda a História da Educação das Mulheres, buscou-se aproximar da historicidade da educação feminina a fim de reconhecer as raízes das ideias de feminilidade, maternidade e educação, tão presentes no livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. Pode-se observar que é após as mudanças sociais advindas do Iluminismo, da Revolução Francesa e do avanço do Estado como instituição político-administrativa, que os direitos dos indivíduos passam a ser exigidos, incluindo as mulheres, que por séculos foram tratadas como algo menor frente ao poder do patriarca.

2.2.1. A leitura na escola

Conforme Chartier (1998) as práticas de leitura são moldadas pelos espaços de circulação dos escritos. O autor afirma que existem práticas de leituras individuais, mas que essas práticas estão sempre inseridas em uma coletividade. Há, portanto, um código de leitura específico nos espaços de circulação dos escritos, nesse caso, nos cabe analisar

as marcas da leitura escolar. Pode-se afirmar que o financiamento por duas edições consecutivas do PNBE garantiu a chegada do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* nas bibliotecas escolares. Contudo, será que este livro saiu das prateleiras e foi lido pelos estudantes?

No trabalho de Kulesza (2010), são analisadas 50 cartas de pequenos leitores enviadas para Ana Maria Machado, disponibilizadas pela própria autora para a realização da pesquisa.

O acervo epistolar que integra o presente trabalho foi entregue por Ana Maria Machado para a orientadora desta pesquisa, Profa Dra Marisa Lajolo; será posteriormente depositado no Centro de Documentação Alexandre Eulálio (CEDAE) do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Unicamp. Compõe-se de cinquenta cartas, escritas por crianças com idade média de dez anos, entre os anos de 2004 até 2009, numeradas e arquivadas em pasta anexa, juntamente com seus envelopes. Sua maior procedência é do Brasil, dos estados do Paraná, Minas, São Paulo, Bahia, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso e Amapá, mas há também três do exterior (EUA). (Kulesza, 2010, p. 14)

O autor destaca que das 50 cartas analisadas, 33 citam alguma obra de Ana Maria Machado, sendo o livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, nessa amostra, o mais lido e comentado pelas crianças. A partir da análise do conteúdo das cartas, pode-se afirmar que a maior parte delas está inserida em um contexto de atividade escolar. Em uma das cartas, resultante de uma escrita coletiva, os estudantes expõem os desdobramentos feitos a partir da leitura.

Olá, somos alunos da 5ª série C, do Colégio Estadual La Salle. Neste ano já lemos vários livros interessantes juntamente com nossa professora de Literatura Infante Juvenil, Rosa Natalina Martini Pallaoro, mas o que mais gostamos foi o seu livro *Bisa Bia, Bisa Bel*.

Nos sentimos muito honrados em poder escrever-lhe e parabenizá-la por essa fantástica obra, que nos mostrou as mudanças ocorridas de geração para geração.

Depois de lermos o livro, nossa professora organizou uma exposição de coleções trazidas por nós (moedas, dinheiro antigo, chaveiros, bibelôs, cartões, carrinhos etc.) que foi muito interessante.

Após essa apresentação, mandamos um convite para a bisavó de uma de nossas colegas, para vir à escola e falar um pouco de seu tempo de infância e juventude. Ela aceitou o convite e nós gostamos muito de entrevistá-la, pois foi muito interessante saber um pouco sobre aquela época. Aprendemos como era difícil naquele tempo e podemos perceber que hoje temos muitas mordomias e ainda reclamamos. Foi uma aula fantástica e diferente. Nossa diretora registrou o acontecimento com várias fotos e estamos lhe enviando uma com nossa turma, juntamente com nossa professora e a bisavó Leopoldina.

Sabemos que é um sonho quase impossível, mas gostaríamos que viesse nos visitar para podermos conhecê-la pessoalmente e agradecer-lhe pelas belas e divertidas histórias que cria para viajarmos pela nossa imaginação. (Carta nº 10) (Kulesza, 2010, p. 29)

Nesse sentido, pode-se afirmar que a professora de literatura Rosa Pallaoro, citada na carta, trabalhou o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* em uma proposta parecida à da professora, Dona Sônia, que é personagem do livro, realiza com a turma da protagonista Isabel. E, além disso, a professora mencionada na carta organizou uma exposição com itens antigos e convidou a bisavó de uma das estudantes à escola. Além dessa, outras cartas demonstram uma elaboração mais pessoal dos estudantes em relação ao que gostariam de comunicar para a autora Ana Maria Machado.

Figura 9 - Desenho infantil da personagem Isabel



Fonte: Kulesza (2010)

Nesse desenho, que acompanha uma carta de escrita coletiva de duas turmas de 6ª série do Colégio Estadual Olavo Bilac, em Sandí (PR) está escrito abaixo como legenda “Este desenho foi feito pela aluna Etiane e representa a Isabel como a Bisa Bia gostaria que ela fosse”. No caso, Bisa Bia gostaria que Isabel fosse mais feminina e comportada, essas características podem ser observadas no desenho. As cartas presentes na dissertação de Kulesza, orientado por Lajolo, ajuda a responder à pergunta inicial, demonstrando que

o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* foi lido por crianças nas escolas. De modo que, essas leituras demonstram estar inseridas em projetos de literatura, produção textual etc.

De uma perspectiva didático-pedagógica observa-se que a leitura crítica pode ser desenvolvida no âmbito escolar, de modo que, ao incluir elementos do cotidiano dos estudantes, faz com que eles estabeleçam relação entre a vida e o que foi lido. Contudo, Kulesza adverte que:

A instituição escolar direciona, de certa forma, os desejos e os anseios que as crianças querem comunicar à escritora; com isso, a carta termina se transformando numa tarefa escolar, institucionalizada, com meros fins didáticos. As cartas seguem então padrões canonizados em sua estrutura, são revisadas como os demais textos escolares; a expressividade e a criatividade dos pequenos leitores, quase sempre, não se encaixam nos padrões pré-estabelecidos das missivas fazendo os pequenos perderem o interesse e serem formais, controlando suas expressões de afetividade, preocupando-se sobretudo em apresentar uma boa letra, boa ortografia e um bom português. (Kulesza, 2010, p. 63)

A afirmação de Kulesza pode ser observada na linguagem empregada na carta. Afinal, nota-se o polimento da linguagem e o uso correto de ortografia e pontuação. Contudo, de acordo com uma pesquisa realizada pela Plataforma Pró-Livro, no Brasil apenas 52% da população é leitora. O conceito de leitor, neste caso, é quem leu um livro por completo nos últimos 3 meses. Entre os dados apresentados, constata-se que as bibliotecas das escolas são elementares para a formação do leitor, considerando que quase metade dos leitores quando precisam de um livro recorrem a biblioteca escolar.

Apesar de nos últimos anos o índice de analfabetismo no Brasil ter diminuído, atingindo 5,6% de acordo com os dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) de 2022, entre os que leem há diferentes níveis de leitura, podendo chegar o analfabetismo funcional¹⁶ a quase 30% da população brasileira. Mas, este não é um problema recente, pelo contrário, nos últimos 10 anos houve uma queda de 10% na quantidade de analfabetos funcionais.

O Brasil dos anos 1960 tinha altos índices de analfabetismo e o avanço da industrialização no país acentuava as desigualdades sociais. Afinal, o movimento geográfico de êxodo rural e a crescente urbanização desde o início do século XX, trouxe diversos trabalhadores rurais para a cidade em busca de melhores condições de trabalho

¹⁶ Por analfabetos funcionais compreende-se as classificações: analfabeto e rudimentar, que significa quem não sabe ler ou quem tem dificuldades de compreender e localizar informações explícitas em frases simples.

mas, a falta de escolarização mantinha esses trabalhadores em situação precária. Assim, cresce a necessidade de escolarizar a população.

Vale destacar que durante a década de 1960, Paulo Freire iniciou seu projeto de alfabetização em Angicos. Que em 1964, com a eleição de Jango, se ampliaria a nível nacional, tendo Paulo Freire como Ministro da Educação. Contudo, Freire foi exilado com a tomada do poder por parte dos militares. A partir daí, a educação brasileira continuou em busca de melhores índices de alfabetização, mas, diferente da visão libertária de Freire, o pensamento tecnicista avançou nos manuais pedagógicos deste período.

De acordo com Saviani (2013) a ampliação da formação técnica impulsionada pelo governo militar foi produto de ações propostas pelos mecanismos internacionais no final da década de 1960, como a Organização das Nações Unidas (ONU), a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) e a Organização dos Estados Americanos (OEA). Os fóruns e conferências realizados por esses organismos “integram ainda a coletânea textos de autores representativos da tendência que considera a educação como investimento, versando sobre os fundamentos econômicos da educação e sobre a formação da mão de obra” (Saviani, 2013, p. 370).

Assim como Ana Maria Machado e diversos outros pensadores brasileiros, durante a ditadura, Paulo Freire foi para o exílio. Isso permitiu com que Freire pudesse viver a experiência da educação popular em outros países, nos quais ele continuou trabalhando e escrevendo sobre a educação. Freire esteve no Chile e na África desenvolvendo seu projeto de educação popular que até hoje é referência na temática de estudos anticoloniais, conforme aponta Oliveira e Santos (2017).

Em seu último livro publicado em vida, *Pedagogia da Autonomia*, o autor faz uma síntese de seu trabalho e o indica a todos os professores que lutam por uma sociedade mais justa.

É neste sentido, por exemplo, que me aproximo de novo da questão da inconclusão do ser humano, de sua inserção num permanente movimento de procura, que rediscuto a curiosidade ingênua e a crítica, virando epistemológica. É nesse sentido que reinsisto em que formar é muito mais do que puramente treinar o educando no desempenho de destrezas e por que não dizer também da quase obstinação com que falo de meu interesse por tudo o que diz respeito aos homens e às mulheres, assunto de que saio e a que volto com o gosto de quem a ele se dá pela primeira vez. Daí a crítica permanentemente presente em mim à malvadez neoliberal, ao cinismo de sua ideologia fatalista e a sua recusa inflexível ao sonho e à utopia. (Freire, 1996, p. 8-9)

O conceito de ideologia fatalista do neoliberalismo, citado pelo autor, seria o de que a sociedade é como é, imutavelmente injusta. Para Freire, os sujeitos precisam ter a consciência de que a história não está pronta e que a mudança é necessária. Para o autor, pensar de maneira fatalista leva a manutenção das desigualdades. Neste trecho também pode ser observada a posição de Freire com a luta das mulheres.

Outro item que deve ser destacado é o reconhecimento do professor enquanto classe trabalhadora, o que implica a luta por melhores condições de trabalho e salário. Ao longo da história da educação no Brasil, os primeiros professores foram os padres que tinham o ato de ensinar como missão e, posteriormente, com a feminização do magistério através da ideia de que a mulher cuida por natureza, tirando assim o seu reconhecimento enquanto profissional. Portanto, é elementar reconhecer-se enquanto trabalhador e trabalhadora, pois se trata de posicionamento político e de reconhecimento da própria condição de inserção da mulher na sociedade em suas modificações históricas e geracionais, no que o livro *Bisa Bia, Bisa Bel* contribui na medida que estabelece questões dessa natureza em seu enredo.

CAPÍTULO 3 –MULHERES

- Meu pai, peço desculpas. Mas, se o casamento é meu, quem resolve sou eu. Só caso com quem eu quiser e quando quiser. O Príncipe é muito simpático, valente, tudo isso. Mas nós nunca conversamos direito. E eu ainda quero conhecer o mundo. Até hoje eu nem sabia que o sol voltava todo dia tão bonito. Tem muita coisa mais que eu quero saber. Isso de ficar a vida inteira fechada num castelo é muito bonito, mas eu vi que aqui fora, nesses campos e nesses bosques, tem muita coisa mais. Não quero me casar agora.

História meio ao contrário – Ana Maria Machado

3.1. Trajetória

Historicamente algumas questões biológicas foram colocadas às mulheres como fator condicionante de sua submissão aos homens, por exemplo, a maternidade. Sendo o instinto materno o responsável pelo fato de as mulheres ficarem em casa, cuidando dos filhos enquanto os homens deveriam sair para caçar e, tempos depois, a trabalhar. Por muitos séculos a igreja buscava consolidar o que Engel (2002) chamou de vitória de Maria sobre a figura de Eva. Ou seja, que a mulher mãe, deveria ser a grande aspiração de vida das mulheres.

Contudo, Badinter (1985) afirma que nem todas as mulheres tem o sentimento de amor materno e que esse amor é fruto de nosso tempo. Uma das hipóteses levantadas pela autora é de que durante a Idade Média e até o século XVII, na França, os filhos da classe alta eram entregues às amas de leite, por vezes em condições precárias que levavam as crianças à morte. E, de como a monarquia se apropriou do conceito de grande pai, o grande rei, durante a Idade Média para consolidar a soberania do pai na família e na sociedade. A autora ainda provoca, perguntando se seriam os filhos um presente de Deus ou cruz a carregar? (Badinter, 1985).

A partir do século XVIII, houve mudanças sociais profundas na França e no mundo. No âmbito da família, Badinter aponta a publicação de *Emílio*, de Rousseau, em 1762, como um marco filosófico nas sensibilidades de uma nova visão de infância e, conseqüentemente, de maternidade. Também é importante destacar que a partir da segunda metade do século XVIII a ordem médica avança e os estudos sobre a medicina e a mortalidade infantil se proliferam. De modo que, no Brasil, os médicos passam a ser os maiores defensores da mãe que deveria amamentar e cuidar dos filhos, visando o bem da família. A partir de então, o ato de entregar os filhos a amas de leite passa a ser condenado pela ordem médica.

Na passagem do século XVIII para o XIX, o avanço da medicina também marca a consolidação da psiquiatria enquanto ciência. No Brasil, o advento da Primeira República impulsiona a disciplinarização da sociedade e dos corpos, com destaque ao corpo feminino. Considerando que, a ordem médica deste período aponta a mulher como mais propensa à loucura, devido a sua constituição biológica. De acordo com Engel (2002) a menstruação, a gravidez, o aleitamento e o climatério seriam momentos justificados como propensos ao descontrole e loucura femininos.

Para Engel (2002), o sangue menstrual foi visto por muito tempo como um ingrediente de magias, fonte de raiva, indicativo de perigo e até mesmo de sujeira. Já a maternidade, no século XIX, era considerada como uma cura para os distúrbios de loucura, como a maior aspiração feminina. Assim, a sensibilidade feminina pré-disposta a maternar e ao cuidado era a mesma que, se não suprida pelo ideal de família, poderia levar a mulher à loucura. Entretanto, a autora destaca:

Se queremos mesmo dar uma guinada na história das mulheres, deslocando-a para um campo bem mais fértil e instigante da história dos gêneros, é preciso que, entre outras coisas, abandonemos definitivamente essa obsessão em buscar comprovar que a mulher é mais discriminada, é mais explorada, é mais sofredora, é mais revoltada etc. Nem mais, nem menos, mas sim diferentemente. Diferenças cujos significados não se esgotam nas distinções sexuais, devendo, portanto, ser buscados no emaranhado múltiplo, complexo e, muitas vezes, contraditório, das diversidades sociais, étnicas, religiosas, regionais, enfim, culturais. (Engel, 2002, p. 334)

Ou seja, compreender a História das mulheres é uma maneira de entender o passado de maneira mais complexa, incluindo os sujeitos por ela antes apagado. Contudo, manter o papel de vítima anula a mulher enquanto sujeito.

Com a Revolução Industrial e o avanço da sociedade capitalista, as mulheres ganham espaço no mundo do trabalho. Contudo, o trabalho era realizado em péssimas condições, além disso, acumulavam a função do trabalho doméstico ao chegar em suas casas. Para Perrot (2007, p. 142) “A Revolução Francesa é, também, contraditória. O universalismo da *Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão* não concerne verdadeiramente às mulheres: elas não são indivíduos”. Nesse sentido, o movimento sufragista exigia para as mulheres o ideário da revolução: liberdade, igualdade e fraternidade.

E, pouco a pouco, alguns direitos foram sendo conquistados, por exemplo, o direito ao voto feminino assegurado pela legislação brasileira, em 1932, é apontado por Rago (2013) como elementar para a difusão do direito à educação das mulheres. Antes

disso, a educação feminina ainda era muito restrita às classes mais abastadas e tinha um forte vínculo com a igreja.

O início do século XX no Brasil marca o avanço urbano e o crescimento populacional, nesse sentido, a educação é vista como elementar para o novo tipo de cidadão que se espera. Então, aos poucos o espaço escolar foi designado às mulheres, afinal, o cuidado, sobretudo às crianças, era um papel feminino. Desse modo, foi propiciado às mulheres novas oportunidades de trabalho e acesso ao espaço público.

Sobre o feminismo de Segunda Onda, Mello (2011) discorre sobre como o trabalho doméstico é um ponto relevante no cone sul. No sentido de que as mulheres que passam a habitar a zona urbana e a trabalhar, têm uma vida diferente de suas mães que viviam no campo. O trabalho doméstico continua sendo uma função da mulher, assim como a boa formação dos filhos. Ou seja, as mulheres vivem uma dupla jornada, “As creches públicas são ainda hoje insuficientes e nos anos 1970 essa insuficiência era mais gritante, se fazendo presentes diversos movimentos de mulheres que lutavam por creches” (Mello, 2011, p. 14).

Mello apresenta a ideia de “rainha do lar” difundida na sociedade. A rainha do lar é a mulher que mantém a casa em ordem, os filhos bem cuidados – do ponto de vista da higiene e da moral – e um bom relacionamento com seu esposo e com a família. Em tese, é o espaço soberano destinado às mulheres. No entanto, o homem continua sendo o chefe da família. Além disso, Mello afirma que às mulheres o trabalho doméstico é destinado muito cedo, a começar pelos brinquedos: a boneca, o fogão, a vassoura. Enquanto para os meninos os brinquedos são a pipa, o peão, os carros.

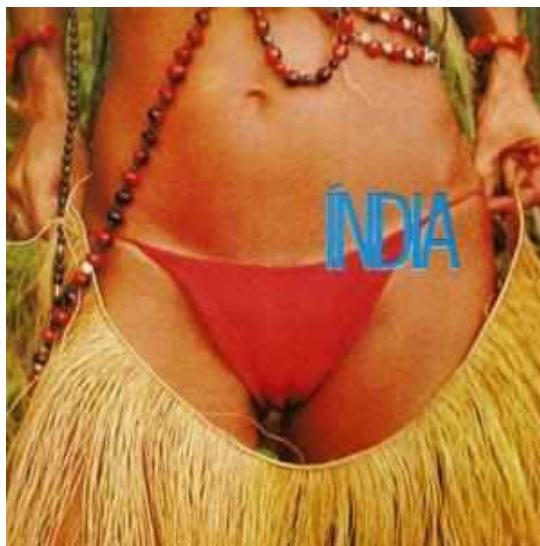
Joana Maria Pedro (2012), em *Feminismo de “Segunda Onda”*, aponta que com a urbanização, na década de 1970, em São Paulo e no Rio de Janeiro, houve a criação de grupos de mulheres intelectualizadas, brancas. Esses grupos questionavam sobre o direito à sexualidade feminina. Considerando que desde a década de 1960 houve avanços no modo de contracepção, com o advento da pílula. Inicia-se questionamentos sobre a maternidade e o sexo por prazer. Pedro (2012) cita que esses grupos de discussão eram acusados de fragmentar o debate dentro de grupos políticos. Nesse sentido, Mello (2011) afirma que para os movimentos de esquerda o problema da opressão feminina é causado pelo capitalismo, portanto, deve-se focar na superação do capitalismo como resolução dos problemas de gênero.

Pedro (2012) evidencia que houve um movimento de “rede” em que mulheres de outros países da América Latina e do mundo iniciaram um diálogo sobre a pauta

feminista, através de jornais, cartas, viagens, etc. Contudo, os jornais deste período de ditadura no Brasil sofreram forte censura e repressão, tendo que existir de maneira irregular, como no caso do periódico no qual “a editoria do Brasil Mulher era formada por pessoas ligadas ao PCdoB (Partido Comunista do Brasil), à APML (Ação Popular Marxista Leninista) e ao MR8 (Movimento Revolucionário 8 de Outubro)” (Pedro, 2012, p. 248). A autora afirma que havia um forte sentimento antifeminista no Brasil dos anos 1970 e 1980, de modo que era mais fácil destinar títulos e chamadas às mulheres, do que utilizar a palavra feminismo.

A Segunda Onda também atingiu o campo artístico. Pedro (2012) cita a TV Mulher, que passava na Rede Globo no período da manhã, destinado às donas de casa. Também o seriado *Malu Mulher*, que retratou a história de uma mulher divorciada e independente. Além desses exemplos, pode-se citar Gal Costa e seu álbum *Índia*, lançado em 1976, que demonstra que os valores esperados para as mulheres daquele período estavam em disputa. De acordo com o jornal GZH, desde o lançamento, o álbum *Índia* de Gal Costa teve que ser vendido com uma capa azul para esconder a fotografia cujo enquadramento tinha como foco a genitália da cantora, coberta por uma minúscula tanga. E apenas a partir de 2015 passou a ser vendido sem censura.

Figura 10 - Capa do álbum *Índia*, de Gal Costa, lançado em 1976



Fonte: GHZ (2022)¹⁷

¹⁷ POR que a capa do álbum "índia", de Gal Costa, foi censurada pela ditadura militar. **GHZ**, Porto Alegre/RS, 10 nov. 2022. Disponível em: <<https://gauchazh.clicrbs.com.br/cultura-e-lazer/musica/noticia/2022/11/por-que-a-capa-do-album-india-de-gal-costa-foi-censurada-pela-ditadura-militar-clab8snem00620170yeuz4k6w.html>>. Acesso em: 21 de jul. de 2023.

Além do álbum *Índia*, outra capa da cantora Gal Costa que merece destaque é a do disco *Bem Bom* (1985). Nesta capa o microfone está posicionado na região pélvica da cantora, essa representação pode simbolizar a expressão feminina, a sexualidade, o gozo, a sensualidade. A cantora que é conhecida por sua voz visceral, anuncia no microfone a sua força uterina. Além disso, foi no ano de 1985 que Gal Costa posou nua, aos 40 anos, para a Revista Status, tendo como fotógrafa Marisa Alvarez Lima, a fotógrafa da Tropicália¹⁸.

Figura 11 - Gal Costa vinil de Bem Bom (1985)



Fonte: Guerra (2020)¹⁹

De modo geral, a cultura de massa dos anos 1970 e 1980 foi um marco para as representações de mulher presentes até então na sociedade.

As produções artísticas, na música, no teatro, no cinema, nas artes plásticas, expressam as inquietações e transformações, bem como o anseio por liberdade presentes na geração de 1960-70. Gal Costa estava demasiada atenta a tudo isso, seu disco censurado, demonstrava o desejo que se tinha sobre o controle das corporeidades. A visibilidade que Gal deu ao corpo feminino e, as novas percepções de amor, coloca em questão a relação entre sexualidade e erotismo, anteriormente centrada no casamento, como a principal realização pessoal e afetiva, compulsoriamente ensinado às mulheres. (Neta, 2022, p. 67)

¹⁸ Movimento de fusão de ritmos brasileiros com as tendências da música do Pop e Rock internacional na segunda metade da década de 1960. Seus principais expoentes na música foram Caetano Veloso, Gilberto Gil, Gal Costa e Os Mutantes. Além da música, outras linguagens de arte integraram a Tropicália, como as artes plásticas, o cinema e o teatro.

¹⁹ Guerra, Renan. Discografia comentada: Gal Costa. *Scream & Yell*, São Paulo/SP, 24 out. 2020. Disponível em: <<https://screamyell.com.br/site/2020/09/24/discografia-comentada-gal-costa/>>. Acesso em 13 de nov. 2023.

Para Pedro (2012) atualmente no Brasil mais mulheres e homens se consideram feministas, contudo ainda há muito o que ser feito.

Talvez a maior conquista das jovens feministas dos anos 1970 e 1980 – muitas vezes desconhecida das novas gerações – seja o reconhecimento da existência de outras maneiras de ser uma mulher, para além das funções idealizadas de esposa, mãe e dona de casa. Até meados do século XX, aquelas que queriam se dedicar a uma profissão, por exemplo, eram levadas a acreditar que deveriam abdicar do casamento e da maternidade. Hoje, o pensamento é outro. (Pedro, 2012, p. 256)

Deve-se considerar que apesar da História apontar a submissão das mulheres e domínio dos homens ao longo do tempo, essa relação é marcada por tensões e disputas. Também é preciso ter em conta as intersecções de classe e raça para aprofundar os estudos de gênero. Além das intersecções mencionadas, o aspecto da idade também é relevante na História das Mulheres.

- Sabe, mãe, aconteceu uma coisa muito interessante. Bisa Bia gostou muito de mim, da minha escola, dos meus amigos, do meu quarto, de tudo meu. Ela agora quer ficar morando comigo.
Fui falando e entrando no chuveiro. Enquanto a água começava a cair, ainda ouvi minha mãe dizer alguma coisa parecida com *anh... ram...*, meio distraída. E continuei:
- Eu guardei ela grudada na minha pele, junto do meu coração, muito bem guardada, no melhor lugar que tinha. E ela gostou tanto – sabe, mãe? – que vai ficar aí pra sempre, só que pelo lado de dentro, já imaginou? Também, era fácil, porque eu tinha corrido e estava suando muito, o retrato dela ficou molhado, colou em mim. Igualzinho a uma tatuagem. Ela ficou pintada na minha pele. Mas não dá pra ninguém mais ver. Feito uma tatuagem transparente, ou invisível. (Machado, 1996, p. 20)

Nesse trecho do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* a personagem Isabel busca responder a pergunta feita por sua mãe “cadê o retrato?”, após a menina ter levado a fotografia de Bisa Bia para a escola. O mergulho nessa espécie de realismo mágico é o que traz o diálogo da personagem com mulheres de diferentes tempos e que irá guiar a jornada de aventuras pelas quais a personagem Isabel passa ao longo do livro em busca de sua própria verdade.

Perrot (2002) afirma que as mulheres enquanto sujeitos históricos podem e devem lutar em busca de mudanças na sociedade, se reconhecendo enquanto agentes de transformação. Afinal, a mudança não deve vir do lado favorecido com a subordinação feminina. Desse modo, a compreensão da História das mulheres demonstra que existe espaço para transformações, ainda que a luta seja árdua.

3.2. A crítica literária na produção de Escritoras Brasileiras

Na obra *Feminino Singular, a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea* publicada em 1989, a crítica Nelly Novaes Coelho, analisa as tendências literárias presentes a partir do século XX no Brasil. A autora afirma que há três “Momentos de Conscientização” nessas produções literárias.

No primeiro momento, nas décadas de 1930 e 1940, as temáticas são voltadas ao amor proibido pela família e à valorização dos estudos das mulheres. Em um segundo momento, de 1940 a 1950, a autora cita a escritora Clarice Lispector e a emergência de temas existencialistas, sendo que os problemas da alma e as novas temáticas rompem com a visão tradicional da escrita feminina.

Coelho (1989) também cita outras obras para defender que no segundo momento de conscientização há textos que destacam o lado mau, perverso e contra as expectativas sociais esperadas para o tipo ideal de mulher da época. Já nas décadas de 1960 a 1980 o amor deixa de ser o tema central das produções. Há o descobrimento do erotismo e o gênero conto passa a ser mais escrito do que o romance.

Portanto, pode-se dizer que quanto mais remota a produção literária feminina, mais o amor aparece como tema central. E, que a literatura escrita por mulheres se abre a novas possibilidades conforme a sociedade muda. É importante destacar que por muitas décadas as mulheres se ocuparam das tarefas domésticas, do casamento, dos filhos ao passo que os homens tinham mais acesso às primeiras letras e a produção cultural e literária de modo geral.

Marisa Lajolo (1989), em *A voz infantil da e na literatura infantil*, afirma que a literatura do século XVII, das fábulas, apresenta figuras maternas em suas histórias, como no livro *O patinho feio*, *A Mamãe Gansa*, entre outros. Afinal, a figura feminina deste período está atrelada ao cuidado do lar e dos filhos. A autora destaca que nessa época os autores que trouxeram essas histórias para a cultura escrita foram homens, por exemplo, Perrault e La Fontaine.

Contudo, Lajolo (1989) afirma que atualmente a produção de livros e crítica infantil são dominadas por mulheres e professoras. E afirma que por ser “vista no interior da literatura como um gênero menor, a literatura infantil, ao tornar-se uma esfera de ação feminina, reflete a marginalização da mulher” (Idem, 1989, p. 30). Nesse sentido, qual seria o papel da escritora mulher na construção de representações de gênero presentes em suas obras?

O status de vítima não resume o papel das mulheres na história, que sabem resistir, existir, construir seus poderes. A história não tende ou para a desgraça das mulheres ou para sua felicidade. As mulheres são atrizes da história: espero tê-lo sugerido e mostrado, recusando qualquer perspectiva maniqueísta dos sexos em branco e preto. As mulheres nem sempre são oprimidas, e pode acontecer de exercer um poder, e até uma opressão. Elas não têm sempre razão. Pode acontecer de serem felizes, e apaixonadas. Escrever sua história não é um meio de reparação, mas desejo de compreensão, de inteligibilidade global. (Perrot, 2007, p. 166)

Portanto, em concordância com princípios de Perrot, pode-se afirmar que a produção infantojuvenil realizada por mulheres e aqui, especialmente Ana Maria Machado, marca um espaço de poder conquistado. E, suas temáticas e representações, à medida em que ganham visibilidade, avançam as questões de gênero anteriormente não discutidas na sociedade através da própria voz feminina. Assim, no caso do Brasil, Ana Maria Machado, Ruth Rocha, Fanny Abramovich, Lygia Bojunga, entre outras, educam com a sua literatura, de modo que seus textos são experiências de luta e resistência.

No livro *Bisa Bia, Bisa Bel* pode-se perceber que temas recorrentes nos livros de Ana Maria Machado são discutidos na obra, entre eles destacam-se o protagonismo feminino, a teimosia, a relação dialógica com as mulheres mais velhas da família, o exílio e a ditadura.

3.3. Análise da obra

3.3.1. Conversas de antigamente

Neste capítulo de *Bisa Bia, Bisa Bel* a personagem Isabel passa um tempo a sós conversando com a sua bisavó. A sós, pois não tem nenhum outro personagem que intermedia os diálogos entre as duas. Então elas conversam sobre as coleções de cromos, que é uma espécie de figurinhas colantes que Bisa Bia apresenta a Isabel, assim, Isabel descobre que era comum a prática de colecionar coisas, como cartões postais e leques.

Durante essas conversas, Bisa Bia também aprende sobre a função de eletrodomésticos e de móveis novos, como sofá-cama, liquidificador etc. Nessas trocas, Bisa Bel conta que em seu tempo todos os móveis tinham um paninho em cima como parte da decoração, a personagem Isabel não entende a necessidade desses panos bordados ou de crochê em todos os móveis, mas no tempo de sua bisavó

As escolas femininas dedicavam intensas e repetidas horas ao treino das habilidades manuais de suas alunas produzindo jovens "prendadas", capazes dos mais delicados e complexos trabalhos de agulha ou de pintura. As marcas da escolarização se inscreviam, assim, nos corpos dos sujeitos. (Louro, 2003, p. 62)

A prática de trabalhos manuais faz parte da História das Mulheres e historicamente estava entre os atributos esperados de uma boa esposa em uma família burguesa. Ainda nesse sentido, em um texto sobre *Mulher e família burguesa no século XIX no Brasil*:

As leituras animadas pelos encontros sociais, ou feitas à sombra das árvores ou na mornidão das alcovas, geraram um público leitor eminentemente feminino. A possibilidade do ócio entre as mulheres de elite incentivou a absorção das novelas românticas e sentimentais consumidas entre um bordado e outro, receitas de doces e confidências entre amigas. As histórias de heroínas românticas, langorosas e sofredoras acabaram por incentivar a idealização das relações amorosas e das perspectivas de casamento. (D’Incao, 2004, p. 259)

No século XIX, o Brasil vivenciou um contexto social e cultural no qual as mulheres tinham papéis definidos, sendo esperado delas que se dedicassem às tarefas domésticas e aos cuidados da família. Nesse contexto, os trabalhos manuais, como o bordado, desempenharam um papel significativo na vida das mulheres brasileiras.

O bordado era uma atividade comumente associada às mulheres da elite, que tinham acesso a recursos e tempo disponível para se dedicarem a esse tipo de trabalho. Era uma prática que envolvia habilidades manuais e criativas, e era frequentemente ensinada às jovens desde cedo como parte de sua educação feminina. Assim, para as mulheres de uma família burguesa, “seus filhos devem realizá-la. Seu trabalho de mão, tricô ou bordado, as "pequenas coisas" do cotidiano as ocupam e as justificam, pois o "trabalho" tornou-se valor indispensável à utilidade social” (Perrot, 2009, p. 117), o trabalho manual se torna parte do trabalho doméstico.

Além de ser uma atividade que ocupava o tempo ocioso das mulheres, o bordado também possuía um significado simbólico. Era uma forma de expressão artística e uma maneira de demonstrar habilidade manual e refinamento. As mulheres bordavam roupas, toalhas, lenços e outros itens de uso pessoal ou doméstico, adicionando elementos decorativos e padrões elaborados.

Para as mulheres do século XIX, o bordado tinha uma dimensão social importante. Era uma prática que ocorria em diferentes contextos, como encontros entre amigas, reuniões sociais e até mesmo em momentos de recolhimento e privacidade. Esses

momentos proporcionavam oportunidades para interações sociais, compartilhamento de confidências e troca de experiências entre as mulheres.

Além disso, o bordado era um meio de expressão e comunicação feminina. Os padrões e desenhos utilizados podiam transmitir mensagens simbólicas ou representar a identidade cultural e social de determinado grupo. Era uma forma de expressar sentimentos, contar histórias e reforçar os valores e normas vigentes na sociedade. Nesse sentido, o artigo de Béatrice Guillier que discorre sobre uma revista infantil destinada às meninas na França, conta que

Em reportagem publicada em 1950 no *La Semaine de Suzette*, o jornal investiga o mais jovem doutor em letras da França. Ele elogia as qualidades da aluna, que também se mostra muito boa no bordado e, por isso, personifica “uma jovem completamente realizada”. (Guillier, 2022)

Portanto, é importante ressaltar que o bordado, apesar de sua valorização como uma atividade feminina, também refletia as restrições e limitações impostas às mulheres da época. Ao serem direcionadas para tarefas domésticas e trabalhos manuais, muitas vezes as mulheres tinham suas oportunidades de educação formal e participação em outras esferas da sociedade negadas.

No capítulo IV do livro, *Conversas de antigamente*, pode ser percebida uma comunhão entre as personagens Isabel e Bisa Bia, quando as trocas sobre o passado e o presente aumentam o repertório das duas personagens. Essas trocas acontecem no cenário da casa, como já citado por Cordeiro (2019), que é um espaço de recolhimento interno na narrativa de *Bisa Bia, Bisa Bel*. No final desse capítulo, Isabel decide sair com Bisa Bia para lancha e a narrativa passa para o cenário externo, a rua, demonstrando sua habilidade e trânsito no espaço público para além da intimidade da casa, como uma possibilidade feminina de seu tempo.

3.3.2. *Meninas que assoviam*

No capítulo V, *Meninas que assoviam*, ocorrem dois conflitos significativos. O primeiro é um conflito pessoal vivenciado pela personagem Isabel, que confronta a moralidade de sua bisavó. O segundo conflito diz respeito aos sentimentos de Isabel em relação a seu colega de escola, Sérgio. Além disso, o capítulo é marcado pela presença de um elemento chamado "assovio", que surge toda vez que Isabel tenta silenciar a voz de

Bisa Bia em sua mente, que dita como uma garota deve ou não se comportar. Esse assovio, que parece ter um tom de protesto, é validado por outra personagem gradualmente introduzida na história, uma voz vinda do futuro que completa a tríade temporal que conduz a narrativa.

Nesse capítulo, Bisa Bia continua oferecendo seus conselhos a Isabel. Bisa Bia se comporta conforme os atributos de uma boa dona de casa de uma família burguesa do século XIX, em que acompanhar de perto e aconselhar as filhas fazia parte das responsabilidades maternas. Embora atualmente seja comum que as mães ainda desempenhem o papel de orientação, seus conselhos não mais se limitam ao casamento, à maternidade e à vida doméstica, como ocorria no tempo de Bisa Bia.

Neste sentido, como já mencionado por Cordeiro (2019), diferente de Bisa Bia, a mãe de Isabel não reproduz os estereótipos de gênero destinado às mulheres, pois ela aparentemente é a mantenedora da família, trabalha como arquiteta e demonstra independência. Por isso, Isabel por vezes estranha os conselhos de sua bisavó.

- Meu coraçãozinho, estou falando é para o seu bem... Um dia, você vai crescer e vai me dar razão...

Ou então:

- Escute o que eu estou lhe dizendo, aprendi com a minha experiência...

- Por isso mesmo, ué, se eu não puder fazer a minha experiência, como é que vou aprender? – bem que eu respondo às vezes.

De tanto ela falar em experiência, experimentei tapar os ouvidos com algodão, mas não deu certo, porque a voz dela vem de dentro de mim. Aí resolvi cantar bem alto, mais alto do que ela, e canto uma música que eu mesma inventei:

Experimenta

Experimenta

Quem não pimenta

Nunca se esquentar

Quem nunca tenta

Jamais inventa

Experimenta

Experimenta (Machado, 1996, p. 29)

Este trecho explicita uma recorrência na obra de Ana Maria Machado: a garota rebelde. Em uma entrevista para o SescTV intitulada *As filhas de Emília: meninas atrevidas da literatura infantil*, Ana Maria Machado diz ter sido leitora de Monteiro Lobato e que em suas memórias de leituras, a personagem Emília se destacava pela sua irreverência e independência. A autora cita, nessa entrevista, o texto *A Reforma da Natureza* de Monteiro Lobato, pela postura irreverente de Emília em sua busca por alterar o dito normal.

- (...) Acabou o desaforo de todo o trabalho de botar e chocar os ovos caber só à fêmea. Os homens sempre abusaram das mulheres. Dona Benta diz que nos tempos antigos, e mesmo hoje entre os selvagens, os marmanjos ficam no macio, pitando nas redes, ou só se ocupam dos divertimentos da caça e da guerra, enquanto as pobres mulheres fazem toda a trabalhadeira, e passam a vida lavando e cozinhando e varrendo e aturando os filhos. E se não andam muito direitinhas, levam pau no lombo. Os machos sempre abusaram das fêmeas, mas agora as coisas vão mudar. Este tico-tico, por exemplo, tem que tomar conta dos ovos. A fêmea fica com o trabalho de botá-los, mas o macho tem que tomar conta deles.

- Mas assim os ovos não chocam – objetou a Rãzinha. – Para que choquem é preciso que as fêmeas fiquem uma porção de dias sentadas sobre eles. As galinhas levam vinte e um dias no choco.

- Já “previ a hipótese” – disse Emília – e reformei esse ponto. No meu sistema de passarinho-ninho quem choca não é a fêmea e sim o Sol, como acontece com os ovos dos jacarés, tartarugas, lagartixas e cobras. (Lobato, 2019, p. 24)

Portanto pode-se dizer que há em Isabel uma irreverência em relação aos conselhos de Bisa Bia. Nesse sentido, Isabel, assim como Emília quando questiona a natureza, confronta a tradição apresentada pela experiência de sua bisavó. Para Zilberman (2017, p. 196), *Bisa Bia, Bisa Bel* “elege um ângulo feminino (...), revelando como o processo de liberação nasce de dentro para fora, não por ensinamento, mas enquanto resultado das experiências vividas”.

Ainda neste capítulo, *Meninas que assoviam*, Isabel pela primeira vez escuta a voz de sua bisneta do futuro, que diz: “- Faça o que você bem entender! Não deixe ninguém mandar em você desse jeito” (Machado, 1996, p. 30). Essa afirmação é aceita pela personagem Isabel, que segue caminhando pela rua, assoviando e vestindo calça, ou seja, desafiando Bisa Bia, até se encontrar com os colegas da escola Marcela e Sérgio. Marcela é representada como uma personagem que reforça os estereótipos de gênero, é recatada, usa vestidos e laços no cabelo, Sérgio também segue os estereótipos esperados para um menino, ele é aventureiro e destemido, e é o menino pelo qual Isabel nutre sentimentos. Assim a história se desenrola para um novo conflito, quando os três personagens avistam uma árvore repleta de goiabas e começam a planejar como alcançá-las.

- (...) A gente sobe na goiabeira... – foi dizendo Sérgio.

- E o portão?

- Ué, pulamos o muro... – completei eu.

- Eu não posso – explicou Marcela. – Mamãe disse para eu não me sujar, que ia estragar minha roupa toda. E eu nem sei fazer essas coisas de moleque...

Dentro de mim, a voz de Bisa Bia recomeçava, fazendo coro com Marcela, lembrando um monte de coisas que não ficam bem para uma mocinha, etcetera e tal. O jeito era assoviar bem alto, enquanto calculava a altura do muro. (Machado, 1990, p. 32)

Pode-se observar neste trecho a resistência da personagem Isabel à tradição e à submissão, nesse sentido, a desobediência faz com que a personagem rompa com os padrões de gênero internalizados. O oposto pode ser percebido através da personagem Marcela, pois não há nenhum impedimento de ordem motora para que ela realize o feito de subir na goiabeira. Pelo contrário, há um interesse, que parte dos sentidos, de comer a goiaba. Contudo, há um impedimento da ordem social internalizado pela personagem, além de certa limitação, considerando as vestimentas que ela utiliza. O trecho acima dialoga com um pressuposto fundante da teoria feminista, proferido por Simone de Beauvoir no início do volume II do livro *O segundo Sexo*, quando a filósofa afirma:

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um Outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. (Beauvoir, 1967, p. 9)

É através da interação com o outro que a mulher se torna consciente de sua condição como o "segundo sexo". Afinal, as restrições, a prudência e a domesticação são ensinadas desde a infância e se manifestam em pequenos comportamentos que, juntos, moldam o ideal de conduta esperado das mulheres. No entanto, tudo o que é aprendido também pode ser ressignificado. É nesse contexto que a personagem Isabel emprega novamente a estratégia que dá nome ao capítulo, o assovio, que se apresenta como uma espécie de neutralização da obediência às regras, e decide pular o muro. Então, o personagem Sérgio a segue, pulando o muro logo em seguida.

- Puxa, Bel, você é a menina mais corajosa que eu já conheci!
Fiquei quieta, o coração batendo forte. Ele continuou:
- E você sobe em árvore feito um menino.
Só ouvi a voz de Bisa Bia:
- Viu só? Ele acha você parecida com um menino. Homem não gosta disso. Agora ele fica pensando que você é um moleque igual a ele e vai levar uma goiaba de presente para aquela menininha bem arrumada e penteada que está esperando quieta na calçada... Finge que se machuca, sua boba, assim ele te ajuda. Chora um pouco, para ele cuidar de você...
Eu já ia começar mesmo a fingir – e nem era tão fingido, porque pensar na Marcela me dava de verdade um pouco de vontade chorar – quando ouvi aquela outra voz, a fraquinha, a mesma que já tinha dito para eu assoviar quando tivesse vontade. Só que agora ela dizia assim:
- Não finge nada. Se ele não gosta de você do jeito que você é, só pode ser porque ele é um bobo e não merece que você goste dele. Fica firme.
Preferi esse conselho. (...) (Machado, 1990, p. 34)

No trecho, há dois caminhos possíveis para Isabel, um que naturalmente a leva ao arrependimento por se expressar parecido aos padrões esperados para o gênero masculino: aventureiro e destemido. E o outro caminho é o de ser como se é. Contudo, há uma culpa inerente que é sentida pela personagem, afinal, ela foi comparada a um menino. Nesse sentido, no livro *a História das Mulheres no Brasil*, Bassanezi afirma que nos anos 1950, “não importavam os desejos femininos ou a vontade de agir espontaneamente, o que contava eram as aparências e as regras” (Bassanezi, 2004, p. 719). Na década 1950, havia, portanto, algumas regras para “aproximações, encontros e compromissos” (Idem, 2004, p. 717), pelas quais a moça não podia se expor, tomar atitude, isso cabia ao homem, às mulheres cabia não se oferecer, ser decente. Afinal, o namoro significava um compromisso de casamento. Apesar de nessa época os casamentos já serem escolhidos por amor, ainda havia forte influência da família nessa escolha, portanto, tanto a mulher quanto o homem, deveriam se manter alinhados às regras sociais.

- Você é mesmo a menina mais legal que eu já conheci, não é feito essas bobonas por aí, que parece que vão quebrar à toa. Tem horas que eu tenho vontade de casar com você quando crescer. Pelo menos, assim meus filhos não iam ter uma mãe chata feito tantas que têm por aí. (Machado, 1990, p. 34)

É importante observar que o trecho retrata uma visão estereotipada da mulher. A personagem é elogiada por ser diferente das outras, que supostamente seriam frágeis e facilmente quebráveis, sendo assim, uma boa esposa e mãe. Essa visão simplista da feminilidade reflete estereótipos de gênero que têm sido perpetuados ao longo da história, reforçando ideias preconceituosas sobre as mulheres. Nesse sentido, Zanello afirma que

se elas são avaliadas, por um lado, em função de sua beleza (e de seu comportamento/performances), por outro, a prateleira do amor, no dispositivo amoroso, outorga o lugar de avaliadores aos homens. São eles que avaliam física e moralmente as mulheres. Por seu turno, nunca são avaliados de verdade por elas, e sim por seus pares. (Zanello, 2018, p. 77)

Para essa autora, ao teorizar sobre o dispositivo amoroso, as mulheres estão dispostas em prateleiras onde são escolhidas pelos homens. Nesse sentido, as mulheres com vantagem na prateleira, em um lugar privilegiado e ao alcance das mãos, são as mulheres brancas, magras, jovens, enfim, as que se encaixam nos padrões exigidos pelo mercado, pela moda, pelas revistas e propagandas. Na função de consumidor está o homem, que escolhe o “produto”.

Além disso, a menção do personagem Sérgio ao casamento, como um objetivo para o futuro da personagem, também revela uma perspectiva normativa em relação aos papéis de gênero e da família tradicional. A ideia de que casar e ser mãe são as principais realizações de uma mulher é uma concepção histórica que tem sido questionada ao longo do tempo. No Brasil, nos anos 1980, a partir da segunda onda feminista que atingiu o mundo, as transformações na sociedade já podiam ser observadas, com mulheres em protestos, fora da esfera doméstica.

Durante muito tempo, no Brasil, as pessoas separaram feminista de feminina, como se fossem coisas opostas. Até o final dos anos 1980, por exemplo, poucas pessoas aceitavam o rótulo de feminista, porque, no senso comum, o feminismo era associado à luta de mulheres masculinizadas, feias, lésbicas, mal-amadas, ressentidas e anti-homens. Se as mulheres que eram a favor da emancipação feminina não queriam ser vistas assim, o que dizer dos homens que, por apoiarem-nas, estavam sujeitos a todo tipo de gozação machista? Definir-se como feminista no Brasil era um grande risco. (Pedro, 2012, p. 240)

O conflito vivido pela personagem Isabel ilustra esse dilema entre ser feminina e ser feminista, típico dos anos 1980. Pedro (2012) afirma que a segunda onda feminista no Brasil teve suas especificidades, por conta da ditadura-cívico militar, período de maior controle social, sobretudo no que diz respeito aos direitos das mulheres. De modo que, mesmo quem apoiava o movimento tinha receio de se declarar feminista. Contudo, uma mudança nos hábitos de gênero já estava em proliferação, Rita Lee no ano de 1979 lançou a música *Mania de Você* em parceria com seu segundo esposo, Roberto de Carvalho.

Com o álbum Rita Lee (1979), os LPS de Rita passaram a vender feito água. Com Roberto de Carvalho, pariu clássicos. O primeiro deles a tomar as rádios é mais do que uma música romântica: “Mania de você” traz uma mulher porreta, tomando as rédeas do prazer para si. E numa época em que o prazer feminino ainda era tabu! O sexo era sempre cantado do ponto de vista masculino. Muita gente achou um absurdo, mas muito mais gente se identificou com Rita e a música passou semanas em primeiro lugar nas paradas. E foi parar num comercial de jeans onde casais tiravam a roupa para transar debaixo d’água. Ou seja, como Rita mesmo diz, vendeu-se ao sistema. E chocou a sociedade ao mesmo tempo. (Lee, 2016, p. 171)

Mas Rita Lee não parou por aí, a cada novo álbum trazia a perspectiva feminina na música para um novo nível de liberdade. A cantora foi um exemplo vivo de seu tempo, da liberdade sexual feminina, traduzindo-o em canções. Rita que já havia se desquitado de Arnaldo Baptista, seu primeiro marido e companheiro de banda, só oficializou o divórcio em 1977 com a aprovação da Lei do Divórcio (1977).

Em 1981 Rita Lee lançou o álbum *Saúde*.

Quando eu nasci
Minha mãe dizia
Tome cuidado
Com o bicho-papão
Não dê ouvidos
Às más companhias
Siga o instinto
Do seu coração

Fiquei mocinha
E sabe como é
O tal bicho-papão
Virou meu namorado
Eu sou má companhia
Pra quem não tiver
Um coração que vive apaixonado

Sempre fui levada-da-breca
Brincar de médico
É melhor que boneca (Lee, 1981)²⁰

Nesse trecho, Rita Lee demonstra orgulho por ser espontânea, fora dos padrões esperados para as mulheres, recusando os conselhos de sua mãe e ao mesmo tempo se assumindo em suas narrativas como sujeito de desejo e de prazer.

No âmbito da literatura infantojuvenil desse período, essa onda também já começava a ser sentida, a personagem Raquel do livro *A Bolsa Amarela*, de Lygia Bojunga (1976), tinha três desejos: vontade de crescer, de ser garoto e de ser escritora. Raquel demonstrava indignação por ser julgada caso quisesse brincar de futebol, de pipa ou decidir sobre o futuro “A gente tá sempre esperando vocês resolverem as coisas pra gente. Você quer saber de uma coisa? Eu acho fogo ter nascido menina.” (Bojunga, 2010, p. 17).

Essa representação em *A Bolsa Amarela* é um exemplo poderoso de como a literatura infantojuvenil começava a abordar questões relacionadas às relações de gênero e a questionar os papéis tradicionais impostos às meninas. Através da voz de Raquel, Lygia Bojunga dá voz aos anseios e à insatisfação das mulheres, oferecendo uma perspectiva crítica sobre as normas e as expectativas sociais.

A personagem Raquel, portanto, antecipa o movimento de empoderamento feminino presente na literatura infantojuvenil da segunda onda feminista, em que as

²⁰ TATIBITATI. Intérprete: Rita Lee. Compositores: Rita Lee e Roberto de Carvalho. *In*: Saúde. Rio de Janeiro: Som Livre, 1981.

autoras buscavam ampliar as possibilidades de identificação e representação das jovens leitoras, desafiando as convenções e abrindo caminho para uma narrativa mais igualitária.

Essa análise reforça a importância da literatura infantojuvenil como uma ferramenta de conscientização e transformação social, permitindo que as jovens leitoras se identifiquem com personagens que questionam as desigualdades de gênero e inspirem-se para rejeitar estereótipos e buscar sua própria voz. Assim como a personagem Raquel, no livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, Isabel com sua coragem e rebeldia, provoca em seus leitores o poder de questionar e redefinir seu lugar no mundo.

3.3.3. *Um espirro e uma tragédia*

Neste capítulo, a personagem Isabel está gripada e fica alguns dias sem ir à escola, recolhida em sua casa imersa em seus diálogos com Bisa Bia. Novamente, após uma aventura externa, a personagem retorna ao ambiente do lar, que representa certa introspecção. Nesse momento do texto, os diálogos entre Bisa Bia e Isabel são relacionados aos sentimentos que a personagem tem por Sérgio.

- Menina de sua idade não devia estar pensando em namoro, isso não fica bem. Menina de sua idade deve é brincar de roda, fazer comidinha, pular amarelinha, costurar roupa de boneca...
- Ué, mas você não vive dizendo que eu sou uma mocinha?
- É só modo de dizer...
- E no seu tempo as mocinhas casavam com quantos anos, Bisa Bia?
- Ah, não sei, não lembro, esqueci... (Machado, 1990, p. 36)

Assim como Isabel, Bisa Bia também demonstra alguma teimosia em seu modo de enxergar o mundo. Contudo, nesta citação a personagem Isabel demonstra saber que no passado as mulheres casavam-se ainda jovens. Nesse sentido, Costa (2004) afirma que no Brasil colonial era comum o casamento de jovens de 12 anos com homens de 60 anos, por exemplo, além de ser frequente o casamento entre primos e familiares, de modo que a riqueza familiar fosse mantida, além de garantir a pureza de linhagem.

Para mudar de assunto com Isabel, Bisa Bia indica que a neta brinque de brincadeiras que remetem aos afazeres domésticos e ao cuidado. Nesse sentido, Bernardes (2005), em concordância com os estudos de Ariès, afirma que na primeira infância, antes de 1600, existem fontes históricas que comprovam que meninos e meninas brincavam de bonecas.

Entretanto, em torno dos sete anos, acontecia uma mudança na vida de uma criança do passado, particularmente para o menino. Esse abandonava o vestido comprido usado na infância e passava a usar calças curtas e um gibão; era proibido de brincar com bonecas e de carreteiro. Além disso, sua educação ficava sob a responsabilidade dos adultos do sexo masculino. O menino nobre aprendia a atirar, a caçar, a montar a cavalo e a jogar jogos de azar. As meninas, em contrapartida, continuaram, por muito tempo, a ser tratadas como pequenas mulheres. As diferenças de gênero, tênues durante a primeira infância, tornaram-se mais aprofundadas. (Bernardes, 2005, p. 47)

Atualmente a brincadeira é consolidada nos estudos pedagógicos como essencial para o desenvolvimento, pois “pode-se inferir que brincando e jogando a criança estabelece vínculos sociais, aprende a conviver em grupo e aceita a participação de outras crianças de forma igualitária” (Idem, 2005, p. 53).

Nesse sentido, a autora afirma que as mudanças advindas do desenvolvimento do capitalismo começam por reforçar os brinquedos e brincadeiras destinados aos meninos e as meninas. As prateleiras destinadas às meninas têm bonecas de todos os tamanhos e formatos, enquanto as dos meninos têm carros dos mais diversos. E assim o mercado exerce um micropoder²¹ através de sua capacidade de moldar comportamentos, normas e subjetividades.

No contexto de *Bisa Bia, Bisa Bel* as brincadeiras sugeridas à Isabel pouco importaram, ela continuou ansiosa para voltar à escola e encontrar com Sérgio. Aconteceu que, ao voltar, a personagem ainda estava gripada e quando Sérgio se aproxima, ela expira.

(...) Aí, aconteceu uma tragédia: espirrei. Um escândalo:

- AAAAAAAAAATCHIM!!!!!!!!!!

Você deve estar me achando uma exagerada. Afinal de contas, espirrar não é uma tragédia, todo mundo espirra quando está resfriado ou tem alergia. Eu sei. Mas é que dessa vez, foi mesmo um espirro trágico. É que, assim que espirrei, precisei de um lenço. Toca a procurar os meus no bolso do casaco. Não achava. Cada vez precisava de mais deles e estavam mesmo sumidos. O nariz ia escorrer, já estava começando, e nada de achar os lenços, eu tinha certeza de ter trazido, onde podia ter perdido?, meu Deus, que aflição!, ia escorrer mesmo, já estava escorrendo, o melhor era sumir dali, mas não deu tempo... Aquele insuportável do Fernando resolveu se manifestar:

- Não adiantou nada você ficar em casa todos esses dias, hem, Bel... Não deu tempo nem para tomar banho. Olha só, pessoal, que cara mais suja de meleca... (Machado, 1990, p. 38)

²¹ O conceito de micropoder de Foucault destaca a complexidade com que os micropoderes exercem na vida cotidiana. Nesse sentido, o poder não é explicitamente punitivo, mas ele é capaz de moldar a subjetividade coletiva e individual.

Neste trecho há uma mudança na diegese, o texto passa a se dirigir diretamente ao leitor, quebrando a chamada "quarta parede" e estabelecendo uma relação mais íntima e interativa. De modo que, o desespero de Isabel ao procurar o lenço pode gerar empatia ou identificação no leitor, criando um diálogo emocional tragicômico²².

Em sequência a personagem Isabel demonstra muita irritação com tudo que acaba de acontecer, ela diz “(...) os meninos todos caíram na gargalhada. Todos. Todinhos. Até o Sérgio, aquele duas-caras, tão derretido quando está sozinho comigo, tão maria-vai-com-as-outras quando está com os amiguinhos lá dele.” (Machado, 1990, p. 38). Assim, o personagem Sérgio é retratado como desleal à Isabel em cumplicidade com seus amigos meninos.

Se as mulheres aprendem o silêncio como forma de cuidar das relações (abrir mão de si mesma, para manter o bem-estar dos outros e das relações), no caso dos homens, trata-se de manter a cumplicidade com outros homens e para preservar, narcisicamente, o sentimento de honra perante eles. É um silêncio “para fora” do grupo, pois para dentro há uma comunicação intensa, a ponto de uma “façanha” viril de um dos membros ser fácil e rapidamente compartilhada dentre os demais. Há uma grande pressão para se conformar, mas é essa conformação (mesmo que não intencional, sem concordar, mas silenciosa) que perpetua a dominação da masculinidade hegemônica. (Zanello, 2018, p. 184)

Toda a situação na escola se volta novamente à Isabel e Bisa Bia. Após o espirro e a vergonha misturada com raiva que a personagem Isabel descreve, Bisa Bia afirma “- Os rapazes do meu tempo eram muito diferentes, mais cavalheiros...” (Machado, 1990, p. 39), indicando seu descontentamento com a postura de Sérgio. Assim, Bisa Bia acaba confessando que havia deixado cair os lenços de papel, esperando que Sérgio ajudasse.

Ela confessou, toda triste:

- Fui eu, sim, minha querida, com a melhor das intenções. Eu não podia imaginar que fosse acontecer uma coisa dessas. No meu tempo...

Aí estourei:

- Não me interessa o seu tempo! Quando é que você vai entender que hoje em dia tudo é muito diferente? Eu sou eu, vivo no meu tempo, e quero fazer tudo o que tenho vontade, viver minha vida, sacou, Bisa Bia? Eu sou eu, ouviu? (Machado, 1990, p. 40)

²² O termo “tragicômico” tem suas raízes no teatro grego, na comédia e na tragédia. Na literatura, teatro, cinema e outras formas de expressão artística, o tragicômico pode ser encontrado em obras que apresentam uma mescla de momentos tristes, dramáticos ou de tensão com momentos leves, engraçados ou absurdos. Essa combinação de elementos opostos cria uma atmosfera única, em que o espectador ou leitor é levado a experimentar uma ampla gama de emoções.

Neste trecho Isabel marca a sua diferença temporal, utiliza uma gíria que indica a necessidade de se autoafirmar como diferente, além de demonstrar seu descontentamento com a postura de Bisa Bia. No meio dessa discussão com Bisa Bia, a professora, Dona Sônia, passa pelo banheiro no qual Isabel está “falando sozinha” e a acolhe, diz que deve estar delirando por estar doente, febril e liga para a sua mãe buscá-la na escola. Por fim, Isabel acha melhor ir para a casa do que enfrentar a turma.

A personagem de Dona Sônia, a professora de História, é sempre retratada a partir de uma personalidade empática, atenciosa e gentil. Essas características podem ser percebidas em relações cotidianas ou em relação à sala de aula propriamente dita. E a escola, enquanto instituição, não é negada ou questionada pela personagem. Pelo contrário, ela é um dos cenários importantes na construção da narrativa da história em *Bisa Bia, Bisa Bel*, este é um fator que pode criar laços com o leitor em idade escolar. Afinal, a escola é onde as crianças e adolescentes passam a maior parte do dia e é o lugar onde se passam grande parte dos problemas da vida cotidiana dessa faixa etária de leitores.

Fanny Abramovich (2004) ao abordar as instituições em sua análise da literatura infanto juvenil afirma que a escola por vezes é retratada com certo desdém pelos personagens criança. A autora cita o exemplo do livro *Grimble*, quando o professor faz a chamada “O colégio tinha um sistema interessante. Se o aluno não respondesse a chamada, o professor era obrigado a marcar um “S” ou um “A”, o que podia significar que o aluno em questão ou era surdo ou estava ausente” (Abramovich, 2004, p. 52).

No livro *O Ateneu* (1888), romance escrito por Raul Pompéia, a maior parte da trama se passa no colégio interno. Esta obra também é narrada em primeira pessoa e retrata valores morais, políticos e econômicos de seu tempo. O Ateneu é retratado como um espaço de forte apelo ao controle, elitista, moralizante etc. De modo que, o desfecho retrata o colégio incendiado, como metáfora do colapso social que aquela sociedade enfrentava, materializado pelo colégio.

Em *Bisa Bia, Bisa Bel* a figura da professora, Dona Sônia, não representa uma professora severa, muito pelo contrário, ela demonstra uma relação pessoal com Isabel. Outro aspecto que se desdobra nessa cena do acolhimento à Isabel no banheiro, é o fato de ligarem para a mãe da personagem, considerando que é mais uma situação em que o pai poderia ter sido acionado na história, mas é novamente a mãe quem aparece para resolver o conflito e assim se encerra este capítulo do livro.

3.3.4. *A dona da voz misteriosa*

O capítulo VII, *A dona da voz misteriosa*, se inicia com uma conversa entre Isabel e sua mãe, com as duas personagens no carro, após saírem da escola, a caminho de casa. Pinsky (2012) afirma que o ato de dirigir foi uma reivindicação das sufragistas, mas é lentamente incorporado no Brasil, se consolidando após a segunda onda feminista. Para esta autora, há diversas transformações em efervescência a partir da segunda metade dos anos 1960.

Para Pinsky juntamente com a representação da mulher/mãe trabalhadora é atrelada a representação da mulher consumidora, aquela que compra os produtos de limpeza para a casa, compra cosméticos e os demais produtos de beleza. De acordo com a autora, neste período se proliferam no Brasil as escolas mistas, assim, mulheres e homens passam a estudar o mesmo currículo. O acesso aos estudos pouco a pouco abre às portas do mercado de trabalho.

O modelo tradicional da dona de casa foi sendo aos poucos depreciado, relegado a “mulheres incultas”, senhoras mais velhas, “matronas gordas”, “esposas bibelô” ou “bonequinhas de luxo”, em oposição ao ideal da “mulher realizada profissionalmente”, “dona do próprio nariz” e com interesses culturais. Agora, a mulher deve trabalhar mesmo que não haja necessidade econômica, que o marido ganhe bem ou que ela seja uma rica herdeira. O trabalho evita que a mulher seja “sugada pela futilidade” e lhe permite dialogar de igual para igual com o homem construindo relacionamentos pessoais sob novas bases. Capaz de buscar a própria felicidade, a “nova mulher” é bem-sucedida no trabalho e tem orgulho de seus filhos e de sua casa. Integrada à realidade do mundo atual, tem força de vontade e ideias próprias. Goza dos “privilégios que a época lhe outorga” e aceita as responsabilidades deles decorrentes. (Pinsky, 2012, p. 635)

Nesse sentido, a personagem retratada por Ana Maria Machado como a mãe da personagem Isabel está bem localizada neste perfil de mulher. Ela teve acesso à escola, tem uma profissão, mantém a casa, cuida da filha, dirige, enfim, exerce os direitos da mulher cidadã, fruto de seu tempo.

Após uma conversa entre Isabel e sua mãe, na qual a menina perguntava como eram os lenços de antigamente, a mãe explica que os lenços eram bordados com as iniciais do nome de cada um. Isabel pede a mãe que a ensine a bordar e ela consente. Desse modo, quando a personagem Isabel está sozinha bordando o ponto cruz que sua mãe a ensinou, aparece novamente a voz de Bisa Bel, que diz “- Isso, sim, é comportamento de uma

mocinha bonita! Estou gostando de ver esta senhora minha bisneta, tão jeitosa...” (Machado, 1990, p. 44).

A personagem Isabel ainda demonstra certa chateação com Bisa Bel após toda a história do lenço. E é nesse contexto que surge outra voz, que diz “- E você aí, deixe de ser boba, perdendo seu tempo, espetando agulha num pano, só pra agradar um bobalhão que ri de você, só para bancar a menininha fina. Para que fingir? Tem horas que não dá mesmo para fingir. Largue isso e vá fazer alguma coisa útil” (Idem, 1990, p. 44).

A tríade está completa, Bisa Bia defende seus argumentos do passado e Neta Beta com seus argumentos do futuro. E é nesse contexto que Isabel se posiciona contra as duas vozes em sua cabeça.

- E então, um pouco de mim vai ficar para sempre morando dentro de você...
- Junto comigo? – quis saber Bisa Bia. – Será que tem lugar?
- Tem que ter – confirmou Neta Beta. – E, pelo jeito, a gente vai discutir um bocado.
- Confesso que eu estava gostando tanto da idéia que bati palmas.
- Mas temos uma coisa em comum, minha querida – percebeu logo Bisa Bia.
- Nós duas gostamos muito, muito de Bel, e só queremos o bem dela.
- Isso é verdade – disse Neta Beta. – Mas os nossos palpites são tão diferentes... Como é que ela vai saber quem tem razão? (Machado, 1990, p. 48)

Conforme o padrão da narrativa que pôde ser observado, após um período em casa imersa em diálogos internos, a personagem Isabel chega a uma síntese que a ajudará a agir no capítulo seguinte. Desse modo, ela conclui que está entendendo que a opinião de Bisa Bia e de Neta Beta são importantes e podem ser consideradas, mas que as duas não estão sempre certas.

Tem horas que, apesar de saber que é tão mais fácil seguir os conselhos de Bisa Bia, e que nesse caso todos vão ficar tão contentes com o meu bom comportamento de mocinha, tenho uma gana lá de dentro me empurrando para seguir Neta Beta, lutar com o mundo, mesmo sabendo que ainda vão se passar muitas décadas até alguém me entender. Mas eu já estou me entendendo um pouco – e às vezes isto me basta. (Machado, 1994, p. 48)

Desse modo, parece haver uma afirmação da personagem Isabel no tempo presente, ou seja, nem no passado e nem no futuro, mas em concordância com suas escolhas pessoais, seus sentimentos e seu contexto. Assim, termina o penúltimo capítulo, no próximo capítulo, que é o último, Isabel retorna à escola com Bisa Bia e Neta Beta.

3.3.5. *Trança de gente*

O capítulo *Trança de Gente* é o oitavo e último do livro *Bisa Bia, Bisa Bel*. Após ter ficado alguns dias sem ir à escola, a personagem Isabel retorna ao ambiente escolar. Isabel já estava se familiarizando com a ideia de ter Bisa Bia e Neta Beta em seus pensamentos, apresentando alternativas contraditórias para suas ações cotidianas. A personagem narra que ora se inclina mais às opiniões da bisavó e ora às opiniões da bisneta, ela afirma “Não dá pra ser mulher-maravilha. Pelo menos, não dá o tempo todo, sem fingir. Vou descobrindo que dentro de mim é uma verdadeira salada.” (Machado, 1990, p. 49).

O enredo deste capítulo está no fato de ter entrado dois novos alunos na sala de aula da personagem Isabel, um casal de gêmeos, Maria e Vítor, que acabavam de chegar ao Brasil após passarem por um período exilados, com seus pais. Os gêmeos são retratados como muito independentes, Vítor sabe cozinhar e Maria sabe consertar tomada e bicicleta.

Em meio à euforia do novo, a professora de Isabel inicia a aula de História e conta para a personagem que ela havia encontrado o retrato de sua bisavó. Dona Sônia, a professora, diz à Isabel “Vamos passar algumas semanas estudando esse tempo, o final do século passado, o começo deste... Que é que você acha?” (Machado, 1996, p. 53), demonstrando uma atitude dialógica.

Eu estava tão feliz de ter achado o retrato de Bisa Bia que não conseguia achar nada para falar. Ainda mais agora, com essa boa ideia, de ficar sabendo montes de coisas do tempo dela, ah!, ia ser ótimo!... Foi me dando um nó na garganta, uma vontade de chorar de alegria, de emoção, sei lá, nem consigo explicar. Aí, de repente, reparei que Vítor, o novo aluno, também estava disfarçando e enxugando uma lágrima no canto do olho. Não entendi porque. Ainda bem que Dona Sônia não esperou minha resposta nem reparou no choro do Vítor (que menino mais esquisito... será que ele nunca ouviu falar que homem não chora?) (...). (Machado, 1990, p. 55)

Neste trecho, Isabel parece surpresa com o choro do colega e, conforme Vítor explica o motivo por estar chorando, a personagem demonstra empatia. Assim, Ana Maria Machado retrata os papéis de gênero invertidos, é o menino quem chora e a menina quem considera isso uma atitude proibida aos meninos. De acordo com Zanello (2018), enquanto das meninas é esperada a doçura, dos meninos é esperada a coragem e a valentia. Portanto, um menino estar em uma posição vulnerável pode ser sinal de fraqueza. Esse sintoma já foi tratado em outro livro de literatura infantil, escrito por Sônia Rosa, *O*

*menino Nito*²³. Nessa história, o personagem principal, Nito, é encorajado pelos pais a ser durão, assim, ele segura o choro em diversos momentos até que adoce e o médico receita que o menino chore tudo o que for necessário. E assim, após chorar um rio de choros “engolidos”, Nito volta a ficar saudável e seus pais se desculpam por ter proibido o menino de chorar quando necessário.

No contexto de *Bisa Bia, Bisa Bel* o personagem Vítor é um tanto didático em suas ações e diálogos. Vítor explica para Dona Sônia que se sensibilizou com a temática de estudar sobre o tempo dos avós pois ele esteve exilado do Brasil quando o seu avô morreu e sente muitas saudades. Sobre a ditadura o personagem afirma:

- Lembro de uma noite, quando nós estávamos em Roma e ele tinha ido nos visitar. Era na véspera do embarque dele de volta para o Brasil. Maria e eu queríamos viajar com ele, queríamos que papai e mamãe também voltassem para a terra da gente, estávamos todos meio tristes... Eu não entendia por que não podíamos voltar. Aí vovô explicou que um dia íamos poder, mas falou que quem quer construir os tempos novos geralmente não é compreendido, é perseguido e sofre muito, e era isso que estava acontecendo com meus pais. (MACHADO, 1990, p. 54)

Este trecho dialoga com a trajetória pessoal da autora Ana Maria Machado. Em uma entrevista de 2014 para o Canal Brasil, no programa intitulado *Exílio e Canções* apresentado por Sergio Britto, Ana Maria Machado relata sua experiência enquanto mulher e mãe exilada, com participação especial de seu filho Rodrigo. Ela relembra que quando voltaram ao Brasil o filho não falava nenhuma palavra, apenas escutava em silêncio, até que alguns meses depois começou a conversar em português.

Quando voltou ao Brasil, em dezembro de 1972, Ana Maria Machado se concentrou em trabalhar em jornais e rádios. Separou-se do primeiro esposo, período em que escreveu *História Meio ao Contrário* em busca de compreender como o amor começa com um “felizes para sempre” mas em seguida tudo pode mudar. Este livro recebeu dois prêmios importantes, Prêmio João de Barro (1977) e o Prêmio Jabuti (1978), e a partir daí Machado (1996), afirma que passou a se dedicar exclusivamente ao ofício literário.

No livro *Bisa Bia, Bisa Bel* o personagem Vítor continua lembrando as memórias junto de seu avô “Aí ele contou muita coisa da História do Brasil e do mundo. Disse que no tempo dele já tinha sido melhor do que no tempo do pai dele, não tinha mais escravos, os trabalhadores já recebiam salário” (Machado, 1990, p. 54). O personagem apresenta um modelo de sala de aula invertida, no qual o estudante, num tom

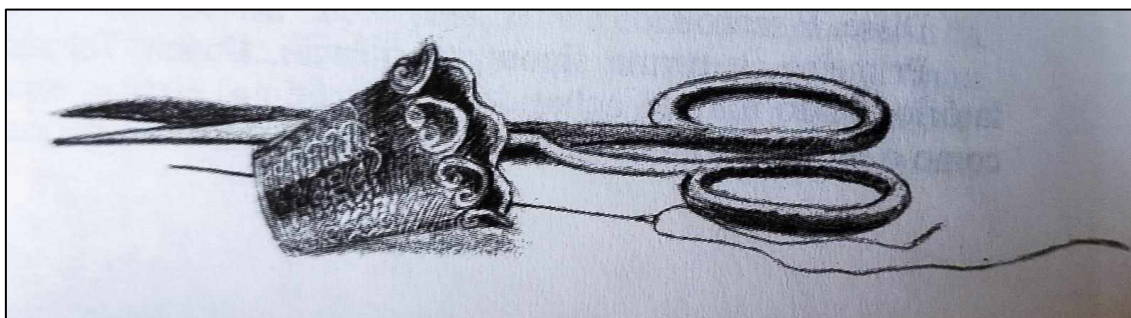
²³ ROSA, Sônia. *O menino Nito*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006.

memorialístico, apresenta a História do Brasil para a turma. A personagem Isabel, e os colegas, parecem se emocionar com o que Vítor relatou. Por fim, o garoto tem uma ideia, que toda a sala além de pesquisar sobre o passado, pesquise como será o mundo no futuro.

- Então, está bem – Dona Sônia encerrava a aula, tinha passado tão depressa.
– Cada um vai para casa e pensa nisso até a próxima vez, conversa com a família, com os amigos, imagina, sonha. A idéia é ótima. Vamos todos trabalhar esse tema – dos bisavós aos bisnetos. (Machado, 1990, p. 56)

Por fim, Isabel termina com uma reflexão de que as mudanças nem sempre são fáceis, mas servem para melhorar as coisas. A personagem se afirma como uma parte da trança de gente, na qual também estão inseridas Bisa Bia e Neta Beta. E, assim, Isabel decide compartilhar o seu segredo e contar às pessoas que as duas moram com ela “e nós três juntas somos invencíveis, de trança em trança” (Machado, 1990, p. 56).

Figura 12 - A tesoura, a agulha e o dedal



Fonte: Machado (1990, p. 56)

A imagem acima, que é a última presente no livro *Bisa Bia, Bisa Bel* possui três objetos: uma tesoura, uma agulha com linha e um dedal. Esses três itens remetem as três personagens que compõem a “trança de gente” proposta por Ana Maria Machado. A personagem Bisa Bia pode estar representada pelo dedal, um objeto que serve para a proteção dos dedos ao realizar um bordado ou uma costura, que proporciona uma superfície resistente para pressionar a agulha tornando a costura mais confortável. A tesoura pode ser remetida a Neta Beta, personagem que rompe com as normas sociais impostas. Já a agulha pode simbolizar a personagem Isabel que assim como a agulha, une o passado e o futuro, costurando o seu próprio destino.

O final feliz típico do gênero romance se reproduz neste livro, mas com uma autoafirmação da personagem Isabel, com orgulho, de fazer parte da trança de mulheres

de sua família. De modo que, conforme afirmado por Cordeiro (2019), a relação entre as mulheres compõe a gênese da trama. Além disso, encerra a jornada de descoberta pela qual a personagem Isabel vive ao longo da narrativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro *Bisa Bia, Bisa Bel* é um artefato cultural representativo de seu tempo. Pode-se concluir que os anos 1970 foram um período de expansão das autoras mulheres no campo da literatura infantojuvenil, de acordo com Coelho (1989). Nesse sentido, os livros publicados trazem a perspectiva feminina para a literatura na representação dos dilemas e dos desejos das mulheres. Certamente este movimento é diverso, considerando a pluralidade do conceito de mulher: branca, negra, indígena, rica, pobre, conforme exposto por Cordeiro (2019).

As representações de meninas decididas, fortes e que questionam os estereótipos de gênero também é outra característica que pode ser observada nas publicações do período analisado, sobretudo para as escritoras que tem a obra lobatiana como referência, conforme Silva (2010), como é o caso de Ana Maria Machado. Destaco também a importância da Revista *Recreio* na virada infantojuvenil na carreira de diversos escritores dos anos 1970, conforme Coelho (2002), em especial a relevância das autoras Ana Maria Machado e Ruth Rocha.

O papel exercido por Ana Maria Machado e demais escritoras de literatura infantojuvenil dos anos 1970 e 1980, como Ruth Rocha, Lygia Bojunga, Marina Colassanti, deve ser destacado, na medida em que transformaram as mudanças sociais advindas das reivindicações feministas para a literatura. Também destaco o papel de intelectual mediador de Ana Maria Machado no que diz respeito a seus escritos sobre o autoritarismo para a literatura infantojuvenil que se apresenta no último capítulo do livro *Bisa Bia, Bisa Bel* e nos livros *Era uma vez um tirano* e *Raul da ferrugem azul* nos quais a autora faz uma crítica explícita ao regime ditatorial no Brasil.

No Brasil, observa-se que o período da ditadura cívico-militar foi marcado por sua complexidade, pois muitas mulheres identificadas como guerrilheiras ou feministas, foram presas, torturadas ou exiladas. Conforme Rago (2013), muitas mulheres sofreram torturas específicas de gênero, como o estupro e ameaças envolvendo seus filhos e familiares.

Considerando as condições históricas, fez-se a resistência por onde foi possível. A literatura infantojuvenil foi um desses espaços, pois esta não chamava a atenção do regime militar. Pelo contrário, de acordo com Saviani (2013), durante a ditadura aumentou consideravelmente a inserção do Brasil nos índices internacionais de educação, que escancarava o analfabetismo no país e isso era encarrado pelos militares como um

mal a ser combatido. Portanto, parece não ter havido impasse por ordem do regime quanto a produção de literatura infantil neste período.

Com a retomada do regime democrático, houveram incentivos através de financiamento público em distribuição de livros didáticos e paradidáticos, que se instauram pouco a pouco como uma importante fonte de renda para os editores, escritores, livreiros e demais agentes envolvidos na produção e distribuição de livros.

É certo que Ana Maria Machado escreve livros para todas as idades, mas os prêmios nacionais e internacionais que a consagraram são de livros destinados majoritariamente ao público infantil. Escrever como ofício é algo que Ana Maria Machado faz desde jovem, a autora já trabalhou como colaboradora em diferentes jornais e revistas.

O livro *Bisa Bia, Bisa Bel*, por seu tom memorialístico, estabelece conexão com o leitor e expõe a conexão intrínseca que a autora Ana Maria Machado tem com as mulheres de sua família, a avó, a mãe e posteriormente sua filha Luisa. No livro, quando Isabel dialoga com a bisavó e descobre coisas de antigamente, aprendemos um pouco sobre o mundo externo e interno da personagem, isso faz com que o leitor seja provocado a analisar esses seus mundos também. Afinal, as coisas nem sempre foram como são atualmente e os impactos disso podem ser sentidos em uma esfera individual. Votar, estudar, dirigir e trabalhar são exemplos simples de mudanças pelas quais as mulheres do século XX passaram a experimentar. Compreender as desigualdades de gênero faz parte da busca por uma sociedade mais igualitária e Ana Maria Machado fornece ao leitor certa bagagem cultural feminista através de seus textos, conforme aponta Zilberman (2017).

A representação da tríade temporal em *Bisa Bia, Bisa Bel* de Ana Maria Machado, representada pelas personagens femininas, é um elemento significativo que oferece aos leitores múltiplos caminhos para explorar durante a leitura. A personagem Isabel, através de suas escolhas, reflete a sua busca pela autenticidade diante dos sentimentos que ela experimenta.

Tomando por base o sentido expresso por Barthes, *Bisa Bia, Bisa Bel* proporciona muito mais que um texto de prazer, aquele associado a uma prática confortável da leitura. Se a narrativa desperta no leitor o movimento de erguer a cabeça para ouvir o que ecoa além do que nela está escrito, pode promover, concomitantemente, a tomada de consciência da realidade, favorecendo, assim, que seu interlocutor experimente o “prazer do texto”. (Bergami, 2015, p. 101)

Nesse sentido, de acordo com Bourdieu (2008), podemos considerar a família na obra analisada como instituição importante para fornecer o capital cultural que permite que se apreenda o mundo. Em *Bisa Bia, Bisa Bel* a família é composta pela representação da mãe, da bisavó do passado, da bisneta do futuro e da própria personagem Isabel que aprende, sobretudo em casa, como fazer suas escolhas enquanto mulher na sociedade.

A escola também é a outra instituição em destaque em *Bisa Bia, Bisa Bel*. Os conflitos pelos quais a personagem passa acontecem majoritariamente neste espaço. E, a personagem da professora Dona Sônia é outra representação feminina em destaque na narrativa. A sensibilidade desta personagem representa uma docência longe de ser considerada hegemônica nos anos 1980, contudo, ao representá-la, Ana Maria Machado torna possível uma docência mais sensível e humanista, que se aproxima dos ideais freireanos.

Entre os outros personagens que ensinam uma lição no ambiente escolar estão os gêmeos, Maria e Vítor. Esses personagens ensinam com suas ações: menina consertando bicicleta, menino chorando. E, além disso, ensinam quando discursam sobre o quão solitário pode ser o exílio e estar longe dos entes queridos por conta de ameaças políticas.

A escrita das mulheres não está apenas voltada a questões de gênero. Há que se considerar a multiplicidade de abordagens que diferentes autoras podem utilizar em seus escritos. Por exemplo, podemos afirmar que Clarice Lispector e Ana Maria Machado passaram a considerar a escrita de livros infantis após receberem convites. No caso de Clarice, de acordo com Silva (2020), o pedido veio de seu filho Pedro e de alguns editores. No caso de Ana Maria Machado o pedido foi feito por Sônia Robatto, editora da Revista Recreio. A escritora Marina Colasanti em uma entrevista afirmou “Não tem nada a ver. Eu tenho horror a essa conversa de “eu conto histórias maravilhosas pros meus netinhos, então agora vou fazer um livrinho”. Tenho horror. Isso é uma profissão” (Colassanti, 2015)²⁴.

Será que um autor também seria questionado em entrevista se sua literatura infantil se deve ao fato de ser pai? De fato, o contato direto com a infância facilita a aproximação com a linguagem infantil. Contudo, reduzir a produção infantojuvenil a maternidade apenas reforça as desigualdades de gênero presentes na sociedade.

²⁴ COLASSANTI, Marina. *Entrevista com Marina Colassanti* “Sou uma profissional, não uma babá”. Entrevistador: Jáder Santana. Fortaleza: Jonal o Povo, 2015. Disponível em: <https://www.marinacolasanti.com/2015/11/pagina-azuis.html> Acesso em: jul. 2022.

Portanto, a trajetória profissional das autoras de literatura infantojuvenil, no período da ditadura-cívico militar no Brasil, exemplifica a luta das mulheres na sociedade pela profissionalização da profissão de escritora, pela valorização da criança enquanto sujeito pensante e da perspectiva feminina na literatura infantojuvenil escrita por mulheres. E deve-se levar em conta de que a literatura infantil, ao abordar os valores em disputa na sociedade de forma crítica, pode influenciar a formação de novas perspectivas de futuro para as crianças, contribuindo para mudanças sociais mais amplas.

Entre os desdobramentos desta pesquisa pode-se buscar fontes sobre o financiamento dos programas: PNBE e PNLD, em busca de categorizar ou elucidar sobre quem foram os autores ou editoras privilegiadas na escolha dos livros, considerando que existem poucos trabalhos sobre estes programas, ou programas com a mesma finalidade, em voga no período da ditadura cívico-militar brasileira.

No âmbito das representações diversas análises podem ser exploradas. Outro horizonte de pesquisa seria entrevistar a autora Ana Maria Machado e, através da história oral, elucidar sobre a relação entre seus marcos de memória pessoal e sua produção literária.

Em uma possível continuação deste trabalho, seria interessante buscar compreender como a literatura brasileira se apresenta durante os anos 1964 a 1984 no Brasil através da produção literária da autora Ana Maria Machado. E assim, discutir as representações de gênero, política, educação e escola em suas obras contextualizando o período da ditadura cívico-militar no Brasil, relacionando-o com as transformações políticas, educacionais, sociais e culturais que podem ter influenciado as temáticas abordadas por Ana Maria Machado em suas obras.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura infantil: gostosuras e bobices*. 5a ed. São Paulo: Scipione, 2004.

ALVES, Claudia. Contribuições de Jean-François Sirinelli à história dos intelectuais da educação. *Educação e Filosofia* [online]. 2019, vol.33, n.67, pp.27-55. Epub Aug 30, 2021. ISSN 1982-596X. <https://doi.org/10.14393/revedfil.v33n67a2019-47879>.

ARAÚJO NETO, M. *Sobre a materialidade dos livros e seus sentidos*. *Revista de Letras*. n. 28, vol. 1/2 jan./dez. 2006.

ARIÈS, Philippe. *História social da criança e da família*. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

AURELL, J. (2014). *Textos autobiográficos como fontes historiográficas: relendo Fernand Braudel e Anne Kriegel / Autobiographical texts as historiographical sources: rereading Fernand Braudel and Annie Kriegel*. *História* (São Paulo); (1):340-364.

ALTHUSSER, L. *Aparelhos Ideológicos do Estado: nota sobre aparelhos ideológicos do Estado*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. RJ: Nova Fronteira, 1985.

BAKHTIN, M. M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec, 1987.

_____. Mikhail Bakhtin: *notas sobre literatura, cultura e ciências humanas*. Organização, tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; Notas da edição russa de Serguei Botharov. São Paulo: Editora 34, 2017.

BARBOSA, A. de P. *Construção de identidade de gênero em "Bisa Bia, Bisa Bel": uma leitura no contexto escolar social do aluno e da aluna*. 2019. 1153 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Profissional em Formação de Professores - PPGPPF).- Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande, 2019.

BASSANEZI, Carla. *Mulheres dos anos dourados*. In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

BEAUVOIR, Simone. *O segundo sexo II – A experiência vivida*. Tradução de Sérgio Milliet. 2. ed. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1967.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história*. Obras Escolhidas. Volume I. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERGAMI, Lucinei Maria. *O Trançar de Uma Trajetória: o feminino em Bisa Bia, Bisa Bel*, de Ana Maria Machado. 2015. 109 f. Dissertação, mestrado em Letras – do Centro de Ciências Humanas e Naturais da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, 2015.

BERNARDES, Elizabeth Lannes. *Jogos e brincadeiras: ontem e hoje*. Cadernos de História da Educação - n.º. 4 - jan./dez. 2005, p. 45-54.

BOJUNGA, Lygia. *A bolsa amarela*. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2010.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A., 1989.

_____. *Razões práticas: sobre a teoria da ação*. 9 ed. Campinas: Papirus, 2008.

BURKE, Peter. *O que é história cultural?*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. 165 p.

CAMBI, F. *História da Pedagogia*. Editora Unesp, 1999.

CAMPOS, Raquel Discini. *Mulheres e crianças na imprensa paulista: educação e história*. São Paulo: UNESP, 2009. <https://doi.org/10.7476/9788539304424>

_____, Raquel Discini. *No rastro de velhos jornais: considerações sobre a utilização da imprensa não pedagógica como fonte para a escrita da história da educação*. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, SP, v. 11, n. 1, p. 45- 70, 2012.

_____, Raquel Discini de. *Florianos Lemos no Correio da Manhã, 1906-1965*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.20, supl., nov. 2013, p.1333-1352. <https://doi.org/10.1590/S0104-59702013000400013>

CERTEAU, Michel. *A operação histórica*. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre. (Dir.) *História novos problemas*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1988.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro*. Do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun. 1ª reimpressão. Tradução Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Editora UNESP, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. *A literatura infantil: história – teoria - análise*. 2a ed. São Paulo: Quíron, 1982.

_____. *Tendências atuais da literatura feminina no Brasil*. In: COELHO, N. N. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Grd, 1989. P. 4-13.

CORDEIRO, Maisa Barbosa da Silva. *Feminismo e gênero: a literatura juvenil escrita por mulheres (1979-1984)*. Três Lagoas-MS: Tese de Doutorado em Estudos Literários (UFMS), 2019.

COSTALONGA, S. J. D. S. *A trajetória temporal da representação feminina em Bisa Bia, Bisa Bel de Ana Maria Machado*. PublishedVersion, Universidade Federal do Espírito Santo, 2016. <http://repositorio.ufes.br/handle/10/9193>.

D'INCAO, Maria Ângela. *Mulher e família burguesa*. In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 259-279.

CUNHA, L. A.; GÓES, M. *O golpe na educação*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

DARNTON, Robert. *O beijo de Lamourette*. in: Mídia, cultura e Revolução. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

ENGEL, M. Psiquiatria e feminilidade. In: PRIORE (org). *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004, p. 322.

FAILLA, Zoara (org.). *Retratos da leitura no Brasil*. Rio de Janeiro: Sextante, 2021.

FERREIRA, A.C. Literatura: a fonte fecunda. In: PINKSY, C; LUCA, T. (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009.

FIGUEIREDO, Daniela. Por que ler literatura com as crianças?. In: LIMA, Érica et al. *As crianças e os livros: Reflexões sobre a leitura na primeira infância*. Belo Horizonte: Ação Educativa, 2017. cap. Parte 2: Por que ler para crianças tão pequenas?, p. 80-101. ISBN 978-85-64559-08-0. Disponível em: https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/fundacao-municipal-de-cultura/2021/livro_aceol.pdf. Acesso em: 16 jun. 2023.

FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. 50. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira; LOPES, Eliane Marta Teixeira. *Território plural: A pesquisa em história da educação*. 1ª. ed. São Paulo: Ática, 2010. 112 p.

GINZBURG, Carlo. *Sinais, raízes de um paradigma indiciário*. In: Mitos, emblemas e sinais. SP: Cia das Letras, 1989.

GIULANI, Paola Cappelin. *Os movimentos de trabalhadoras e a sociedade brasileira*. In: DEL PRIORE, Mary; PINSKY, Carla B. (Orgs.). *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2013, p.640-667.

GOMES, Ângela de Castro; HANSEN, Patrícia Santos (Orgs.). *Intelectuais Mediadores: Práticas culturais e Ação Política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016. 490p.

GUILLIER, Béatrice. Apprendre à coudre ou savoir consommer? Les travaux d'aiguille dans les illustrés français pour petites filles du premier xx^e siècle. *Techniques & Culture*, 2022, p. 112-129. <https://doi.org/10.4000/tc.17450>

KULESZA, Bohdan Stanislaw. *Leitores como correspondentes: cartas de pequenos leitores à Ana Maria Machado*. Dissertação, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2010.

- LAJOLO, Marisa. A voz infantil da e na literatura infantil. In: COELHO, N. N. *Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea*. São Paulo: Grd, 1989. P. 16-32.
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. *Literatura infantil brasileira: uma nova outra história*. Curitiba: PUCPress, 2017.
- LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. Campinas: Unicamp, 2003.
- LIPOVETSKY, G. *A terceira mulher*. São Paulo: Cia das letras, 2000.
- LISPECTOR, Clarice. *O mistério do coelho pensante*. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.
- LOBATO, Monteiro. *A reforma da natureza*. São Paulo: FTD, 2019. Disponível em: https://issuu.com/editoraftd/docs/a_reforma_da_natureza_monteiro_lobato. Acesso em: jun. 2022.
- LOURO, Guacira Lopes. *Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MACHADO, A. M. *Bisa Bia, Bisa Bel*. 27ª edição. Rio de Janeiro: Salamandra, 1990.
- _____, A. M. *Era uma vez um tirano*. 2ª edição. São Paulo: Moderna, 2005.
- _____, A. M. *Esta força estranha: trajetória de uma autora*. 3ª edição. São Paulo: Atual Editora, 1996.
- _____, A. M. *História meio ao contrário*. 26ª edição. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- _____, A. M. *Raul da ferrugem azul*. 3ª edição. São Paulo: Salamandra, 2003.
- MELLO, Soraia Carolina. *Trabalho doméstico: coisa de mulher? Debates feministas no Cone Sul (1970 –1989)*. Rio de Janeiro: Ed. Multifoco, 2011. 197 p. <https://doi.org/10.18817/ot.v7i9.131>
- NEIVA, Renata Maria de Oliveira; CAMPOS, Raquel Discini. *A feira de utilidades de Clarice Lispector/Helen Palmer e a educação das mulheres no Correio da manhã (1959-1961)*. Cadernos de História da Educação, v. 13, n. 2, 2014, p. 736. <https://doi.org/10.14393/che-v13n2-2014-19>
- NETA, Maria da Conceição de Moraes Machado. *As duas faces de Eva: Rita Lee e o ser mulher no Brasil na segunda metade do século XX*. Dissertação (Mestrado em História do Brasil) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2022.
- NOGUEIRA, M. A. *A Sociologia da Educação do final dos anos 60/início dos anos 70: o nascimento do paradigma da reprodução*. Em Aberto, Brasília, v. 46, n.46, p. 49-58, 1990.

NOGUEIRA, M. A., NOGUEIRA, C. M. M. *Bourdieu & a Educação*. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

NUNES, Clarice; CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *Historiografia da educação e fontes*. Cadernos Anped, Porto Alegre, n. 5, p. 7-64, set. 1993.

NUNES, Maria José Rosado. Freiras no Brasil. In: PRIORE, Mary Del. *História das Mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2004.

NUNES, Maria Cléa. *O IMAGINÁRIO NA LITERATURA INFANTIL E JUVENIL E A FORMAÇÃO DO LEITOR*: um estudo do simbolismo na obra de Ana Maria Machado. 2012. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2012.

OLIVEIRA, Fernando Rodrigues de. *História do ensino da literatura infantil na formação de professores no Estado de São Paulo (1947-2003)*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. (Coleção PROPG Digital- UNESP). <https://doi.org/10.7476/9788579836688>

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. *Educação de Paulo Freire: Andarilho da Utopia em Diversos Contextos*. Inter-Ação. Goiânia, v. 42, p. 1-19, jan./abr. 2017. <https://doi.org/10.5216/ia.v42i1.43631>

OLIVEIRA, Lívio Lima de. *Indústria editorial e Governo Federal: o caso do Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e suas seis primeiras edições*. Tese de doutorado, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

OLIVEIRA, Peterson José. *Novela: um gênero polêmico*. Albuquerque: revista de História, Campo Grande, MS, v. 2, n. 3, p. 135-153, jan./jun. 2010. <https://doi.org/10.46401/ajh.2010.v2.3940>

PEDRO, J. M. *O feminismo de “segunda onda”*: corpo, prazer e trabalho. In: Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 238-259.

PERROT, M; MARTIN, A. Os atores. In: ARIÈS (org). In: *História da Vida Privada*, vol. 4. SP: Cia das Letras, 2002.

_____. *Minha história das mulheres*. SP: Contexto, 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. *História & História Cultural*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. 130 p.

PINSKY, C. B. *A era dos modelos flexíveis*. In: Carla Bassanezi Pinsky; Joana Maria Pedro. (Org.). *Nova História das Mulheres no Brasil*. 1ed. São Paulo: Contexto, 2012, p. 513-544.

PROST, Antonie. *Doze lições sobre a história*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

RAGO, Margareth. *A aventura de contar-se: Feminismos, escritas de si e invenções de subjetividade*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2013. <https://doi.org/10.7476/9788526814691>

_____. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar. Brasil – 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

REIS, P. J. F. M. *Paulo Freire – análise de uma história de vida*. Orientador: Dylia Lysardo-Dias. 2012. 199 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, 2012. Disponível em: <https://ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/mestletras/PRINCIPAL/Pollyanna.pdf>. Acesso em: 11 jun. 2023.

REVEL, Judith. *Foucault: conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz Editora, 2005.

ROCHA, Ruth. *O rezinho mandão*. 27. Ed. São Paulo: Salamandra, 2013.

SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Autores Associados, 2013.

SECO, Ana Paula; AMARAL, Tania Conceição Iglesias do. *Marquês de Pombal e a reforma educacional brasileira*. Faculdade de educação da UNICAMP, São Paulo, 2006.

SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. *Dicionário de conceitos históricos*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

SILVA, Lohanne Gracielle. *A alquimia como processo de criação: pulsações entre a escrita de Clarice Lispector e a escrita da história*. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2013.

_____, Lohanne Gracielle. *O mundo interno nas páginas infantis de Clarice Lispector: história, literatura e criação cultural*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2020.

SILVA, Tatianne Ellen Cavalcante. *MULHERES E DITADURA: AS CONSTRUÇÕES AUTOBIOGRÁFICAS COMO LUGAR DE RESISTÊNCIAS*. ANPUH Brasil - 30º Simpósio de História, Recife, p. 1-17, 22 jul. 2019. Disponível em: https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1565314262_ARQUIVO_Mulherese_ditadura-asconstrucoesautobiograficascomolugarderesistencias.pdf. Acesso em: 3 nov. 2020.

SILVA, Vanessa. *Por dentro da arte: um estudo comparado de Amigos secretos (1996), de Ana Maria Machado, e A casa da Luz (2002), de Xabier P. Docampo*. Dissertação, Universidade Estadual Paulista, Assis, 2010.

ROSA, Sônia. *O menino Nito*. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2006.

XAVIER, Libânia Nacif. Interfaces entre a história da educação e a história social e política dos intelectuais: conceitos, questões e apropriações. In: Gomes; Hansen (orgs.). *Intelectuais mediadores: práticas culturais e ação política*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

ZANELLO, Valeska. *Saúde mental, gênero e dispositivos* – Cultura e processos de subjetivação. Curitiba: Appris Editora, 2018.

ZILBERMAN, Regina. *Ana Maria Machado* – A audácia de uma escritora. Santa Maria: Editora Programa de Pós-Graduação em Letras, n. 49, Jan./Jun. 2017, p. 185-196. <https://doi.org/10.5902/2179219427280>

REFERÊNCIAS DE ENTREVISTAS DE ANA MARIA MACHADO

MACHADO, Ana Maria. *A dona da história*. [Entrevista concedida a] Silvana Tavano. Marie Claire, São Paulo, Edição 155, Fev/2004, p. Disponível em: <https://revistamarieclaire.globo.com/Marieclaire/0,6993,EML662680-1739-5,00.html>.

MACHADO, Ana Maria. O que leva uma criança a ler é o exemplo. Entrevistador: Rodrigo Casarim. São Paulo: UOL, 2016. Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2016/02/23/o-que-leva-uma-crianca-a-ler-e-o-exemplo-diz-ana-maria-machado-em-livro.htm>. Acesso em: dez. 2022

MACHADO, Ana Maria. *Literatura Infantil*. [Entrevista concedida a] Raphael Montes. Trilha de Letras, TV BRASIL, 2017. Disponível em: <https://tvbrasil.abc.com.br/trilha-de-letras/2017/07/literatura-infantil-e-tema-do-trilha-de-letras>.

MACHADO, Ana Maria. *Conversa com Bial*. [Entrevista concedida a] Pedro Bial. TV Globo, 2021, p. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9452682/>.